

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Liz Ribeiro Diaz

MASCULINO, O GÊNERO DO JORNALISMO?
**O tensionamento entre a representação da mulher na mídia tradicional e o movimento
feminista em redes sociais digitais**

Porto Alegre

2019

Liz Ribeiro Diaz

MASCULINO, O GÊNERO DO JORNALISMO?
**O tensionamento entre a representação da mulher na mídia tradicional e o movimento
feminista em redes sociais digitais**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Moura de Oliveira

Porto Alegre

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Cursos) intitulado **MASCULINO, O GÊNERO DO JORNALISMO? O tensionamento entre a representação da mulher na mídia tradicional e o movimento feminista em redes sociais digitais**, de autoria de **Liz Ribeiro Diaz**, estudante do curso de **Jornalismo**, desenvolvido sob minha orientação.

Porto Alegre, 24 de Junho de 2019

Assinatura:

Nome completo do **orientador**: Felipe Moura de Oliveira

Liz Ribeiro Diaz

MASCULINO, O GÊNERO DO JORNALISMO?

O tensionamento entre a representação da mulher na mídia tradicional e o movimento feminista em redes sociais digitais

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

M.^a Francielle Esmitez – UNISINOS

Prof.^ª. Dr.^ª. Thais Helena Furtado – UFRGS

Prof. Dr. Felipe Moura de Oliveira – UFRGS (Orientador)

Porto Alegre, 09 de julho de 2019.

Às mulheres primeiras a serem meus exemplos de luta:

Maria Clara,

Olga e

Nelly, em memória.

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Maria Clara e Eviltom, gratidão por acreditarem no meu potencial, compartilharem dos meus sonhos e por moverem até as montanhas para que eu os concretizasse. Sem seus esforços e abdições em nome da minha educação, a estrada até aqui teria sido mais tortuosa. Ao meu irmão, Lucas, reforço o que tenho repetido nos últimos anos: tenho muito orgulho de dizer que, com tua garra, inteligência e coragem, és a minha referência. Vê-lo em novos desafios, me motiva e engrandece minha admiração. Aos meus avós paternos, Olga e Ruiz, por serem símbolo de amor, ternura e empatia. Referencio aqui também meus avós maternos, Nelly e Antônio, em memória, dos quais herdei a paixão pelo conhecimento e pelo desejo de evolução contínua. A toda minha família aqui representada, o meu eterno e inestimável amor.

Àquelas que se tornaram família pelo afeto. À minha amiga Martina, que tem trazido, há seis anos, mais leveza e alegria para encarar angústias, medos e desafios. À Yasmin, que sempre me esperou de braços abertos e acreditou em mim mesmo nos momentos em que eu achei que fosse incapaz. Às minhas parceiras de graduação, Antonella, Deborah, Paula e Vanessa, que compartilham das memórias mais especiais dessa jornada – vocês estiveram no meu primeiro programa de rádio, no primeiro telejornal, na primeira fotorreportagem e, tenho certeza, que estarão em todas as outras etapas que virão. Em especial à Deborah por toda dedicação à revisão deste trabalho.

Ao meu professor e orientador, Felipe, registro que nenhuma palavra expressa aqui seria suficiente: conseguistes, em dois semestres, despertar em mim a esperança de que podemos ser agentes de transformação através de um jornalismo ético, qualificado e, principalmente, humano. À querida Thais, professora, coordenadora de curso, integrante da banca e paraninfa, todo meu respeito, admiração e carinho, trouxestes novos ares para esta instituição de ensino. À integrante da banca examinadora, Francielle, agradeço a disponibilidade, a troca de experiências e a partilha de conhecimentos. À Marcia, pelo diálogo e contribuição intelectual a este trabalho. Estendo aqui meu agradecimento a todos os professores que lutam pela educação. Em tempos de ataques e acusações infundadas à prática do ensino, integrar o corpo docente de uma Universidade Pública como a UFRGS e seguir entregando o seu melhor faz de cada um de vocês dignos do nosso mais sincero reconhecimento.

*nem todo mundo vai compreender
isso tudo que você é
o que não significa
que você deve se esconder
ou se calar*

*o mundo tem medo
de mulheres extraordinárias*

Ryane Leão

RESUMO

Esta monografia objetiva compreender se e como o movimento feminista organizado de forma espontânea nas redes sociais digitais incidiu no jornalismo a ponto de promover transformações na forma como a mulher é representada pelos meios de comunicação tradicionais. Para isso, mobiliza teorias do campo do Jornalismo e dos Estudos de Gênero que fornecem material empírico para análise de como o discurso jornalístico é perpassado pelas relações de gênero. São reunidas teorias que recortam o jornalismo como construção social que produz um discurso que é atravessado por valores simbólicos relacionados a diversos marcadores sociais entre os quais o gênero é destacado. Para chegar a esse diálogo entre jornalismo e gênero, partimos da compreensão de acontecimento jornalístico relacionando-a aos conceitos de mapas culturais de significado, de tribo jornalística e de poder simbólico. A discussão avança para o ambiente digital por meio do conceito de ciberacontecimento. Para os estudos de gênero são priorizadas as teorias pós-estruturalistas que questionam a polarização binária masculino-feminino com destaque para a problematização em torno da heteronormatividade como padrão de conduta social. A trajetória histórica do movimento feminista, bem como a posição protagonista da América Latina na contemporaneidade, fixa as bases para compreensão das novas dinâmicas do movimento nas redes sociais digitais. O qual é compreendido por meio da discussão sobre ciberativismo, exemplificado nos três períodos de análise: as Jornadas de Junho de 2013, a Primavera Feminista de 2015 e a campanha Ele Não de 2018. Como método, foi escolhida a Análise de Discurso, para a qual foram selecionadas matérias veiculadas pelo G1, portal de notícias mais acessado no país, segundo o Instituto Verificador de Comunicação, sobre as mobilizações, bem como outras três subsequentes aos movimentos que abordassem outras temáticas na qual a mulher é elemento da narrativa. Por meio do material produzido e analisado, é possível aferir que o jornalismo, assim como outras instituições detentoras de poder simbólico, constitui e é constituído de gênero. Nesse sentido, é compreendido como prática generificada que contribui para a engrenagem que movimenta esse ciclo heteronormativo.

Palavras-chave: Gênero. Redes Sociais. Feminismo. Ciberacontecimento. Ciberativismo.

ABSTRACT

This monograph reflects on the hypothesis that the feminist movement articulated on digital social media has been applying pressure in favor of the women's representation in the traditional media. Therefore, it mobilizes theories from Journalism and Gender Studies to provide sufficient empirical material for the analysis of how journalistic discourse is permeated by gender relations. There are collected theories that bring journalism as a social construction which produces a discourse based on symbolic values related to several social markers among which gender is highlighted. In order to reach this dialogue between journalism and genre, we begin with the understanding of journalistic events by relating them to the concepts of cultural maps of meaning, journalistic tribe and symbolic power. The discussion advances to the digital environment through the concept of cyberevents. For Gender Studies, the post-structuralist theories that question male-female binary polarization are prioritized. The outstanding is for the problematization of heteronormativity as a pattern of social conduct. The historical trajectory of the feminist movement, as well as the leading position of contemporary Latin America, establishes the basis for understanding the new dynamics of the movement in digital social media. This is explained through the discussion on cyberactivism, exemplified in the three periods of analysis: the June Days in 2013, the Feminist Spring in 2015 and the Not Him campaign in 2018. As a method, it was chosen Discourse Analysis, for which were selected articles published by the G1, the most accessed news portal in the country, according to the Verifier Institute of Communication, about the demonstration, as well as three others subsequent to the movements that dealt with other themes in which women are an element to the narrative. Through the material produced and analyzed, it is possible to verify that journalism, like other institutions with symbolic power, constitutes and is constituted of gender. In this sense, it is understood as a gendered practice that contributes to the gear that drives this heteronormative cycle.

Keywords: Gender. Social Media. Feminism. Cyberevent. Cyberactivism.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: Após a publicação da manchete no dia 06 de março de 2019 e, em consequência da uma forte crítica e mobilização nas redes sociais, o site atualizou 24 horas após a publicação. | 13 |
| Figura 2: Polêmica sobre cor de vestido é exibida pelo Jornal Nacional, da Rede Globo, no dia 27/02/2015..... | 24 |
| Figura 3: A estadunidense Wired publicou, no dia 26/02/2015, matéria intitulada "O porquê ninguém concorda sobre a cor deste vestido"..... | 25 |
| Figura 4: Tweet do youtuber Júlio Cocielo do dia 30/06/2018..... | 25 |
| Figura 5: Jornal O Estado de S. Paulo publica matéria sobre a repercussão do tweet de Cocielo nas redes sociais..... | 26 |
| Figura 6: A performatividade dos protestos feministas contemporâneos representada em registros compartilhados em redes sociais com as hashtags #marchadasvadiasrj e #marchadasvadiassp..... | 54 |
| Figura 7: Mulheres utilizam hashtag #PrimeiroAssédio para compartilharem relatos de assédio sexual..... | 55 |
| Figura 8: Gráfico gerado a partir de análise de amostra de 3.111 menções no Twitter com a hashtag #PrimeiroAssédio..... | 56 |
| Figura 9: #MeuAmigoSecreto denuncia abusos anonimamente..... | 57 |
| Figura 10: Levantamento da repercussão da #MeuAmigoSecreto em 24 horas..... | 58 |
| Figura 11: Cartaz de manifestante no Rio de Janeiro faz alusão à declaração do presidente Jair Bolsonaro em que afirma que sua filha mulher foi uma fraquejada sua..... | 61 |
| Figura 12: Atos da campanha #EleNão reuniram milhares em todo País..... | 62 |
| Figura 13: Campanha #EleNão na BBC Brasil..... | 62 |
| Figura 14: Campanha #EleNão na Folha de São Paulo..... | 63 |
| Figura 15: Campanha #EleNão no HuffPost..... | 63 |
| Figura 16: Ato #EleNão em Londres..... | 64 |
| Figura 17: Madonna se manifesta em apoio ao #EleNão..... | 64 |
| Figura 18: Casos de assédio sexual na infância compartilhados na campanha #PrimeiroAssédio..... | 73 |
| Figura 19: ONG Think Olga criou a campanha #PrimeiroAssédio em seu Twitter..... | 74 |
| Figura 20: Direitos Humanos Brasil utiliza hashtag para divulgar ferramentas de denúncia .. | 75 |

| | |
|--|----|
| Figura 21: Sequência Discursiva nº 7..... | 76 |
| Figura 22: Sequência Discursiva nº 9..... | 76 |
| Figura 23: Sequências Discursivas 9 e 10 | 77 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1. INTRODUÇÃO | 12 |
| 2. JORNALISMO E GÊNERO | 20 |
| 2.1. O PODER SIMBÓLICO DO DISCURSO JORNALÍSTICO | 20 |
| 2.2. A (DES)POLARIZAÇÃO DO CONCEITO DE GÊNERO | 27 |
| 2.3. JORNALISMO: UMA PRÁTICA GENERIFICADA | 31 |
| 3. MOVIMENTO FEMINISTA EM REDES SOCIAIS DIGITAIS | 35 |
| 3.1. TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO FEMINISTA: PERSPECTIVAS A PARTIR DO NORTE E DO SUL GLOBAL | 35 |
| 3.1.1. Feminismo no Brasil | 41 |
| 3.1.2. A quarta onda do feminismo e o protagonismo do Sul Global | 44 |
| 3.2. MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDES SOCIAIS DIGITAIS: O CIBERATIVISMO FEMINISTA | 47 |
| 3.2.1. Jornadas de Junho | 51 |
| 3.2.2. Primavera Feminista | 55 |
| 3.2.3. Ele Não | 60 |
| 4. MASCULINO, O GÊNERO DO JORNALISMO? TENSÕES ANTE AO FEMINISMO E O AMBIENTE DIGITAL | 66 |
| 4.1. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE..... | 66 |
| 4.2. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS | 69 |
| 4.3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 81 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 85 |
| REFERÊNCIAS | 88 |
| APÊNDICES | 95 |
| ANEXOS | 103 |

1. INTRODUÇÃO

“Jovem tem 80% do corpo queimado após ser flagrada na cama com o cunhado”. A manchete machista, estereotipada e deturpada do fato é do portal r7, do dia 6 de março - dois dias antes do Dia Internacional da Mulher - e contradiz a própria matéria que relata a dupla violência: o abuso por parte do cunhado e a tortura pelo namorado. 24 horas depois da publicação, a mobilização massiva das redes sociais digitais resultou na atualização da chamada para “Mulher passa mal, é abusada pelo cunhado e torturada pelo namorado” (ver Figura 1). Isabela Miranda de Oliveira, 19 anos, entrou para as estatísticas de feminicídios¹ no Brasil, onde uma mulher é morta a cada duas horas, segundo o Monitor da Violência. O levantamento, realizado por uma parceria entre G1, Núcleo de Estudos de Violência da USP e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, aponta para um aumento de 12% no número de registros de feminicídio, se em 2017 foram registrados 1.047 feminicídios, em 2018 o número chegou a 1.173. Só nos dois primeiros meses de 2019, o Ligue 180 – Central de Atendimento à Mulher, recebeu 18 mil denúncias, entre casos de cárcere privado, feminicídio, trabalho escravo, tráfico de mulheres e violências física, moral, obstétrica e sexual, superando o mesmo período do ano anterior em 36,9%, segundo dados divulgados pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Os números de violência à mulher são assustadores, mas todos esses números têm nomes. Isabela, Thaís, Tailine, Maria e Elaine². Queimada, estrangulada, morta a tiros, esfaqueada e espancada. E esses nomes e as formas brutais como essas vidas são encerradas alertam para a necessidade de discutirmos privilégios ligados às relações de gênero.

¹ Feminicídio está tipificado, no Código Penal brasileiro, como o assassinato de uma mulher cometido por razões da condição de sexo feminino, quando o crime envolve violência doméstica e familiar e/ou menosprezo ou discriminação à condição de mulher. A Lei nº 13.104 de 9 março de 2015 altera o art. 121 do Código Penal, incluindo o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio.

² Isabela Miranda de Oliveira, 19 anos, teve o corpo queimado pelo namorado, no dia 3 de março, na Grande São Paulo; Thaís de Andrade, 29 anos, morreu estrangulada pelo namorado, no dia 5 de março, em Borborema (SP); Tailine Correa, 22 anos, foi morta a tiros e facadas pelo companheiro, no dia 30 de março, em Caxias do Sul (RS); Maria Cícera Ferreira da Silva, 39 anos, foi morta com três golpes de faca pelo ex-companheiro, no dia 3 de maio, em Ibataguara (AL); Elaine Perez Caparroz, 55 anos, foi espancada durante quatro horas em primeiro encontro, no dia 16 de fevereiro, no Rio de Janeiro (RJ). Fonte: G1.

Figura 1: Após a publicação da manchete no dia 06 de março de 2019 e, em consequência da uma forte crítica e mobilização nas redes sociais, o site atualizou 24 horas após a publicação.



Fonte: Reprodução/Observatório da Imprensa.

O jornalismo, enquanto participante ativo na produção de sentidos, na formação de valores e nas relações de poder, pode, por meio da linguagem, das representações e da hierarquização de informações, fortalecer desigualdades reproduzindo discursos heteronormativos - conceituados por Veiga da Silva (2014) como padrões socioculturais ocidentais baseados em sistemas de valores que produzem hierarquias sociais (RUBIN, 1993³ *apud* VEIGA DA SILVA, 2014) que pressupõem a heterossexualidade compulsória como norma (BUTLER, 2019). Esse papel que o jornalismo assume no plano simbólico, confere a mídia um lugar central na interação entre valores sociais e culturais, instâncias de poder e sociedade em geral, de modo que não só participa como se retroalimenta do que é produzido nessas esferas, reproduzindo uma instância de poder (VEIGA DA SILVA, 2014).

Em 2012, em seu discurso no TEDxEuston, que se tornaria o livro “Sejamos Todos Feministas”, Chimamanda Adichie questiona “Por que usar a palavra feminista?”, a qual ela mesma responde: “[...] Por séculos os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais excluía e oprimia o outro. É no mínimo justo que a solução para esse problema esteja no reconhecimento desse fato” (ADICHIE, 2015, p. 43). Texto que me aproprio para resumir minha trajetória com o movimento feminista. O feminismo engatinhava dentro de mim na minha adolescência, ainda na educação básica, por uma vontade de ser ouvida e de ser respeitada. No entanto, nessa época, ser chamada de feminista era um pouco assustador, havia uma responsabilidade implícita que eu não acreditava ter conhecimento o suficiente para carregar. Foi na graduação, mais precisamente na Faculdade de Biblioteconomia e

³ RUBIN, Gayle. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality, In: ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle e HALPERIN, David. The Lesbian and Gay Studies Reader. Nova York: Routledge, 1993.

Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, entre tantas mulheres plurais que reafirmavam todos os dias o seu direito de estar em uma universidade pública e que lutavam para estarem ali, que eu entendi que a minha compreensão de que eu, enquanto mulher deveria ser ouvida e respeitada fazia de mim, sim, uma feminista. E que a responsabilidade desse termo não deveria ser temida.

Muitos foram os episódios dentro da Universidade que me colocaram a refletir sobre o feminismo e essa responsabilidade. Um deles tem relação direta com a escolha do objeto de pesquisa desta monografia. Em 2016, no quarto semestre do curso de jornalismo, na extinta cadeira de Impresso II, recebemos a pesquisadora Marcia Veiga para conversar sobre sua dissertação que deu origem ao livro “Masculino, o gênero do jornalismo: Modos de produção das notícias”, publicado em 2014, pela Editora Insular. A pesquisa traz como questionamento central “quais as concepções de gênero dos jornalistas, e de que maneira elas atravessam a produção de notícias e contribuem para reproduzir, manter, re-significar ou transformar padrões sociais normativos de desigualdade através do jornalismo” (VEIGA DA SILVA, 2014, p. 38). Debate que me remeteu a ideia de responsabilidade da mulher jornalista de utilizar esse espaço de fala não somente para abordar temas relevantes na luta contra a desigualdade de gênero como para ressignificar as formas de representação da mulher em pautas recorrentes no cotidiano das redações. Como afirma a professora da UFRJ Carla Rodrigues “as mulheres na academia hoje têm essa imensa função de trazer as mulheres ainda mais para o espaço público” (FARIAS; MORAES, 2019, p. 207).

Dessas reflexões surge o primeiro foco deste projeto de monografia - a representação da mulher pelo jornalismo, no entanto, busca-se uma relação com outro foco de análise. Em 2010, quando da realização da banca de Marcia Veiga, as redes sociais digitais ainda não eram consolidadas. No entanto, em meados de 2011, segundo uma das correntes teóricas do feminismo, teríamos entrado na chamada “quarta onda feminista”. Nessa perspectiva, que divide a história do feminismo em “ondas”, o mais relevante para fins de estudo deste Trabalho de Conclusão de Curso é que a quarta onda é caracterizada pelo ciberativismo e pelo protagonismo latino-americano. Segundo Cazarré (2016), a quarta onda do feminismo é marcada pela popularização e pela democratização do feminismo na rede ou através dela. As reivindicações da quarta onda são diversas e as temáticas do movimento nas ondas anteriores são revisitadas: a principal característica da quarta onda do feminismo não é o que aborda, mas sim a massificação e horizontalização das pautas feministas (CAZARRÉ, 2016). A

especialista em gênero e uma das fundadoras do movimento argentino Ni Una Menos, Cecília Palmeiro, afirmou, em entrevista à Revista Cult, em novembro de 2017: “se vivemos uma quarta onda do feminismo, esta é tipicamente latino-americana”. No Brasil, destacam-se a organização de uma frente feminista durante as Jornadas de Junho de 2013; as campanhas #PrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto em 2015; e, mais recentemente, em 2018, a criação do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro e, conseqüentemente, a mobilização #EleNão, contra o então candidato à presidência, Jair Bolsonaro.

Da forma que o movimento se articula nas redes sociais digitais, as pautas feministas já se constituem como públicas e tem um potencial de propagação que independe da mediação do jornalismo para existirem como acontecimento (BENETTI, 2010b). Ao produzirem suas próprias narrativas no ambiente digital, campanhas como o #MeuAmigoSecreto e o #EleNão, dependendo do grau de conectividade e compartilhamento, pautam o jornalismo, caracterizando-se como ciberacontecimentos (HENN, 2014). Quando associadas às ideias do movimento feminista organizado nas redes sociais digitais ao conceito de ciberacontecimento que pauta o jornalismo, cria-se a hipótese dessas mobilizações sociais no ambiente digital refletirem na abordagem de gênero feita pelo jornalismo. Por isso, esse trabalho se propõe a responder a questão: Como o movimento feminista articulado em redes sociais digitais incidiu na forma como o jornalismo representa a mulher? Com o objetivo de compreender se e como o movimento feminista organizado de forma espontânea⁴ nas redes sociais digitais incidiu no jornalismo a ponto de promover transformações na forma como a mulher é representada pelos meios de comunicação tradicionais.

O desejo de trabalhar a intersecção entre gênero e jornalismo, especialmente no ambiente digital, em minha monografia, levou à pesquisa do que já havia sido explorado por outros pesquisadores em torno da temática. Não foram encontrados trabalhos que fizessem a leitura da representação da mulher pelo jornalismo em relação às expressões do movimento feminista nas redes sociais. No entanto, percebe-se um aumento significativo na abordagem de estudos de gênero entre os trabalhos de conclusão de cursos de comunicação social na Universidade Federal do Rio Grande do sul nos últimos anos, principalmente entre 2016 e 2018. Alguns exemplos desse movimento são as produções “Violência de gênero contra a mulher e a construção social da notícia: uma análise de casos de feminicídios no G1” de

⁴ Espontâneo, neste trabalho, é usado para representar um movimento não ortodoxo, a exemplo da Marcha Mundial de Mulheres.

Luana Casagrande (2016) e “Atravessando as fronteiras do gênero e da sexualidade: uma análise da trajetória de representações Queer na publicidade nas últimas três décadas” de Graziela Gomes de Brum (2017). Dois trabalhos foram identificados como pioneiros nessa abordagem no âmbito da graduação: “Jornalismo e identidades coletivas: representações de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros no portal Mix Brasil” de Carolina Maia de Aguiar (2011) e “Mulheres fortes e homens de sucesso: uma análise das representações de gênero identificadas no caderno Dinheiro do jornal Zero Hora” de Julianne Maia Gazzoni (2013). Considerando todos os níveis de pesquisa, a vanguarda de estudos de gênero na UFRGS é de Marcia Veiga (2010) com sua dissertação já citada e que me acompanha durante toda a pesquisa. No que diz respeito ao uso do ambiente digital pelos movimentos sociais, destaco os trabalhos de conclusão de graduação de Camila Santos Henriques (2014), intitulado “Comunicação e movimentos sociais na era da internet: uma análise do movimento Marcha da Vadias no Facebook”, e de Carolina Kauer (2018), “Mobilização social e comunicação para igualdade de gênero: um estudo da campanha da ONU Mulheres EllesPorElas”. Esse maior interesse pela temática dentro da Academia não é só perceptivo como comprovado: uma pesquisa realizada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico aponta que os debates sobre gênero correspondiam, em 2018, a 272 grupos (coletivos, grupos de pesquisa, grupos de trabalho, linhas de pesquisa etc.) entre os registrados pelos diretórios de grupos de pesquisa no Brasil. Além disso, todos os estados brasileiros têm pelo menos um grupo que se detêm a estudar gênero. A maioria deles concentra-se na região Sudeste, seguida pelo Nordeste. Outro dado interessante é que, quando o critério é interseccionalidade de gênero, raça e diversidade sexual, a região com maior número de grupos é a Nordeste, onde se trabalha a composição étnica da maioria dos estados.

O segundo capítulo do presente trabalho é destinado a costurar as teorias construcionistas do jornalismo às perspectivas pós-estruturalistas dos estudos de gênero. Para isso, são mobilizados conceitos que ofereçam um recorte do jornalismo como construção social que produz um discurso perpassado por valores simbólicos relacionados a diversos marcadores sociais entre os quais o gênero é destacado. Para chegar a esse diálogo entre jornalismo e gênero, partimos da compressão de acontecimento jornalístico (BENETTI, 2010b) relacionando-a aos conceitos de mapas culturais de significado (HALL *et al*, 1993), de tribo jornalística (TRAQUINA, 2005) e de poder simbólico (BOURDIEU, 1989). A discussão avança para o ambiente digital pincelando conceitos que serão retomados no capítulo 3:

ciberacontecimento (HENN, 2014) e espalhamento (BITTENCOURT, 2015). Em um segundo momento, são abordados os estudos de gênero, com forte influência da leitura de Veiga da Silva (2014). Nesse contexto, é problematizada a polarização binária masculino-feminino bem como a heteronormatividade compulsória (BUTLER, 2019).

No terceiro capítulo, é apresentada a trajetória histórica do movimento feminista a partir da perspectiva das “ondas” feministas. Sua origem é atribuída ao Norte Global, no entanto é destacada a posição protagonista da América Latina na contemporaneidade, na chamada “quarta onda”, a qual possui como característica principal o ciberativismo. Além disso, são fixadas as bases para compreensão das novas dinâmicas do movimento nas redes sociais digitais. Para isso, retomamos o conceito de ciberacontecimento (HENN, 2014) e acrescentamos a discussão sobre ciberativismo (LEMOS, 2009). O capítulo conta ainda com a descrição dos três momentos a serem analisados neste trabalho: as Jornadas de Junho de 2013, a Primavera Feminista de 2015 e a campanha Ele Não de 2018.

O quarto capítulo é destinado à descrição e análise do *corpus*, bem como a discussão dos resultados obtidos. A Análise de Discurso (AD) é a metodologia utilizada, pois trabalha muito bem com identificação de sentidos, visto que o jornalismo é compreendido como um lugar de circulação e produção de sentidos (BENETTI, 2010a). Para aplicar esse método é necessário compreender que o texto é a parte visível de um todo mais complexo que envolve um processo exterior e anterior que inicia na sociedade, na cultura, na ideologia e no imaginário. Nesse sentido, o texto jornalístico apresenta duas camadas: a discursiva, mas visível; e a ideológica, exposta somente quando aplicado o método. A camada ideológica do discurso está ligada às intersubjetividades que o constituem, por isso está subordinado a enquadramentos sociais e culturais. Nesse sentido, para compreendê-lo é necessário também conhecer contextos. Segundo Benetti (2010a), a produção de sentidos está inserida nesse contexto que formata o sistema de significação em que o indivíduo e, por tanto, seu discurso, está inscrito. “Esse sistema é formado pela língua, pela cultura, pela ideologia e pelo imaginário” (BENETTI, 2010a, p. 109). Ao refletir sobre atravessamentos de gênero de uma narrativa, antes se deve recorrer às construções históricas e sociais do próprio conceito de gênero e de como as relações sociais foram afetadas. Através da AD, é possível percorrer “este movimento de instauração de sentidos, que exige compreender os modos de funcionamento de um discurso” (BENETTI, 2010a, p. 109). Quando aplicada a análise no

corpus do presente estudo, torna-se visível os modos de operação do Enunciador “Machismo” nos diferentes períodos e por meio de distintas regiões de sentidos.

Colocando o método em prática, foram selecionadas, para essa monografia, 13 matérias veiculadas pelo G1, portal de notícias mais acessado no país, segundo o Instituto Verificador de Comunicação. O período de análise foi delimitado tendo como marco inicial a defesa do trabalho de mestrado da pesquisadora Marcia Veiga, submetido à banca examinadora em maio de 2010, e como marco final o último movimento representativo feminista em rede no Brasil - a campanha #EleNão, de outubro de 2018. Para o desenvolvimento do projeto, foram fragmentados três períodos, compreendidos como representativos para o objeto de estudo: os anos de 2013, 2015 e 2018. A representatividade desses anos foi definida pelo marco de campanhas de ordem de gênero difundidas de forma espontânea nas redes sociais digitais.

Em 2013, durante as Jornadas de Junho, as pautas feministas surgem nas redes sociais, bem como inicia uma reestruturação do movimento. Já o ano de 2015 é caracterizado pela Primavera Feminista, movimento mundial, que, no Brasil, é impulsionado pelo projeto de lei do deputado Eduardo Cunha para dificultar o aborto legal em caso de estupro e pelo caso de assédio dirigido a uma menina de 12 anos participante do programa de televisão *Masterchef*, e que teve como símbolos as *hashtags* #PrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto. A #PrimeiroAssédio foi lançada pela ONG Think Olga⁵, que divulgou levantamento que revelou que, em um universo de 30 mil menções, a média de idade do primeiro assédio era de 9,7 anos. O último período é uma referência às eleições à presidência de 2018, quando, em um mês, segundo notícia da BBC Brasil, 3,88 milhões de mulheres se reúnem em um grupo no Facebook para organizarem mobilização contrária ao então candidato do PSL, Jair Bolsonaro, e seus posicionamentos de cunho machista⁶. Em menos de 15 dias de mobilização, a principal

⁵ A Think Olga é uma ONG feminista criada em 2013, com o objetivo de empoderar mulheres por meio da informação. O projeto é um hub de conteúdo que aborda temas importantes para o público feminino de forma acessível.

⁶ “Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma mulher” Disponível em <<https://exame.abril.com.br/brasil/piada-de-bolsonaro-sobre-sua-filha-gera-revolta-nas-redes-sociais/>>. “Eu sou um liberal, se eu quero empregar na minha empresa você ganhando R\$ 2 mil por mês e a Dona Maria ganhando R\$ 1,5 mil, se a Dona Maria não quiser ganhar isso, que procure outro emprego!” Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2018/08/confira-a-entrevista-dada-por-bolsonaro-em-2014-citada-pelo-candidato-no-jornal-nacional-cjkfdf5op00ns01muzcwifyo8.html>>. “Fica aí, Maria do Rosário, fica. Há poucos dias, tu me chamou de esturador, no Salão Verde, e eu falei que não ia esturpar você porque você não merece” Disponível em <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/12/bolsonaro-repete-que-nao-estupra-deputada-porque-ela-nao-merece.html>>

hashtag utilizada pelo movimento, a #EleNão, havia sido mencionada 1,2 milhão de vezes, de acordo com notícia da Época Negócios. O movimento iniciado nas redes sociais deu origem a manifestações nas ruas que mobilizaram 18 capitais e outras 65 cidades, conforme noticiado pelo jornal El País.

Delimitados os períodos de análise, foram selecionadas notícias veiculadas pelo portal G1 sobre as mobilizações, as quais denominamos notícias-símbolo do período, bem como outras três subsequentes aos movimentos que abordassem outras temáticas na qual a mulher é elemento da narrativa. Seguindo o método de Análise de Discurso proposto por Márcia Benetti (2010b), foram identificadas as Formações Discursivas (FDs) de cada uma das matérias e, por conseguinte, mapeados os sentidos nucleares e destacadas as marcas discursivas presentes nessas formações. Por meio da parte visível dos textos - as expressões que vão ao encontro dos sentidos das Formações Discursivas (FDs), os discursos foram interpretados a partir do que não foi dito. Para esse passo da análise, o estudo recorre aos autores das pesquisas de estudos de gênero, tais quais Butler (2019), Louro (1997) e Veiga da Silva (2014). A Análise de Discurso identifica as vozes que falam através dos sentidos do texto, pois o discurso jornalístico é dialógico e idealmente polifônico: há a voz das fontes, do jornalista que assina o texto, da empresa jornalística, de quem o lê e de todos os valores compartilhados pela sociedade em que as demais vozes estão inseridas.

A análise parte da premissa desta pesquisa de que há um Enunciador comum que fala por meio de todos os locutores das notícias: o Machismo. A partir do entendimento de que o machismo é estrutural na sociedade, desdobra-se o *corpus* de forma a compreender como o discurso jornalístico é atravessado pelas relações de gênero e como esse padrão heteronormativo opera. Assim, percebemos que o machismo é reproduzido nos discursos por ser naturalizado. Contudo, as redes sociais digitais trazem nuances que promovem pequenas transformações nas narrativas que representam a mulher bem como oferecem um ambiente propício para o movimento feminista exercer a pressão necessária para que essas mudanças sejam efetivas.

2. JORNALISMO E GÊNERO

Das inquietações que movem este trabalho, a intersecção entre o jornalismo e os estudos de gênero ocupa espaço central. Portanto, este segundo capítulo reúne teorias que recortam o jornalismo como construção social que produz um discurso perpassado por valores simbólicos relacionados a diversos marcadores sociais entre os quais o gênero é destacado. Para chegar a esse diálogo entre jornalismo e gênero, partimos da compreensão de acontecimento jornalístico (BENETTI, 2010b) relacionando-a aos conceitos de mapas culturais de significado (HALL *et al*, 1993), de tribo jornalística (TRAQUINA, 2005) e de poder simbólico (BOURDIEU, 1989). A discussão avança para o ambiente digital pincelando conceitos que serão retomados no capítulo 3: ciberacontecimento (HENN, 2014) e espalhamento (BITTENCOURT, 2015).

Em um segundo momento, são abordados os estudos de gênero, com forte influência da leitura de Veiga da Silva (2014). Neste contexto, priorizo as teorias pós-estruturalistas para conceituar gênero e tensionar a polarização binária masculino-feminino. Butler (2019) é autora de destaque nessa bibliografia devido a sua problematização entorno da heteronormatividade como padrão de conduta social. Além dessas autoras, ainda são referenciadas Beauvoir (2009), Connell e Pearse (2015), Louro (1997), Saffioti (1992) e Scott (1995). A última parte é destinada a costurar as teorias do jornalismo e os estudos de gênero, de forma a sedimentar as bases para encaminhar as reflexões para o ambiente digital.

2.1. O PODER SIMBÓLICO DO DISCURSO JORNALÍSTICO

O jornalismo se caracteriza como discurso desde o momento em que um sujeito aplica uma percepção, acompanhada de valores e experiências subjetivas, a um fenômeno, tornando-o acontecimento. Esta percepção do indivíduo é derivada das normas de um ecossistema ao qual o acontecimento estará sempre relacionado; o ecossistema é, portanto, fundamental para determinar se um fato é um acontecimento (ALSINA, 2009). O jornalismo seria então um ecossistema que, entre suas regras, prioriza a excepcionalidade e o desvio da norma de um fato para defini-lo como acontecimento jornalístico. “É acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história entre uma multiplicidade de fatos virtuais⁷”, metaforiza

⁷ Fatos virtuais são aqueles passíveis de atualização por um discurso (BENETTI, 2010b).

Rodrigues (1993, p. 27) sobre a compreensão comum de que a realidade social é linear. No entanto, a realidade é constituída por fenômenos sociais diversos que impactam as pessoas de diferentes formas e em graus distintos devido ao índice de notabilidade que tem para aquele indivíduo específico. Benetti (2010b) aponta que, para a “tribo” (TRAQUINA, 2005) dos jornalistas, o principal critério de notabilidade é o desvio:

O que ocorre é que os índices de notabilidade capazes de chamar a atenção dos sujeitos que escrevem a história - os sujeitos que a percebem e a transformam em narrativa - são, no jornalismo, guiados por critérios que exigem ruptura, repentina ascensão, acidente ou desvio (BENETTI, 2010b, p. 145).

Essa lógica, conforme destaca Benetti (2010b), carrega em si uma perversidade: muitos fenômenos sociais que deveriam permear o debate público não têm lugar no jornalismo porque historicamente se tornaram invariantes, como é o caso da fome, das desigualdades, das injustiças sociais e, acrescento aqui, dos debates de ordem de gênero. “São fatos clinicamente percebidos como ordinários ou comuns e que, por isso, não alcançam os requisitos que lhes permitiriam ocupar o estatuto de acontecimento jornalístico” (BENETTI, 2010b, p. 146). Para interpretar e atribuir sentido aos acontecimentos, o jornalismo faz uso de mapas culturais de significado (HALL *et al*, 1993), que reúnem componentes históricos socialmente compartilhados e, por consequência, identificados por uma maioria. Sendo assim, o jornalismo explica o inesperado por meio de referenciais comuns, orientando sua produção noticiosa por consensos e reforçando valores e parâmetros sociais de normalidade. “Ao lidar essencialmente com o que é inesperado, incomum ou perigoso, o jornalismo acaba indicando o que seria socialmente desejável, normal ou adequado.” (BENETTI, 2010a, p. 110).

As teorias construcionistas entendem que o produto jornalístico - a notícia - é uma construção social da realidade, ou seja, é uma narrativa marcada pela cultura dos jornalistas que formam sua tribo, bem como pelos mapas culturais compartilhados pela sociedade em que a tribo jornalística está inserida (TRAQUINA, 2001). A tribo produz uma ideologia profissional, “uma representação mais ou menos idealista e mítica de si mesma” (TRAQUINA, 2005), que, no caso do jornalismo, reflete na forma que as narrativas dos acontecimentos serão construídas. Para Traquina (2005), os fenômenos, mesmo que observados por uma multidão de jornalistas, receberão o mesmo tratamento e contarão a mesma história. Nesta visão, o jornalista tem seu papel de centralidade na produção das notícias reconhecido, pois, se a notícia é uma construção social da realidade, é incidida pelos

valores dos sujeitos que a produzem (VEIGA DA SILVA, 2014) e que “falam” por meio da notícia, enquanto uma das vozes desse discurso (BENETTI, 2010a).

O discurso jornalístico é marcado pelo poder simbólico do campo midiático, o qual participa ativamente e se retroalimenta da produção de sentidos, da formação de valores e das relações de poder presentes nas instâncias sociais e culturais, (re)produzindo diferenças e desigualdades (VEIGA DA SILVA, 2014). Essas produções simbólicas, como aponta Veiga da Silva (2014, p. 47), histórica e culturalmente “vão se constituindo e permeando os modos de vida, as normas sociais e, através da (e na) mídia, cada vez mais são (re)produzidas de forma lúdica, atrativa, consumível, veloz, inteligível e, sobretudo, como parâmetro de realidade”. A pesquisadora compreende os meios de comunicação como uma instância pedagógica cultural, que carrega seu poder simbólico na forma didática como define quais comportamentos são normais e quais são desviantes e os apresenta como realidade. Cabe ressaltar que o poder simbólico é consensual, visto que, em sua abstração, é exercido com o aval daqueles que não querem saber a que estão sujeitos (BOURDIEU, 1989). Para Bourdieu (1989), o poder simbólico deriva da construção da realidade e tende a estabelecer uma ordem conformista e homogênea do espaço-tempo por meio dos símbolos que “tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social” (BOURDIEU, 1989, p. 10).

Bourdieu (1989) identifica as produções simbólicas como instrumentos de dominação, bem como Veiga da Silva (2014) define as instituições formadoras culturais - entre as quais o jornalismo - como as responsáveis pela definição dos meios pelos quais o conteúdo simbólico é produzido e distribuído na sociedade (THOMPSON, 1998⁸ *apud* VEIGA DA SILVA, 2014). Ambos os autores se referem ao discurso, nesse caso jornalístico, que circula como saber e verdade instituída, levando consigo normas e valores da cultura ocidental que contribuem para uma hierarquização em que o topo da pirâmide social é ocupado pelo homem branco heterossexual de meia idade da classe média. Nesse processo de retroalimentação cultural, em que jornalismo e sociedade encontram nos valores contemporâneos seu denominador comum (VEIGA DA SILVA, 2014), os discursos midiáticos funcionam como

um lugar privilegiado de suposições de ‘verdades’, um lugar por excelência de produção, circulação e veiculação de enunciados de múltiplas fontes, sejam eles

⁸ THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

criados a partir de outras formações, sejam eles gerados nos próprios meios (FISCHER, 1997⁹ *apud* VEIGA DA SILVA, 2014, p. 49).

Como prática discursiva, o jornalismo atua na produção de sentidos, reafirmando normas de conduta social e disciplinando os sujeitos de acordo com valores instituídos, assim como apresenta possibilidades de atualização e de tensionamento dos discursos normativos (COSTA, 2018). Por meio da linguagem, das representações e da hierarquização de informações, fortalece desigualdades reproduzindo discursos heteronormativos, conceituados por Veiga da Silva (2014) como padrões socioculturais ocidentais baseados em sistemas de valores que produzem hierarquias sociais (RUBIN, 1993 *apud* VEIGA DA SILVA, 2014) que pressupõem a heterossexualidade compulsória como norma (BUTLER, 2019). Esse papel que o jornalismo assume no plano simbólico, confere à mídia um lugar central na interação entre valores sociais e culturais, instâncias de poder e sociedade em geral (VEIGA DA SILVA, 2014). Nesse lugar de centralidade, os meios de comunicação adotam padrões normativos que são

saberes cotidianos que orientam e se orientam na cultura e fazem parte do acervo dos conhecimentos socialmente construídos e culturalmente legitimados que ajudam a informar os sujeitos (e também os jornalistas) na contemporaneidade, através do jornalismo e da mídia como uma instância pedagógica (VEIGA DA SILVA, 2014, p. 325).

Nesta perspectiva que considera o poder simbólico dos meios de comunicação, o conceito de jornalismo como acontecimento deve ser pensado em relação à amplitude do “campo das representações sobre os indivíduos, os grupos e os valores hegemônicos de uma sociedade” (BENETTI, 2010b, p. 162). Se o discurso jornalístico já é caracterizado como, idealmente, polifônico quando são analisados, de forma isolada, os meios de comunicação tradicionais, com a democratização da internet e a consolidação das redes sociais digitais, as narrativas ganham novos produtores no meio digital. O ambiente das redes sociais digitais lança uma nova dinâmica de produção das notícias baseada no potencial de propagação que os conteúdos produzidos nesse meio têm e que independe da mediação do jornalismo para existirem como acontecimento (BENETTI, 2010b). Ao produzirem suas próprias narrativas no ambiente digital, os sujeitos podem, dependendo do grau de conectividade e compartilhamento do conteúdo, pautar o jornalismo, constituindo um ciberacontecimento

⁹ FISCHER, Rosa Maria Bueno. O Estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. In: Revista Educação e Realidade: Cultura, Mídia e Educação. Porto Alegre: UFRGS, 1997, v. 22

(HENN, 2014). Quando essa apropriação ocorre, múltiplos sentidos são gerados, revelando a força simbólica em torno de um acontecimento (BITTENCOURT, 2015). Dessa forma,

o que impulsiona a constituição de um ciberacontecimento não é o ponto de partida dado por um veículo jornalístico na cobertura de um fato, mas as dinâmicas sociais em torno do ocorrido, que acabam levando a mídia tradicional a dar atenção ao que aconteceu diante da dimensão que o acontecimento ganhou nas redes (BITTENCOURT, 2015, p. 343).

Em 2015, a foto de um vestido foi noticiada pelos principais meios de comunicação do mundo após viralizar¹⁰ nas redes sociais e ser o assunto mais comentado do Twitter. O motivo era que parte dos internautas enxergava a roupa em azul e preto, enquanto outros viam as cores branco e dourado. Os memes¹¹ saíram do Twitter e invadiram veículos que saíram em busca de especialistas que explicassem o fenômeno das cores. A dúvida das cores do vestido por si só não justifica uma pauta jornalística no principal telejornal brasileiro ou na revista norte-americana *Wired* (ver Figuras 2 e 3), por exemplo, mas a interação que se estabelece em torno do fato sim.

Figura 2: Polêmica sobre cor de vestido é exibida pelo Jornal Nacional, da Rede Globo, no dia 27/02/2015

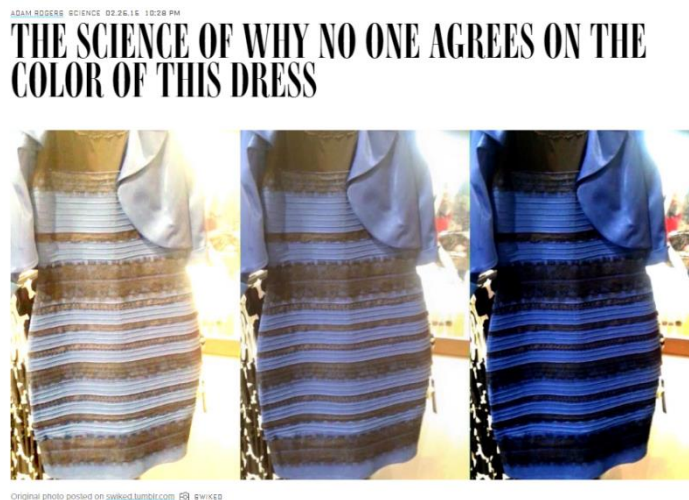


Fonte: Reprodução/GloboPlay

¹⁰ Um conteúdo viral é aquele compartilhado por um grande número de pessoas.

¹¹ Meme é uma palavra da linguagem da internet para qualquer vídeo, imagem, frase ou ideia, geralmente de cunho cômico, que se espalhe rapidamente.

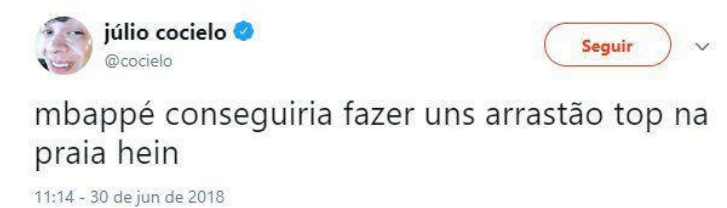
Figura 3: A estadunidense Wired publicou, no dia 26/02/2015, matéria intitulada "O porquê ninguém concorda sobre a cor deste vestido"



Fonte: Reprodução/Wired

Durante a Copa do Mundo de Futebol Masculino da Rússia, em 2018, o youtuber e humorista brasileiro Júlio Cocielo foi acusado de racismo após fazer um comentário no Twitter (ver Figura 4) durante o jogo entre França e Argentina pelas oitavas de final. Referindo-se a Kylian Mbappé, jogador negro da seleção francesa, o youtuber twittou: “Mbappé conseguiria fazer uns arrastão top na praia hein” [sic]. A repercussão foi tanta que Cocielo precisou apagar a publicação, o que não foi suficiente para abafar o caso, visto que seguidores do youtuber localizaram publicações antigas em que Cocielo já havia se manifestado de forma preconceituosa. A polêmica acabou na mídia tradicional (ver Figura 5) e resultou em um pedido público de desculpas e uma indenização de mais de R\$ 7 milhões de reais. A situação abre precedentes para questionarmos se, caso a mobilização nas redes sociais não tivesse acontecido, o youtuber teria sido responsabilizado por sua atitude.

Figura 4: Tweet do youtuber Júlio Cocielo do dia 30/06/2018



Fonte: Reprodução/Twitter

Figura 5: Jornal O Estado de S. Paulo publica matéria sobre a repercussão do tweet de Cocielo nas redes sociais



Fonte: Reprodução/O Estado de S. Paulo

De naturezas diferentes, os dois exemplos trazem em comum sua configuração como acontecimento jornalístico - ou melhor dizendo, como ciberacontecimento - posterior às apropriações realizadas nas redes sociais digitais, potencializadas por características como o espalhamento e a convergência (BITTENCOURT, 2015). Para Jenkins (2009), as duas características vão ao encontro da ideia de circulação de informações. O espalhamento explora o potencial de compartilhamento do conteúdo, enquanto a convergência é a assimilação da lógica de interconexão do ambiente digital por outras plataformas tradicionais de comunicação, que se reúnem em um único suporte: a internet (JENKINS, 2009). Esses conceitos apontam para os novos sujeitos produtores que interferem na realidade social a partir das redes sociais digitais, visto que o fenômeno da espalhabilidade de informações na internet impacta o fazer jornalístico e tensiona o papel do jornalista e do jornalismo em um contexto que o acesso às informações não depende exclusivamente da atividade jornalística (OLIVEIRA; HENN, 2014¹² *apud* BITTENCOURT, 2015). No cenário do ciberacontecimento, a subjetividade dos jornalistas envolvidos na produção da notícia dialoga de forma mais íntima com os valores dos consumidores de informação que se colocam como atores do processo de produção das notícias. Desse modo, o jornalismo, em especial o digital, é perpassado fortemente por marcadores sociais da tribo jornalística, mas também das tribos diversas que se estruturam nas redes sociais digitais.

¹² OLIVEIRA, F. M.; HENN, R. C. Movimentos em rede e ocupação do espaço público: limites e possibilidades ante a crise do jornalismo. In: Contemporânea. Salvador: UFBA, 2014, v. 12

2.2. A (DES)POLARIZAÇÃO DO CONCEITO DE GÊNERO

Dentre os marcadores sociais que atravessam a prática discursiva do jornalismo, o gênero se apresenta como dimensão central, assim como ocupa esse espaço na vida pessoal, nas relações sociais e na cultura, em geral. Para tensionar as implicações das relações de gênero na forma como a mulher é representada nas notícias, é preciso antes mergulhar nos conceitos de gênero e a quais contextos são atribuídos. No cotidiano, temos gênero como um conceito dado – olhamos para uma pessoa e instintivamente a colocamos em uma “caixa” que a classifica como homem ou mulher. Somos ensinados a fazer o mesmo com nosso próprio reflexo; é nos dito quando crianças que somos meninos ou meninas a partir da imagem do nosso corpo. Em Connell e Pearse (2015), essa distinção é apontada como meio para a organização de nossos afazeres em sociedade. “Como homens e mulheres, escolhemos apertar os pés em diferentes tipos de sapatos, abotoar a camisa em lados opostos, cortar o cabelo com profissionais distintos, comprar calças em lojas separadas e abaixá-las em banheiros separados” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 37). Arranjos como os descritos pelas autoras são tão familiares que os tratamos como naturais e, muitas vezes, os seguimos sem levantar suspeitas sobre sua construção social.

A maioria das discussões de gênero enfatiza essa polarização. Comumente definimos gênero como as diferenças sociais que são construídas ou causadas por uma distinção de origem biológica entre homens e mulheres. Nesse sentido, “o termo ‘gênero’ significa a diferença cultural entre mulheres e homens, baseada na divisão entre fêmeas e machos” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 46). Essa compreensão possui base inclusive na gramática da palavra *gender*, que vem de um radical que significa

“produzir” (*generate*/gerar) e que deu origem a palavras que significam “tipo” ou “classe” (*genus*) em diversas línguas. Na gramática, o “gênero” se tornou uma referência à distinção específica entre classes de substantivos “que correspondem mais ou menos” – como o *Oxford English dictionary* do século XIX primeiramente notou – “a distinções de sexo (e ausência de sexo) nos objetos de que se trata” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 45).

Louro (1997) também faz essa análise destacando que tanto no âmbito do senso comum quanto na linguagem científica, a distinção biológica, que é na verdade sexual, é usada como ferramenta de justificação das desigualdades sociais. No entanto, “para que se compreenda o

lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”. (LOURO, 1997, p. 21). Connell e Pearse (2015) definem gênero como uma questão de relações sociais as quais agem na manutenção de padrões difundidos que constituem gênero como uma estrutura social que tem como particularidade a “corporificação social”. Esse é o nome que se dá ao processo histórico em que as práticas nas quais os corpos estão envolvidos formam estruturas sociais e trajetórias pessoais que geram um ciclo de novas práticas. No gênero, essa característica está ligada à reprodução humana, pois, como sugerem Connell e Pearse (2015), envolve práticas sociais humanas que exemplificam de forma concreta as capacidades que o ser humano tem de parir, dar leite, dar e receber prazer sexual. “Só podemos começar a entender o gênero se compreendermos o quão próximos os processos sociais e corporais se encontram” (CONNELL; PEARSE, 2015, p.113). O gênero é, portanto,

a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva¹³ e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais. [...] diz respeito ao jeito com que as sociedades humanas lidam com os corpos humanos e sua continuidade e com as consequências desse “lidar” para nossas vidas pessoais e nosso destino coletivo (CONNELL; PEARSE, 2015, p.48).

Scott (1995) atribui a aparição inicial do termo “gênero” entre as feministas norte-americanas da década de 70 que rejeitavam o determinismo biológico presente no uso de expressões como “sexo” e “diferença sexual” e que viam na substituição por “gênero” uma forma de “ênfatar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (SCOTT, 1995, p. 72). Scott (1995) retoma Natalie Davis (1975)¹⁴ para explicar que o objetivo do desenvolvimento do termo era redefinir as premissas e os critérios científicos aplicados às mulheres: “inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais daquilo que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas” (DAVIS, 1975 *apud* SCOTT, 1995, p. 73). Em 1992, Saffioti também rechaçou a dicotomia biológica de gênero, para a autora “o próprio sexo não se inscreve puramente no terreno biológico, mas sofre elaboração social, que não se pode negligenciar sob pena de naturalizar processos de caráter histórico” (SAFFIOTI, 1992, p. 183).

¹³ A arena reprodutiva é um campo corporal em que algo social acontece, é constituída pelas capacidades corporais e pelas práticas que as realizam (CONNELL; PEARSE, 2015).

¹⁴ DAVIS, Natalie Zemon. Women’s History in Transition: The European Case. *Feminist Studies*, 1975.

As distinções biológicas são utilizadas como subterfúgios para justificar as convenções sociais que constituem as relações de poder ligadas ao debate de gênero. Para Scott (1995), gênero é elemento essencial e primordial para dar significado às relações de poder. Veiga da Silva (2014) afirma que gênero é, nesse contexto, utilizado como categoria de reflexão sobre como as convenções sociais que permeiam o binômio masculino-feminino são produzidas: [as convenções] são “associadas a distintas formas de relações de poder e os modos como estas convenções produzem hierarquias e desigualdades” (VEIGA DA SILVA, 2014, p. 80). Essa compreensão teórica de gênero busca se afastar da determinação de papéis que mulheres e homens podem e devem exercer pela “análise de processos sociais mais amplos que marcam e discriminam sujeitos como diferentes” (MEYER, 2003¹⁵ *apud* VEIGA DA SILVA, 2014, p. 81) tanto em relação a gênero como a intersecção de gênero com outros marcadores sociais. Afinal, a primeira diferenciação entre os sujeitos é operada sobre os gêneros. Desde o nascimento, atribui-se papéis para meninas e meninos os educando a assumirem a identidade que se espera de uma mulher e de um homem na sociedade. “A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que *pode* operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que *pode* atuar o homem” (SAFFIOTI, 1987).

Em “Água para Chocolate”, Laura Esquivel (2014) metaforiza as relações patriarcais e a definição de papéis pelo sexo por meio do espaço da cozinha. No romance de Esquivel, a personagem produz suas subjetividades por meio de sua conexão com o alimento e com o espaço da cozinha, onde foi criada e sentenciada para ser uma serva do lar. Em determinados trechos, a cozinha e as receitas seguidas pela protagonista simbolizam a perpetuação dessa opressão marcada pelo papel de subserviência atribuído ao feminino. Já no primeiro capítulo, Esquivel apresenta um diálogo entre a personagem Tita e sua mãe Elena em que a filha pede a permissão da mãe para lhe apresentar um rapaz com quem gostaria de se casar, apesar de que uma tradição familiar a indicava como a responsável pela mãe até o fim de seus dias por ser a filha mulher mais nova:

[...] Mãe Elena lançou-lhe um olhar que pareceu a Tita conter todos os anos de repressão que pairavam sobre a família. Então, disse:

¹⁵ MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (Orgs.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

- Se ele pretende pedir sua mão, diga que não faça isso. Está perdendo o tempo dele e o meu. Você sabe perfeitamente que, como a filha mais nova, deverá cuidar de mim até o dia da minha morte. [...]

Tita sabia que discutir não era uma das formas de comunicação permitidas na casa de Mãe Elena, mas, ainda assim, pela primeira vez na vida, pretendia protestar contra as regras maternas:

- Mas, em minha opinião...

- Você não tem opinião e não há discussão. Ao longo de gerações, ninguém da minha família questionou essa tradição e nenhuma das minhas filhas será a primeira. Tita abaixou a cabeça. A compreensão de seu destino se impôs violentamente enquanto lágrimas caíam sobre a mesa. Desde aquele momento, **tanto ela como a mesa sabiam que Tita jamais poderia expressar a menor opinião diante das forças desconhecidas que a destinaram a submeter-se à decisão absurda da mãe** e que a mesa continuaria a ser molhada com as lágrimas amargas de Tita [...] (ESQUIVEL, 201, p. 13, grifo da autora).

As forças desconhecidas a que Tita se submete no romance representam a normatividade expressa nas sociedades ocidentais. Pois, se a denominação do sexo biológico traz consigo expectativas sobre o gênero, “é no campo da cultura e do simbólico, e não do biológico, que as desigualdades se produzem” (VEIGA DA SILVA, 2014, p. 82). Ser mulher ou homem não é uma predestinação, é um tornar-se, uma construção, como na célebre frase de Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Beauvoir (2009) se ancorava nas concepções de um gênero que é construído na polarização masculino-feminino por uma consciência masculinista em que a mulher é o “outro”. Judith Butler (2019) tensiona essa visão, afirmando que essa pode ser compreendida como se a quebra da polarização dependesse exclusivamente de um movimento das mulheres.

No entanto, a construção de gênero deve atentar-se aos mecanismos de produção pelos quais os sexos são estabelecidos, pois o gênero não se configurou de forma linear com o passar do tempo, principalmente considerando sua intersecção com marcadores raciais, classistas, sexuais e étnicos (BUTLER, 2019). Esses outros marcadores sociais também configuram identidades constituídas de discursos, portanto é impossível isolar as relações de gênero para compreendê-las. “Se alguém ‘é’ uma mulher, isso não é tudo o que esse alguém é” (BUTLER, 2019, p. 21). O gênero, como estrutura social, é multidimensional: ao reivindicá-lo, também estamos incorporando relações identitárias, de trabalho, de poder e de sexualidade, tudo ao mesmo tempo (CONNELL; PEARSE, 2015). Para Butler (2019),

quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino (BUTLER, 2019, p. 26).

Essa linha teórica, pós-estruturalista, ressignifica os discursos ao contemplar a diversidade das experiências de vida no meio social, defendendo que as categorias de gênero não são fixas. A existência das identidades de gênero é fundada na prática, por ações repetitivas, não expressando uma realidade preexistente, mas sim um conjunto de valores heteronormativos. A base da compreensão da heteronormatividade está na heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2019), a qual hierarquiza a identidade de gênero por meio de um processo que opera por repetição: “o sujeito não é determinado pelas regras pelas quais é gerado, porque a significação não é um ato fundador, mas antes um processo regulado de repetição” (BUTLER, 2019, p. 250). Portanto, se é na repetição de práticas sociais que se constituiu o binarismo ancorado nas características biológicas de macho e fêmea, é também no interior dessas práticas de significação que podemos subverter essa lógica de identidade de gênero (BUTLER, 2019). Por isso é essencial que espaços de produção cultural de sentidos, como o jornalismo, questionem suas práticas e suas implicações na construção e perpetuação de valores.

2.3. JORNALISMO: UMA PRÁTICA GENERIFICADA

Neste terceiro e último subcapítulo, são reunidas as constatações e conceitos apresentados anteriormente em uma discussão que tem como objetivo comprovar e justificar a abordagem de gênero dada ao jornalismo neste trabalho de conclusão, bem como preparar as bases de análise para o *corpus*. Para isso, começo referenciando a dissertação de Marcia Veiga (2014) em um processo inverso, pois parto de sua conclusão: “o gênero do jornalismo é masculino”. (VEIGA DA SILVA, 2014, p. 331). Veiga da Silva (2014) faz essa afirmação com base na compreensão de que “o jornalismo produz relações de gênero e, deste modo, também está relacionado aos modos como se conhece os parâmetros normativos comportamentais e se aprende a ser e a valorar sujeitos em nossa sociedade” (VEIGA DA SILVA, 2014, p. 330). Os meios de comunicação são um convite – refeito diariamente – a refletirmos os comportamentos sociais por meio de discursos constituídos de poder que, ao

participarem da produção simbólica e da hierarquização de marcadores sociais de gênero e das suas intersecções com raça, classe e orientação sexual, por exemplo, os convenciam como desvio, reafirmando e retroalimentando pressupostos heteronormativos (FONSECA; VEIGA DA SILVA, 2011).

Louro (1997) entende o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos, no sentido em que gênero não é a operação de um papel feminino ou masculino, gênero faz parte de quem se é. “Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros” (LOURO, 1997, p. 25). Assim como para Louro, Connell e Pearse apontam que as “ideias sobre comportamentos adequados a cada gênero circulam constantemente, não apenas pelas mãos de legisladores, mas também nas atitudes de padres, pais, mães, professores, publicitários, donos de pontas de estoque, apresentadores de talk-shows e DJs” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 38). Entre essas instituições, atua também o jornalismo que, ao submeter a produção das notícias às convenções sociais de masculino e de feminino associadas a padrões heteronormativos subordina o feminino, reproduzindo, em seu discurso, lugares de diferença por marcadores sociais hegemônicos (VEIGA DA SILVA, 2014). Ao observar o processo de construção das notícias, Marcia Veiga identifica que os valores culturais da “tribo” (TRAQUINA, 2004) dos jornalistas são acionados de forma inconsciente, de forma que “os valores e concepções hegemônicos de gênero eram reproduzidos nas matérias e resultavam na representação da heteronormatividade como padrão social de desigualdade” (VEIGA DA SILVA, 2014, p. 322). Essa prática de reproduzir diferenças por meio de relações de poder atravessadas de gênero é denominada como generificada.

A partir de práticas e instituições generificadas, certas concepções de gênero – geralmente ligadas a padrões repetitivos – são interiorizadas, recebendo o status de naturais, mesmo que sejam construções culturais (LOURO, 1997). O jornalismo participa ativamente das produções simbólicas complexas que constituem e permeiam as normas sociais, as (re)produzindo “de forma lúdica, atrativa, consumível, veloz, inteligível e, sobretudo, como parâmetro de realidade” (VEIGA DA SILVA, 2014, p. 47). Essa intervenção didática na produção dos saberes cotidianos dá ao jornalismo um lugar de poder na perpetuação de valores que ganha proporção pelas características de produção, circulação e transmissão de saberes próprios dos meios de comunicação (VEIGA DA SILVA, 2014). A mídia

fornece discursos a partir dos quais os grupos ou as classes constroem uma imagem das vidas, significados, práticas e valores de outros grupos ou classes sociais e sobre a sua situação com relação ao quesito globalidade (HALL, 1981 *apud* ALSINA, 2009, p. 71).

Essas práticas discursivas são construídas por meio de métodos didáticos, chamadas técnicas jornalísticas, que tornam a partilha de valores hegemônicos mais eficaz. O uso de infográficos e de entrevistas com fontes especialistas são exemplos, bem como hiperlinks que relacionem uma matéria jornalística à narrativa de outros fatos, são alguns exemplos de práticas comuns ao jornalismo e que atuam de forma educativa na apreensão de fatos. A adoção destes recursos não é um problema, faz parte da prática profissional do jornalismo. No entanto, como produto da generificação, contribuem para colocar “os homens em posição de autoridade sobre as mulheres”, de modo que “podemos falar em uma estrutura patriarcal das relações de gênero” na prática jornalística (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 156).

Um exemplo do uso de recursos didáticos pelos meios de comunicação é o do jornalista Leandro Narloch, que em 2017 escreveu para a coluna “Caçador de Mitos” (revista Veja) o texto “Estudo derruba o mito de que as mulheres brasileiras ganham 30% menos que os homens”¹⁶ (ver Anexo 1). Fazendo uso de estatísticas e infográficos, Narloch objetivava comprovar que a diferença salarial por gênero é um mito. No entanto, os dados que apresentava apontaram para o fato de os homens serem maioria dos empregados no país. O que, para o jornalista, seria suficiente para comprovar sua hipótese: “se as mulheres de fato ganhassem menos que os homens para realizar as mesmas tarefas, empresas que buscam o lucro só contratariam mulheres” (NARLOCH, 2017). O jornalista ainda apresenta uma resposta às feministas gaúchas que, conforme seu relato, estariam enfurecidas com os dados apresentados pela pesquisa – um manifesto assinado por economistas acompanhado da entrevista de um deles (homem).

Se o jornalismo é generificado é porque os atores desse processo também estão perpassados pelos valores de gênero, bem como dos demais marcadores sociais. Assim sendo, as relações de gênero têm “ingerência direta nos modos de produção das notícias e também nas relações hierárquicas, de poder e de prestígio entre eles [jornalistas], bem como as

¹⁶ Disponível em < <https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/estudo-derruba-o-mito-de-que-as-mulheres-brasileiras-ganham-30-menos-que-os-homens/> >.

próprias notícias são discursos produzidos com bases em concepções de gênero” (VEIGA DA SILVA, 2014, p. 104). Desse modo,

as notícias carregam em si conteúdos simbólicos complexos, que envolvem visões de mundo, subjetividades e valores sociais e profissionais em diversas dimensões. Estão articuladas aos saberes cultural e socialmente legitimados, e por suas características contribuem para a forja de um conhecimento social que se difunde como um dos meios contemporâneos mais poderosos de ensinar a ser sujeito na sociedade (VEIGA DA SILVA, 2014, p. 78).

Neste capítulo, reunimos as teorias necessárias para a reflexão do papel do jornalismo nas relações de gênero e concluímos que a prática discursiva jornalística carrega um poder simbólico que cria e reproduz a heteronormatividade de forma compulsória, como bem define Butler (2019). O próximo passo é articular conceitos que deem conta de compreender como os movimentos sociais – com foco no feminismo - se organizam no ambiente digital e como se apropriam das ferramentas disponíveis nas redes sociais para impulsionar suas reivindicações. Neste terceiro capítulo, apresentaremos também uma retomada histórica do feminismo no mundo e no Brasil para, depois, adentrar nos três períodos selecionados para análise: as Jornadas de Junho (2013), a Primavera Feminista (2015) e a campanha Ele Não (2018).

3. MOVIMENTO FEMINISTA EM REDES SOCIAIS DIGITAIS

Este capítulo tem por objetivo apresentar a trajetória histórica do movimento feminista, bem como a posição protagonista da América Latina na contemporaneidade, além de fixar as bases para a compreensão das novas dinâmicas do movimento nas redes sociais digitais. Para isso, retomamos o conceito de cibercontecimento (HENN, 2014) e acrescentamos a discussão sobre ciberativismo (LEMONS, 2009). O capítulo conta ainda com a descrição dos três momentos a serem analisados neste trabalho: as Jornadas de Junho de 2013, a Primavera Feminista de 2015 e a campanha Ele Não de 2018.

3.1. TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO FEMINISTA: PERSPECTIVAS A PARTIR DO NORTE E DO SUL GLOBAL

Por feminismo entende-se todo movimento de luta pelo reconhecimento de direitos e oportunidades para mulheres, de forma a resultar na igualdade entre todos os seres humanos (GARCIA, 2015). O termo surgiu entre escritores, nos Estados Unidos, em 1911, como substituição de expressões como “movimento das mulheres” e “problemas das mulheres” para designar “um novo movimento na longa história das lutas pelos direitos e liberdades das mulheres” (GARCIA, 2015, p. 7). Assim como Garcia (2015), Pinto (2010) aponta para o fato de que independentemente a qual momento e contexto histórico estejamos nos referindo, sempre houve uma mulher que resistiu às opressões de origem de gênero. Os primeiros relatos levantados por Pinto (2003) datam do século XVIII, quando, segundo a autora, as mulheres que buscavam direito à participação na esfera pública tinham como principal objetivo se desfazer dos limites impostos a elas, para quem “restava a vida religiosa ou a acusação de bruxaria” (PINTO, 2003, p.13). No entanto, devido à fragmentação das atuações, considera-se a classificação histórica dada a partir do movimento feminista hegemônico, o qual é dividido por marcos cunhados de “ondas”, em que, a cada novo período, emergem também novas protagonistas para as narrativas feministas, novos métodos e conceitos são incorporados e novas pautas são discutidas pelo movimento (ESMITIZ, 2019, submetido à publicação).

“Assim como as ondas do mar com as marés altas e baixas e fluxos diversos, é possível pensar que a atividade feminista tem variações de intensidade conforme os períodos de tempo”. (SCHOLZ, 2010¹⁷ *apud* SANTOS, 2017).

¹⁷ SCHOLZ, Sally J. *Feminism: A Beginner's Guide*. Londres: ONEWorld Publications, 2010.

Até a terceira onda, especialmente nos dois primeiros períodos, a teoria feminista dedica-se às realidades das mulheres provenientes de países do Norte Global, portanto suas reivindicações carregam em si considerações hegemônicas que, de certa forma, contribuem para reforçar valores ao ignorarem determinados marcadores sociais. O movimento do Norte Global é “conduzido e organizado por meio de teorias anglo-saxônicas ocidentais, que indiscutivelmente têm sido alçadas à categoria de ‘a boa’ teoria” (MATOS, 2010, p. 67). Apesar dessa posição de hegemonia, o protagonismo das mulheres do Norte Global foi essencial para a construção das bases dos estudos de gênero como conhecemos hoje e, devido à sua relevância para compreender a evolução do debate de gênero, não pode ser ignorado. Cabe ressaltar que, ao dar ênfase para o Norte Global, retirando o lugar de fala da mulher latino-americana ou oriental, por exemplo, o movimento subjugou essas mulheres à categoria única de “vítima do Terceiro Mundo”, como a intelectual indiana Chandra Talpade Mohanty publicou no ensaio “Sob olhos ocidentais” (1984):

Essa mulher média do Terceiro Mundo leva uma vida essencialmente truncada, baseada em seu gênero feminino (leia-se: sexualmente reprimida) e em ser do “Terceiro Mundo” (leia-se: ignorante, pobre, sem acesso à educação, conservadora, doméstica, orientada à família, vitimizada etc.). Isso, eu sugiro, está em contraste à autorrepresentação (implícita) das mulheres ocidentais como educadas, modernas, tendo controle de seus corpos e sexualidades, e a liberdade de fazerem suas próprias escolhas (MOHANTY, 1984, p. 337).¹⁸

A primeira onda nasce na Inglaterra, nas últimas décadas do século XIX, quando as mulheres se organizaram para lutar por educação e direitos políticos, popularizando-se a reivindicação pelo voto. Essas mulheres ficaram conhecidas como *suffragettes*, e promoveram grandes manifestações na capital inglesa, tendo conquistado o sufrágio universal no Reino Unido em 1918 (PINTO, 2010). O movimento da primeira onda centralizava seu discurso na palavra “mulher”, em oposição à figura universal atribuída ao homem (PEDRO, 2005). Além da educação e do voto, outra bandeira exclusiva das mulheres brancas de classe média era o espaço no mundo do trabalho. A segmentação dessa reivindicação deve-se ao fato de que as mulheres negras e de classe pobre já eram trabalhadoras (COSTA, 2018). Essa

¹⁸ Do original *This average third world woman leads an essentially truncated life based on her feminine gender (read: sexually constrained) and being "third world" (read: ignorant, poor, uneducated, tradition-bound, domestic, family-oriented, victimized, etc.). This, I suggest, is in contrast to the (implicit) self-representation of Western women as educated, modern, as having control over their own bodies and sexualities, and the freedom to make their own decisions.* (tradução da autora).

segregação do movimento fica evidente em discurso de Sojourner Truth, feito em Ohio, no ano de 1851:

Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou uma mulher? (DAVIS, 2016¹⁹ *apud* COSTA, 2018, p. 26).

Esse feminismo inicial, que perde força na década de 30 e só retorna nos anos 60, ainda tinha no conceito de mulher um caráter biológico e carregava argumentos deterministas - o que definia uma mulher era a presença de sua vagina e útero (COSTA, 2018). Em 1949, contudo, a publicação de um livro desestabilizou as crenças do determinismo biológico: a francesa Simone de Beauvoir afirmava, em “O Segundo Sexo”, que a subordinação das mulheres era resultado de uma construção cultural machista:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 2009, p. 361).

Era um período de efervescência nos Estados Unidos e na Europa: os estadunidenses estavam em pleno movimento contra a cultura hippie, os franceses vivenciavam o Maio de 68, e os EUA e a Alemanha descobriam a pílula anticoncepcional. Em 1963, outra obra que muda os paradigmas do movimento é lançada. A “bíblia” do novo feminismo é de autoria da estadunidense Betty Friedan, e recebe o título “A mística feminina” (PINTO, 2010): estava inaugurada a segunda onda do feminismo. Tanto nos EUA como na Europa, esse período é revolucionário para o movimento feminista, afinal, pela primeira vez falava-se diretamente sobre as relações de poder entre homens e mulheres (PINTO, 2010). O feminismo aparece

como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que está última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo (PINTO, 2010, p. 16).

Segundo Pedro (2005), nesse período surgem grupos de reflexão com entrada restrita para homens para que as mulheres desabafassem sobre suas frustrações e fizessem

¹⁹ DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Rio de Janeiro: Boitempo, 2016.

descobertas sobre sua sexualidade. Essa necessidade de diálogo estava relacionada ao “problema sem nome” que, como aponta Friedan (1971), levava as mulheres à infelicidade:

Cada dona de casa lutava sozinha com ele, enquanto arrumava camas, fazia as compras, escolhia tecido para forrar o sofá, comia com os filhos sanduíches de creme de amendoim, levava os garotos para as reuniões de lobinhos e fadinhas e deitava-se ao lado do marido, à noite, temendo fazer a si mesma a silenciosa pergunta: É só isto? (FRIEDAN, 1971, p. 17).

No final dos anos 60, o feminismo quebra a dicotomia do público-privado, que era base de todo o pensamento liberal, rompendo com a ideia de que a discussão política está relacionada apenas com o público (COSTA, 2005²⁰ *apud* ESMITIZ, 2019, submetido à publicação). Nos EUA, a crítica a uma categoria generalista de mulher ganha forma com o debate levantado por mulheres negras, indígenas, pobres e trabalhadoras. Ao não se enxergarem como parte das reivindicações do movimento hegemônico, voltado às mulheres brancas de classe média, esse grupo dá origem a uma nova perspectiva para o movimento: o feminismo interseccional, que, como aponta Costa (2018, p. 29), “leva em consideração os distintos marcadores sociais e suas articulações nas experiências das mulheres”.

Angela Davis, no livro “Mulheres, Raça e Classe”, lançado em 1981, afirmava que negras e brancas precisavam conciliar suas pautas de luta para a emancipação de todas as mulheres, pois entendia que a opressão das mulheres pelos homens estava relacionada de forma sistêmica (DAVIS, 2016 *apud* COSTA, 2018). No entanto, as diferenças de experiências e lugares sociais tornava-se fonte de conflito e de divisão no movimento (FREITAS, 2017).

Seremos mulheres juntas não era o suficiente. Éramos diferentes. Seremos garotas gays juntas não era suficiente. Éramos diferentes. Seremos negras juntas não era suficiente. Éramos diferentes. Seremos sapatas negras juntas não era suficiente. Éramos diferentes. Levou um tempo para percebermos que nosso lugar era não a segurança de uma diferença em particular, mas a própria casa da diferença (LORDE, 1994²¹ *apud* COSTA, 2018, p. 29).

A forte mobilização feminista no Norte Global dos anos 60 e 70 já estava fragmentada na década seguinte, dividida por questões que envolviam outros marcadores como sexualidade, raça e as relações com o Estado (CONNELL; PEARSE, 2015). Connell e Pearse (2015) destacam o principal ganho do período para a luta feminista como a massiva

²⁰ COSTA, Ana A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. *Gênero*. Niterói, v. 5, n. 2, p. 9-35. 2005.

²¹ LORDE, Audre. *Zami: A New Spelling of My Name*. Freedom, CA: Crossing Press, 1994.

participação político-partidária de mulheres na Escandinávia, registrando, em 1991, três mulheres líderes dos maiores partidos da Noruega. No entanto, nos Estados Unidos um retrocesso tomou conta do país: a militância antifeminista, com retórica religiosa, barrou a Emenda da Igualdade de Direitos nos anos 80; atrelado a isso, a homofobia escancarada voltou a ter força dentro da política de forma agressiva, principalmente durante a epidemia de AIDS (CONNELL; PEARSE, 2015).

O movimento feminista tem uma característica particular que auxilia na compreensão de como se estabeleceram seus processos e de como sua história foi desenvolvida: “é um movimento que produz sua própria reflexão crítica, sua própria teoria” (PINTO, 2010, p. 15). A produção do conhecimento acadêmico em torno das práticas do movimento se dá dentro das próprias práticas ativistas, “assim, os Estudos Feministas se originam paralelamente à militância (COSTA, 2018, p. 30). Para Ilze Zirbel (2007), ao entrar na academia e elaborar teorias sobre suas percepções do movimento, as feministas buscavam “novas maneiras de pensar a cultura e o conhecimento”, e faziam isso por meio do “questionamento dos paradigmas das ciências e das definições tradicionais de sociedade, política, público, privado, autonomia, liberdade, etc.” (ZIRBEL, 2007²² *apud* COSTA, 2018, p. 31). O grande salto teórico-feminista é a amplificação do movimento dentro da academia, na década de 80, ao intensificar os Estudos de Gênero. Uma das referências deste período é Joan Scott que, em 1986, publicou “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. A relevância desse momento está no foco da pesquisa destinado ao conceito e às relações sociais de gênero mais do que à mulher como ser biológico. A partir desse avanço, “não apenas as relações entre mulheres e homens são problematizadas, mas entre homens e homens, mulheres e mulheres, articulando outros marcadores sociais, de raça, sexualidade, etnia e geração” (COSTA, 2018, p. 31).

Paralelo a essas dinâmicas, inicia-se a terceira onda do feminismo, constituída por feminismos diversos em suas frentes de atuação. Nesse contexto, a filósofa estadunidense Judith Butler lança o texto mais influente do feminismo acadêmico da década: “Problemas de Gênero” (1990). Ela defende que “não há fundamentos fixos das categorias de gênero e, portanto, também na estratégia feminista” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 141), Butler tornou-se ícone de um novo movimento cultural: a teoria *queer*. Uma nova linha de pensamento que engloba tudo o que o discurso do senso comum transforma em anormal, em

²² ZIRBEL, Ilze. Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil. 212f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis: UFSC, 2007.

estranho, em abjeto, em subalterno (MISKOLCI, 2012). Com origem na aliança entre movimentos feminista e LGBTQ+, a teoria conversa com a conceituação de gênero feita por Butler, compreendendo-o como fluido, e enfatizando a “fragilidade de todas as categorias identitárias” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 144).

Boix e Miguel (2013) acreditam no surgimento de um movimento de experimentação feminista junto às tecnologias o qual as autoras chamam ciberfeminismo. Para elas, o movimento “era um fenômeno espontâneo que surgia em lugares distintos como resposta a ideias como o *ciberpunk*” (BOIX; MIGUEL, 2013, p. 55). O ciberfeminismo é a crítica à questão de gênero na cultura eletrônica ao mesmo tempo em que transforma as relações das mulheres com as Tecnologias da Informação e com a Comunicação (ESMITIZ, 2019, submetido à publicação). Nesse sentido, as mulheres posicionam-se como produtoras de conteúdo, utilizando espaços de comunicação criados por elas para difundir suas pautas no ambiente digital (SOUZA, 2015²³ *apud* ESMITIZ, 2019, submetido à publicação).

Matos (2010), assim como outras teóricas, propõe a experiência de uma nova onda para os movimentos feministas e, também, para os estudos acadêmicos que dão conta dessas teorias. Uma nova onda que “leve a sério a existência radical (ainda recente) de circuitos de difusão feminista operados a partir das mais distintas correntes de feminismos” (MATOS, 2010, p. 68). A esse feminismo múltiplo (que engloba correntes acadêmicas, do movimento negro, LGBTQ+ etc.) poderia se dar o nome de “fluxo horizontal do feminismo”²⁴ (HEILBORN & ARRUDA, 1995²⁵; ALVAREZ, 2009²⁶ *apud* MATOS, 2010). Essa compreensão que considera distintos marcos sociais e que descentraliza as lutas feministas de uma ótica do Norte Global está sendo considerada como a quarta onda feminista. Sobre essa nova configuração do movimento, voltaremos a falar ao final deste subcapítulo, após a retomada histórica do feminismo brasileiro, com o objetivo de desenvolver a reflexão de Matos (2010) sobre a possibilidade de reconstruir a teoria feminista a partir do Sul Global,

²³ SOUZA, VANESSA C. Z. De. Chega de Fiu Fiu: O papel do ciberfeminismo na construção do feminismo na era da Web 2.0. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Bauru, 2015.

²⁴ Do original *feminist sidetracking* (tradução da autora).

²⁵ HEILBRON, M. L.; ARRUDA, A. Legado feminista e ONGs de mulheres: notas preliminares. In: Núcleo de Estudos da Mulher e Políticas Públicas: Gênero e Desenvolvimento institucional em ONGs. Rio de Janeiro: IBAM, 1995.

²⁶ ALVAREZ, S. E. Construindo uma política feminista translocal da tradução. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 17, n. 3, 2009.

relacionando ainda a quarta onda à consolidação das redes sociais digitais como ferramenta de propagação de ideias.

3.1.1. Feminismo no Brasil

O princípio da história do feminismo brasileiro segue os moldes vivenciados na Europa e nos Estados Unidos. Assim como nos países do Norte Global, a primeira onda feminista no Brasil se caracterizou pela luta do direito ao voto. Quem liderava o movimento sufragista brasileiro era a bióloga Bertha Lutz que, segundo Pinto (2003), seguia uma tendência “bem comportada” de feminismo. Nesse sentido, “a luta para a inclusão das mulheres à cidadania não se caracterizava pelo desejo de alteração das relações de gênero, mas como um complemento para o bom andamento da sociedade” (OTTO, 2004, p. 239). Lutz foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, responsável por forte campanha pró-voto feminino e por levar abaixo-assinado ao Senado solicitando a aprovação do Projeto de Lei que garantia esse direito às mulheres. O sufrágio foi conquistado em 1932 com a promulgação do Novo Código Eleitoral brasileiro (PINTO, 2010).

Concomitante ao feminismo “bem-comportado” de Bertha Lutz, Pinto (2003) identifica uma outra tendência: protagonizado por operárias de ideologia anarquista, o feminismo “malcomportado” defendia, além de direitos políticos, o acesso à educação e questionava a dominação masculina. Essas mulheres se organizaram na “União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas” a qual, em manifesto de 1917, proclamou: “Se refletirdes um momento vereis quão dolorida é a situação das mulheres nas fábricas, nas oficinas, constantemente, amesquinhas por seres repelentes” (PINTO, 2003, p. 35).

A partir da década de 60, o Brasil apresenta uma dinâmica diferente em relação ao Norte Global: o país sofrera com o golpe midiático-civil-militar de 64²⁷ e com o rigor da ditadura instaurado pelo Ato Institucional n. 5 (AI-5)²⁸, promulgado em 1968. Se “na Europa e nos Estados Unidos havia cenários de grande efervescência política, de revolução dos

²⁷ O termo golpe midiático-civil-militar deve-se as origens do golpe, quando a imprensa age como “intelectual orgânico” (GRAMSCI, Antônio) e utiliza seu poder simbólico para apoiar as narrativas do golpe como, por exemplo, de que a permanência de João Goulart na presidência levaria o Brasil para o comunismo. SILVA, Juremir M. da (2014).

²⁸ O AI-5 foi lançado em 13 de dezembro de 1968, e configurou a face mais dura da repressão da ditadura militar brasileira. Símbolo da censura, vigorou até dezembro de 1978, resultando em uma série de ações arbitrárias do governo, visto que lhe deu poder de exceção para punir arbitrariamente aqueles que fossem considerados inimigos do regime.

costumes, de radical renovação cultural”, no Brasil a realidade experimentada era outra: “o clima era de ditadura militar, repressão e morte” (OTTO, 2004, p. 239). Todavia, foi em meio à repressão do regime militar na década de 70 que as feministas brasileiras voltaram a se mobilizar. A emergência do movimento durante o governo Médici explica as duas frentes que se formaram: uma dentro do país e outra fora, no exílio. No Brasil, aconteceu em 1975, inspirada na I Conferência Internacional da Mulher, no México, uma semana de debates, patrocinada pelo Centro de Informações da ONU, que recebeu o título “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”, além do lançamento, no mesmo ano, do Movimento Feminino pela Anistia, liderado por Therezinha Zerbini e que teria papel de relevância durante a luta pela anistia em 1979 (PINTO, 2010).

No exílio, destacaram-se as mobilizações em Paris, onde as mulheres, impulsionadas pelo contato com o feminismo europeu, passaram a se reunir em grupos como o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris. Essas mulheres sofriam forte resistência dos homens com quem compartilhavam o exílio, em sua maioria seus companheiros, que alegavam que o feminismo desviava as pautas primordiais da luta contra a ditadura e a favor do socialismo (PINTO, 2010). No entanto, o grupo “tinha como centro de discussão a especificidade da questão de gênero que era também atrelada à luta de classes” (BASTOS, 2006²⁹ *apud* CAMARGO, 2010). Neste contexto, o Círculo lançou uma Carta Política em 1976:

“Ninguém melhor que o oprimido está habilitado a lutar contra a sua opressão [...] Nosso objetivo ao defender a organização independente das mulheres não é separar, dividir, diferenciar nossas lutas das lutas que conjuntamente homens e mulheres travam pela destruição de as relações de dominação da sociedade capitalista” (PINTO, 2003, p. 54).

Os grupos organizados no exílio revolucionaram o feminismo brasileiro ao quebrar alguns paradigmas conceituais, pois, a partir de sua experiência europeia, trouxeram ao Brasil as primeiras bandeiras de gênero, promovendo uma reflexão entre as feministas brasileiras para o abandono das prioridades de classe rumo às prioridades de gênero. “O Círculo, juntamente com o Grupo Latino-Americano de Mulheres e o grupo de Berkeley, é fortemente responsável pela troca de abordagem do feminismo brasileiro da questão de classe para a questão de gênero” (CARDOSO, 2004, p. 62). Danda Prado, em entrevista concedida à Elisabeth Cardoso, em 2003, ressaltou a efervescência do movimento feminista em Paris:

²⁹ BASTOS, Natalia de Souza. O Círculo de mulheres brasileiras em Paris: uma experiência feminista no exílio. In: Usos do passado – XII encontro regional de História – ANPUH. Rio de Janeiro, 2006.

Eu fiquei muito espantada quando cheguei em Paris, porque eu, até então, só tinha participado de grupos políticos, nunca tinha atuado em grupos de mulheres. No Brasil, não existiam grupos de mulheres. E quando eu cheguei na França, em 1970, em todo canto eu via uns cartazes estranhos, às vezes escritos à mão, dizendo REUNIÃO DAS MULHERES. [...] E realmente, nessa época, era difícil para mim não aceitar que o inimigo principal não fosse o capital, mas sim o homem. Quer dizer, o sexo masculino tinha ocupado, dentro da sociedade, uma limitação à vida da mulher. Isso eu aprendi lá. [...] (CARDOSO, 2004, p. 75).

O feminismo brasileiro inicia uma nova fase nos anos 80. Com a redemocratização, a luta pelos direitos das mulheres se amplia, abarcando discussões sobre violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo e orientação sexual (PINTO, 2010). A terceira onda feminista no Brasil é marcada pela aproximação entre a base do movimento feminista hegemônico – branco e de classe média - às mobilizações populares de mulheres. “O movimento feminista brasileiro, apesar de ter origens na classe média intelectualizada, teve uma interface com as classes populares, o que provocou novas percepções, discursos e ações em ambos os lados” (PINTO, 2010, p. 17).

Deste período resultaram algumas vitórias significativas para a luta das mulheres brasileiras, como a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM) em 1984, com *status* de ministério, que foi fundamental na campanha nacional para inclusão dos direitos das mulheres na nova Carta Constitucional brasileira. Desse esforço, hoje temos a Constituição de 1988 como uma das que mais garante direitos para as mulheres no mundo (PINTO, 2010).

Já na última década do século XX, Pinto (2010) destaca o processo de profissionalização do movimento através das Organizações Não-Governamentais que tinham como principal objetivo atuar em prol da maior participação política feminina e da aprovação de medidas protetivas. Entre as vitórias dessas instituições, a criação das Delegacias Especiais da Mulher e a Lei Maria da Penha (Lei n 11 340/2006)³⁰ são os principais resultados. Apesar das conquistas significativas, a profissionalização do movimento teve como senão o enquadramento do movimento segundo a agenda internacional:

³⁰ A Lei Maria da Penha (Lei n 11 340/2006), como descrito em sua ementa, “cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher”. Segundo dados do IPEA (2015), a LMP reduziu em 10% a projeção de aumento da taxa de homicídios domésticos contra as mulheres, o que significa que foram evitados milhares de casos de violência doméstica no país.

Embora saliente a importância das ONGs como uma nova arena política, Céli Pinto aponta os limites dessas organizações, como, por exemplo, a necessidade de se guiarem pela agenda das fundações internacionais em função dos critérios para o recebimento de fundos e a institucionalização. Faz um alerta ao dizer que a tendência para a profissionalização por meio de ONGs pode estar indicando a volta de um ‘feminismo bem-educado’ (OTTO, 2004, p. 240).

Aproximo-me dos teóricos que defendem a existência de uma nova onda do feminismo, própria dos anos 2000 e intensificada pela consolidação do ambiente digital como arena de propagação de movimentos sociais, especialmente depois de 2011. A “nova” onda iria ao encontro das ideias de um “fluxo horizontal do feminismo” (HEILBORN & ARRUDA, 1995; ALVAREZ, 2009 *apud* MATOS, 2010), considerando a relevância das “fronteiras interseccionais, transversais e transdisciplinares entre gênero, raça, sexualidade, classe e gerações” (MATOS, 2010, p. 69).

A quarta onda é caracterizada pelo ciberativismo e pelo protagonismo latino-americano. Segundo Cazarré (2016), a quarta onda do feminismo é marcada pela popularização e pela democratização do feminismo na rede ou através dela. As reivindicações da quarta onda são diversas e as temáticas do movimento nas ondas anteriores são revisitadas: a principal característica da quarta onda do feminismo não é o que aborda, mas sim a massificação e horizontalização das pautas feministas (CAZARRÉ, 2016). A especialista em gênero e uma das fundadoras do movimento argentino *Ni Una Menos*, Cecília Palmeiro, afirmou, em entrevista à Revista Cult, em novembro de 2017: “se vivemos uma quarta onda do feminismo, esta é tipicamente latino-americana”. Sobre o desenvolvimento da quarta onda como marco de reconstrução da Teoria Feminista a partir do Sul Global (MATOS, 2010), abordaremos no subcapítulo seguinte.

3.1.2. A quarta onda do feminismo e o protagonismo do Sul Global

[...] neste momento que nos foi dado viver, estamos experimentando um novo clamor por direitos, direitos civis, que são direitos à diferença na igualdade, e à igualdade na diferença; com isso, estamos ampliando os lugares de fala. [...] Essa é uma forma poderosa de se combater os conhecimentos muito eurocentrados.³¹ (FARIAS; MORAES, 2019, p. 205).

A teoria feminista construída a partir da lógica do Norte Global sonega, segundo Ferreira e Nogueira (2017), a realidade latino-americana e, por conseguinte, a característica de resistência própria do Sul Global, visto que essas mulheres não se renderam “às forças

³¹ Trecho da entrevista dada pela antropóloga da USP Lília Schwarcz para o livro *Explosão Feminista*

neoliberais, mas negaram ou, ao menos, resistiram a tais avanços desde a colonização, pelo que a resistência é, antes de tudo, uma especialidade latina precípua” (FERREIRA; NOGUEIRA, 2017, p. 31). As autoras se baseiam nas ideias de Mohanty, a qual considera que, pela resistência característica das mulheres do Sul Global, somos nós que podemos “oferecer a visão mais inclusiva do poder sistêmico global” (MOHANTY, 2003, p. 232)³². Essa visão que vitimiza ao invés de empoderar o Sul Global já era descortinada por Jaquette no final dos anos 80:

As feministas norte-americanas estão cada vez mais conscientes do trabalho das feministas canadenses e europeias, especialmente escritoras francesas e britânicas, mas elas ainda tendem a ver as mulheres do Terceiro Mundo como vítimas da opressão e não como criadoras da teoria feminista ou como agentes de mudança (JAQUETTE, 1989)³³ *apud* CYPRIANO, 2013, tradução do autor).

Nesse cenário, a quarta onda do feminismo, como apontado anteriormente neste trabalho, propõe uma nova estrutura de difusão de pautas feministas que, por operarem do Sul em direção ao Norte Global, horizontalizam o movimento, levando consigo a pauta de gênero em intersecção com outros marcadores sociais como raça, classe, sexualidade e geração. A intenção, contudo, não é criar uma polarização Norte/Sul, mas sim aproximar o movimento feminista da Academia das demais realidades globais, fortalecendo as lutas de forma plural e combinada, extrapolando limites geográficos (FERREIRA; NOGUEIRA, 2017). As autoras defendem a possibilidade de criação de um espaço de resistência sem fissurar o movimento: “há de haver espaço para a dimensão de resistência, imbuída de autorreconhecimento, de tomada ou retomada do discurso, de protagonismo, e, portanto, de novas epistemologias, sem prejuízo do surgimento de outras dimensões” (FERREIRA; NOGUEIRA, 2017, p. 36).

Connell e Pearse também acreditam em uma teoria horizontalizada que abre diálogo entre Norte e Sul Global, bem como que intersecciona debates sociais: “Precisamos encontrar formas de falarmos uns com os outros, transpondo distâncias e fronteiras, nos estudos de gênero e em outros campos” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 152). Para transpormos o eurocentrismo hegemônico do movimento, precisamos ir além de críticas rasas ao racismo, é preciso, segundo Chilla Bulbeck, aplicar “uma perspectiva de viajante do mundo”

³² Do original [...] *the particular standpoint of poor indigenous and Third World/South women provides the most inclusive viewing of systemic power.* (tradução da autora).

³³ JAQUETTE, Jane S. Jaquette. *The Women's movement in Latin America: Feminism and the Transition to Democracy.* Boston: Unwin Hyman, 1989.

(BULBECK, 1998³⁴ *apud* CONNELL; PEARSE, 2015, p. 152), ou seja, o feminismo eurocêntrico deve aprender a se enxergar enquanto enxerga as experiências latino-americanas e vice-versa.

Matos (2010) alimenta a hipótese de uma quarta onda brasileira e latino-americana, mesmo que não descarte a existência do patriarcalismo na estrutura cultural desses países, pois, historicamente, as vozes feministas brasileiras têm surgido nos momentos menos propícios. Para sedimentar sua aposta de que esses feminismos tendem a retomar a aproximação entre pensamento e movimento, Matos (2010) aponta quatro meios pelos quais a quarta onda pode ser demonstrada:

1) da **institucionalização das demandas** das mulheres e do feminismo, por intermédio da entrada (parcial) delas no âmbito do Poder Executivo e Legislativo destes países; 2) da **criação de órgãos executivos de gestão de políticas públicas** especialmente no âmbito federal (mas também, no Brasil, de amplitude estadual e municipal); 3) da **consolidação no processo de institucionalização das ONGs e das redes feministas** e, em especial, sob a influência e a capacidade de articulação e financiamento do feminismo transnacional e da agenda internacional de instituições globais e regionais [...] referidas aos direitos das mulheres; 4) uma **nova moldura (frame) para a atuação do feminismo: trans ou pós-nacional**, em que são identificadas uma luta por radicalização anticapitalista e uma luta radicalizada pelo encontro de feminismos e outros movimentos sociais no âmbito das articulações globais de países **na moldura Sul-Sul** (MATOS, 2010, p. 80, grifos da autora).

A partir das transformações institucionais, econômicas e culturais singulares da América Latina, que Marlise Matos (2010) reivindica a ascendência de uma quarta onda feminista, com origem nos anos 2000, que “traz os desafios da horizontalização dos movimentos feministas e da construção coletiva do diálogo intercultural e intermovimentos” (MATOS, 2010, p. 81). Nana Queiroz, autora do movimento “Eu não mereço ser estuprada”³⁵, define, em “Você já é feminista” (2016), a quarta onda como a nova leva de feministas conectadas por meio da popularização e da democratização do feminismo na rede. Assim como Queiroz, Cazarré (2016), afirma que as reivindicações da quarta onda são diversas e as temáticas do movimento nas ondas anteriores são revisitadas: a principal

³⁴ BULBECK, Chilla. *Re-orienting Western Feminisms: Women’s Diversity in a Postcolonial World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

³⁵ O movimento “Eu não mereço ser estuprada” foi criado no Facebook, em 2014, como resposta ao resultado de uma pesquisa do Ipea que apontava que 65% dos brasileiros acham que mulheres com roupas curtas merecem ser violentadas.

característica da quarta onda do feminismo não é o que aborda, mas sim a massificação e horizontalização das pautas feministas (CAZARRÉ, 2016).

Por estarmos inseridos nos processos que configuram essa classificação é difícil definir quando de fato a quarta onda tem início. Apesar disso, em uma tentativa de estudá-la, algumas pesquisadoras brasileiras do movimento divergem de Matos (2010) e consideram como marco inicial a primeira Marcha das Vadias, que aconteceu em junho de 2011, em São Paulo (QUEIROZ, 2016). Movimento desencadeado no Canadá, após a justificativa de um policial que uma série de estupros na Universidade de Yale devia-se ao fato de as mulheres agredidas se vestirem como “vadias”, a Marcha gerou uma onda de protestos no mundo todo, inclusive no Brasil, que é considerada por Maria Bogado (2019) como “exemplo-chave da experiência do protesto que comporta suas próprias formas de expressão e tem no corpo um elemento central” (BOGADO, 2019, p. 33). Esse conceito de protesto apresentado por Bogado está vinculado à ideia de performatividade de gênero (BUTLER, 2019), conceito central do feminismo *queer* que aponta para a proliferação das configurações culturais de sexo e gênero (HOLLANDA, 2019).

A concretização de forma mais ampliada desse “novo” feminismo no Brasil pode ser datada entre os anos de 2014 e 2015, nos quais foram vivenciadas diversas campanhas em redes sociais digitais como a Chega de Fiu Fiu³⁶, a #NãoMereçoSerEstuprada, #PrimerioAssédio e #MeuAmigoSecreto. Nos anos seguintes, uniram-se à causa youtubers feministas como Jout Jout e o Canal das Bee, além do jornalismo independente com recorte de gênero como os portais e revistas AzMina, Capitolina e ThinkOlga³⁷. Sobre as principais mobilizações do feminismo brasileiro no ambiente digital falaremos adiante, após conceituações acerca das formas de estruturação dos movimentos sociais em rede.

3.2. MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDES SOCIAIS DIGITAIS: O CIBERATIVISMO FEMINISTA

A internet fora criada, em um primeiro momento, para facilitar a comunicação militar em meio à Guerra Fria, em 1969; seu potencial de rede de cooperação, no entanto, já era

³⁶ Iniciada em 2013, a Chega de Fiu Fiu é considerada a primeira campanha nacional contra o assédio sexual em espaços públicos.

³⁷ Veja em: < <https://azmina.com.br/>>; < <http://www.revistacapitolina.com.br/>>; < <https://thinkolga.com/>>.

percebido pelos acadêmicos envolvidos no projeto, de forma que, ainda nos seus primórdios tornou-se território de fóruns, de grupos de discussão e de e-mails, inaugurando o ciberespaço com a criação de uma nova organização social – a comunidade virtual (AUTOUN; MALINI, 2013). Esse mecanismo de estrutura social no ciberespaço oferecia terra fértil para o surgimento do ciberativismo, uma forma de fazer ativismo próprio do ambiente das redes sociais, que utiliza o meio digital como espaço alternativo aos meios de comunicação tradicionais para expressar suas ideias e valores (LEMOS, 2005).

Bourdieu (2001) havia apontado a natureza midiática dos movimentos sociais que tinham na mídia espaço estratégico de promoção de demandas. Para o autor, o conhecimento do funcionamento do mundo midiático permite a criação de “ações exemplares” dos movimentos, que “exigem engajamento pessoal dos militantes responsáveis, que [...] viraram mestres na arte de criar o acontecimento, dramatizar uma condição própria a atrair o olhar midiático e, por tabela, político” (BOURDIEU, 2001³⁸ *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 54).

A narrativa noticiosa é deslocada das mãos da imprensa e está também no ambiente digital, que tem capacidade de irradiar informação em um fenômeno inédito por meio da comunicação participativa (AUTOUN; MALINI, 2013). As redes sociais digitais alteraram a forma de organização, mobilização e articulação dos movimentos sociais, tornando-se um espaço alternativo de significação dos acontecimentos, gerando consequências no jornalismo enquanto campo social e profissional (OLIVEIRA, 2016). Oliveira (2016) aponta que, com as redes sociais, o ciberespaço deixa de ser lugar de circulação das demandas dos movimentos sociais ortodoxos para tornar-se ambiente de “germinação dos movimentos mais contemporâneos” (OLIVEIRA, 2016, p. 55). Essa nova forma de articular movimentos sociais começa com a Primavera Árabe, no Oriente Médio e no Norte da África, em 2010 e, no Brasil, tem como marco de erupção os protestos das Jornadas de Junho de 2013.

A propagação da Primavera Árabe – sequência de protestos populares contra governos ditatoriais em países do Oriente Médio e no Norte da África, iniciadas em dezembro de 2010, teve no Twitter e no Facebook grandes aliados para a disseminação e o fortalecimento das mobilizações populares. O relatório Arab Social Media Report³⁹, divulgado pela Dubai School of Government, em 2012, indicou que, na Tunísia, ponto de início de todo o

³⁸ BOURDIEU, P. *Contrafogos 2: por um movimento social europeu*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

³⁹ Disponível em < <https://www.arabsocialmediareport.com/home/index.aspx>>.

movimento, o número de usuários cadastrados no Facebook aumentou consideravelmente em apenas dois meses: foram 200 mil novos usuários entre novembro de 2010 e janeiro de 2011. Essas datas correspondem ao período que a população tunisiana foi às ruas exigindo a queda do presidente Zine el Abidine Ben Ali. Além do Facebook, o relatório mostra a força do Twitter no país durante as manifestações, visto que o pico de acessos da plataforma na Tunísia corresponde ao dia 14 de janeiro, mesma data em que Ben Ali renunciou. De acordo com a Dubai School of Government, nove em cada dez tunisianos e egípcios afirmaram ter usado o Facebook para organizar os protestos e aumentar a participação da população nas manifestações. O primeiro registro da mobilização em redes sociais digitais foi a publicação feita pelo analista político dos Emirados Árabes Sultan al Qassemi em que denunciava a morte do tunisiano Mohamed Bouazizi, vendedor de verduras que cometeu suicídio após tratamento desumano dado pelo governo a ele.

Oliveira (2016) alerta que a organização de movimentos sociais em rede não é algo novo, pois a compreensão de movimentos sempre esteve interligada ao acesso ao espaço público tendo o jornalismo como mediador. Para ser passível de notícia, o movimento organizava mobilização em praça pública ou em avenida de grande circulação e, ao passo que tornava suas reivindicações um acontecimento, recebia a atenção da mídia. A novidade está nas redes sociais digitais e no seu uso para mobilização rápida e em massa de pessoas, além do seu uso social de “ampliação da adesão a manifestações que ocupam a praça pública e que, antes, são articuladas em rede” (OLIVEIRA, 2016, p. 60). No texto de Oliveira (2016), compreende-se que um movimento social bem articulado hoje é aquele que consegue acessar o espaço público fazendo o uso dos meios de comunicação modernos para mobilização e organização dos acontecimentos, bem como adotar as redes sociais digitais como lugar de significação desses acontecimentos. Nesse contexto, as redes sociais

são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir. Mas o papel da internet ultrapassa a instrumentalidade: ela cria as condições para uma forma de prática comum que permite a um movimento sem liderança sobreviver [...] e expandir-se (CASTELLS, 2013, p. 167).

No entanto, a efetividade do uso das redes sociais digitais como ferramenta de mobilização social depende do uso das tecnologias de comunicação de forma estratégica. Toret (2012) aponta para a existência de uma “alquimia de fatores” que produzem o alastramento das demandas de movimentos sociais nas redes digitais, entre os quais se destacam “a mobilização afetiva na psique coletiva e a multiplicação das interações nas

tecnologias do momento” (TORET, 2012⁴⁰ *apud* ESMITIZ, 2019, p. 63, submetido à publicação). Fatores esses que também são levantados por Castells (2013) que assegura a necessidade de ativação emocional comum a mais indivíduos para que se forme um movimento social. O ciberativismo se consolida nessa identificação coletiva em relação a alguma injustiça que engaje um grande número de pessoas. “A crise na democracia e o aumento do descrédito do poder público, aliados ao aumento do uso das redes sociais na internet, nos levam a crer no desenvolvimento do ciberativismo como alternativa de liberdade de expressão e força do poder popular” (AMARAL; GIRARDI JÚNIOR, 2016, p. 5).

O ciberativismo é a alternativa encontrada pelos movimentos sociais para tornar suas pautas em agenda do jornalismo de mídias tradicionais. A dinâmica desse processo é criar um ruído nas redes sociais digitais que seja suficientemente interessante para se propagar e perdurar o tempo necessário para romper a superfície lisa da história (RODRIGUES, 1993) e se tornar não só um acontecimento jornalístico (BENETTI, 2010b), mas também, devido à sua origem, um ciberacontecimento (HENN, 2014). Como dito anteriormente nesta monografia, ao produzirem suas próprias narrativas no ambiente digital, os sujeitos podem, dependendo do grau de conectividade e compartilhamento do conteúdo, pautar o jornalismo, constituindo um ciberacontecimento (HENN, 2014). Quando essa apropriação ocorre, múltiplos sentidos são gerados, revelando a força simbólica em torno de um acontecimento (BITTENCOURT, 2015).

O conceito de ciberacontecimento é peça-chave para entender os movimentos de análise deste trabalho no sentido que ele é criado com o objetivo de ser manuseado pelo movimento social – neste caso, pelo movimento feminista – para criar um acontecimento que vá ao encontro dos critérios de noticiabilidade. Esse objetivo é alcançado “seja pela concretização em ciberacontecimentos que se processavam nas redes digitais, seja pela ocupação do espaço público urbano por acontecimentos que, antes, foram objeto de articulação no espaço digital” (OLIVEIRA, 2016, p. 19).

É neste sentido que, a partir de agora, me detenho a descrever três momentos em que o movimento feminista brasileiro age no ciberespaço. O primeiro deles, as Jornadas de Junho de 2013, não tem origem no movimento feminista, mas tem papel fundamental para a

⁴⁰ TORET, Javier. Una mirada tecnopolítica sobre los primeros días del #15M. In: *Comunicación y Sociedad Civil*. 2012. (tradução de Esmítiz, 2019).

configuração das outras duas mobilizações, além de ser ciberacontecimento de marco inicial desse tipo de organização de movimentos sociais no Brasil. Os outros dois exemplificam como o movimento feminista atua como ciberativista. A Primavera Feminista, em 2015, e a campanha Ele Não, em 2018, são representativas da criação de ciberacontecimentos para atrair os meios de comunicação e dar visibilidade ao movimento.

3.2.1. Jornadas de Junho

Em 2013, o Brasil vê acontecer as Jornadas de Junho, quando milhões de pessoas, articuladas em rede, vão às ruas para reivindicar as mais diversas demandas. A forma de organização e mobilização é o que coloca esse acontecimento como central para a reflexão proposta; **ele tem um elemento constituinte: as redes digitais como ambiente em que se desencadeia.** “Começou nas redes sociais [...], já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas, que, ao longo da história, haviam monopolizado os 75 canais de comunicação [...]”, diz Castells (2013, p. 10), ao descrever a formação desse tipo de fenômeno (OLIVEIRA, 2016, p. 74, grifo da autora).

No dia 17 de junho de 2013, o Twitter foi tomado pelas *hashtags* #VemPraRua, #VemPraJanela e #WhiteMonday. Os quase 20 mil compartilhamentos levaram 270 mil pessoas em 30 cidades do país às ruas. O impacto foi tanto que, no dia 20 do mesmo mês, cerca de 1,4 milhão de pessoas ocuparam 130 cidades do país.⁴¹ A esse fenômeno chamamos Jornadas de Junho de 2013: uma avalanche de protestos que iniciaram em São Paulo, mas que acabaram se espalhando pelo país inteiro, mobilizando milhares de pessoas. Originalmente criada como manifestação contrária ao aumento da tarifa de ônibus em R\$ 0,20, a onda de protestos se tornou a maior série de manifestação de rua desde o movimento a favor do *impeachment* de Fernando Collor de Mello na década de 90. O Movimento Passe Livre, responsável pela organização inicial dos protestos, desde o início identificou as jornadas como horizontais e livres de agendas político-partidárias, alternando líderes e porta-vozes. Essa característica corroborou para que o movimento se ampliasse, somando novas demandas às reivindicações iniciais. A frase “Não é só por R\$ 0,20” ganhou o país e após o quadro intenso de violência policial contra manifestantes, as marchas ganharam adesão de pessoas que até então não haviam se envolvido, pluralizando ainda mais os pontos de vista ideológicos e, por consequência, as pautas reivindicatórias.

⁴¹ Dados retirados do livro *Explosão Feminista* (2018).

Bruno Torturra, um dos idealizadores do Mídia Ninja – portal que transmitiu ao vivo os protestos daquele ano, em entrevista ao Nexo Jornal, em 2017, atribuiu a adesão massiva ao movimento à discordância ideológica entre as pessoas que integravam o protesto:

[...] o que deu volume tirou os contornos ideológicos. Foi uma reunião de forças que nunca mais voltaram a estar juntas. Isso ficou claro sobretudo na marcha de mais de 1 milhão de pessoas após a repressão de 13 de junho. Tive a impressão de que muitos dos que estavam ali se odiavam, mas ainda não tinham descoberto isso – punks, anarquistas, patriotas nacionalistas, membros de partido. Junho abriu uma janela para a rua. Cada vez mais acho que foi um fenômeno comunicacional com implicações políticas, mais do que um fenômeno político com implicações comunicacionais (CHARLEAUX, 2017).

Para Almeida, Barreto e Cunha (2017), as Jornadas de Junho correspondem à produção de sentido característica da contemporaneidade que se tornou um processo de compartilhamento. “O desenvolvimento das mídias sociais representou a inauguração de novos e expressivos lugares de fala, em que as pessoas passam de receptores a enunciadores” (ALMEIDA; BARRETO; CUNHA, 2017, p. 211). A mobilização não só foi convocada pelas redes sociais digitais como é nesse meio que ganha força a partir do convite “Vem pra rua” que foi apropriado pelo país inteiro, sendo ressignificado de acordo com as insatisfações de grupos menores que se reuniram em um só movimento para questionar diversas estruturas de poder. Neste contexto, as redes sociais funcionaram “como fonte de novos sentidos, alertas e disseminação de insatisfações, debate sobre a ordem vigente, acompanhamento em tempo real da repercussão e andamento das manifestações” (ALMEIDA; BARRETO; CUNHA, 2017, p. 212).

A Mídia Ninja, fundada em 2013, é um exemplo de apropriação das estratégias das redes sociais para tensionar os enquadramentos dados pelos meios de comunicação tradicionais aos fatos. Identificados como uma rede de comunicação livre, ganharam notoriedade durante as manifestações por meio de suas coberturas ao vivo de dentro dos protestos. Ivana Bentes (2015) afirma que os Ninjas entenderam a esfera midiática ativista ao compreenderem a comunicação via redes sociais como a própria mobilização e não como ferramenta para tal. Inspirados nas noções de hackeamento e da cultura digital, ao hackearem narrativas, “além de produzirem um contra discurso em torno do sentido das manifestações, também pautaram a mídia corporativa e os telejornais” (BENTES, 2015, p. 51).

Nesse momento, descobre-se que as redes sociais podiam ser vividas para além do veículo eficaz para propagação de informações. Em 2013, foram lançadas as bases para um

novo tipo de organização política – uma democracia conectada, participativa e transparente (BOGADO, 2019). Os protestos daquele ano inquietaram a mídia tradicional, bem como o poder do Estado (representado na rua pela polícia), ao impossibilitar a identificação de lideranças dos movimentos. Nas ruas, a coletividade se sobrepunha à ação individual (BOGADO, 2019). Um episódio foi simbólico em relação ao contexto apresentado por Bogado (2019): em artigo de opinião, primeiramente publicado pela Folha de São Paulo em 19 de junho de 2013⁴², Peter Pál Pelbart relata situação em que uma manifestante do Movimento Passe Livre responde a um repórter “Anota aí, eu sou ninguém”, invocando essa força de multidão que é própria de mobilizações (PELBART, 2013).

Bogado (2019) ressalta que as Jornadas de Junho não mantiveram a população nas ruas, mas mostraram a força de pessoas que se unem em torno de uma causa, daí se desdobraram em outras marchas e demandas, outros movimentos, estratégias e linguagens políticas, “visceralmente ligadas ao *éthos* de junho” (BOGADO, 2019, p. 29). Esse foi o legado das jornadas em muitos âmbitos: mostrar a amplitude que os movimentos sociais podem ter quando organizados no movimento digital utilizando a lógica de estruturação das redes sociais digitais. “O maior legado das manifestações de 2013 foi deixar claro que o cidadão, empunhado de seu telefone, pode se organizar e fazer política”, afirmou o cientista social e colunista do Jornal Nexo, Humberto Laudaes, em entrevista ao Nexo (CHARLEAUX, 2017).

Acho que todas essas pessoas que foram pra rua, de todos os posicionamentos políticos, descobriram uma força incrível que antes não conheciam [...] O feminismo teve um boom depois de 2013, o movimento negro também. Eu vejo que a nossa juventude está caminhando no sentido de incluir a política nas nossas relações, no dia a dia” (DIAS, 2017⁴³ *apud* BOGADO, 2019, p. 23).

Em meio a esse quadro surgiu uma nova leva de feministas, que percebeu em 2013 sua força. O feminismo “se tornou o maior representante da continuidade da nova geração política [...] as mulheres conquistaram o primeiro plano e roubaram a cena da resistência ao cenário conservador que ameaça o país” (BOGADO, 2019, p. 29). Um debate que estava adormecido desde o final dos anos 90 foi reacendido em 2013 para ganhar força em 2015. As mulheres brasileiras pouco conseguiram de concreto durante as jornadas, no entanto, o movimento mostrou que existia essa demanda e que ela poderia ser explorada. Para a pesquisadora Julia

⁴² Disponível em <www1.folha.uol.com.br/.../1313378-peter-pal-pelbart-anota-ai-eu-sou-ninguem.shtml>.

⁴³ Isabella Dias, secundarista participante da ocupação do Colégio Pedro II, de Realengo, em entrevista para a Revista Agulha, publicada em março de 2017.

de Cunto⁴⁴, o ano de 2013 foi um “pontapé” para a quarta onda feminista: “aquele turbilhão de emoções com as jornadas de junho e as redes sociais se tornaram um palco muito grande para a política. Começou-se, então, a falar muito em feminismo” (ARAGÃO, 2018).

São duas as principais contribuições de 2013 para o movimento feminista atual no que se refere aos modos de organização ativista contemporâneos. A primeira, já abordada no presente trabalho, é a busca pela horizontalidade e a recusa a definir lideranças em detrimento do coletivo. A segunda é o discurso político performático, que tem no corpo a principal plataforma de expressão (BOGADO, 2019). Na Marcha das Vadias, por exemplo, o corpo é instrumento de protesto e suporte de comunicação, muitas vezes estampando palavras de ordem como “meu corpo, minhas regras” e “meu corpo não é um convite” (ver Figura 6).

Figura 6: A performatividade dos protestos feministas contemporâneos representada em registros compartilhados em redes sociais com as *hashtags* #marchadasvadiasrj e #marchadasvadiassp

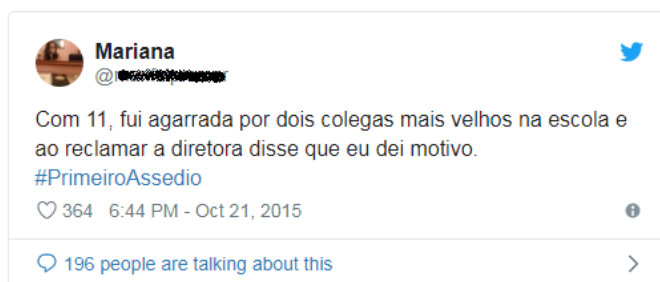


Fonte: Reprodução/Instagram

⁴⁴ Em entrevista para Helena Aragão, do O Globo, em 2018, quando do lançamento do livro Explosão Feminista.

3.2.2. Primavera Feminista

Figura 7: Mulheres utilizam *hashtag* #PrimeiroAssédio para compartilharem relatos de assédio sexual.



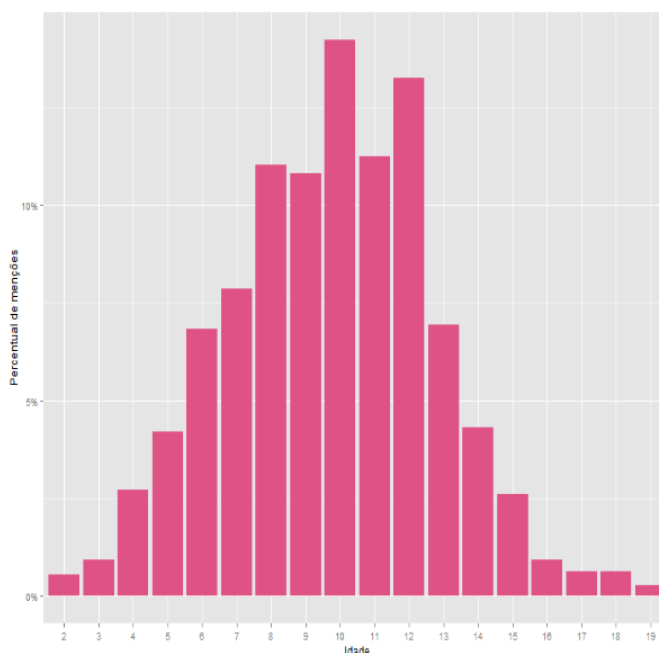
Fonte: Reprodução/Twitter

A Primavera Feminista de 2015 mostrou aos movimentos sociais brasileiros a força que um signo – a *hashtag* – tem no processo de criação de cibercontecimentos. A ONG *Think Olga*, que já havia articulado a campanha “Chega de Fiu Fiu” em 2013, foi protagonista da Primavera Feminista brasileira ao lançar a #PrimeiroAssédio em resposta ao caso de assédio dirigido a Valentina Schulz, de 12 anos, participante do programa de televisão *MasterChef Júnior*. O objetivo da campanha era pautar a discussão de assédio sexual na infância, por isso a *hashtag* convidava mulheres a relatarem sua primeira experiência de assédio (ver Figura 7). O impacto da campanha foi tanto que cruzou os limites geográficos e gerou versões da proposta em outros países, como Estados Unidos e Inglaterra, que adotaram a #FirstHarassment. Segundo dados do próprio coletivo *Think Olga*⁴⁵, em dois dias a #PrimeiroAssédio já tinha 29 mil menções no Twitter; no terceiro dia, esse valor já tinha quase triplicado, chegando a 82 mil menções.

A principal revelação desse levantamento, contudo, não era o número de assédios, mas a idade mínima média em que eles aconteceram: o primeiro assédio da mulher brasileira acontece próximo aos dez anos de idade (9,7) (ver Figura 8).

⁴⁵ Disponível em: <<https://thinkolga.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>>.

Figura 8: Gráfico gerado a partir de análise de amostra de 3.111 menções no Twitter com a hashtag #PrimeiroAssédio

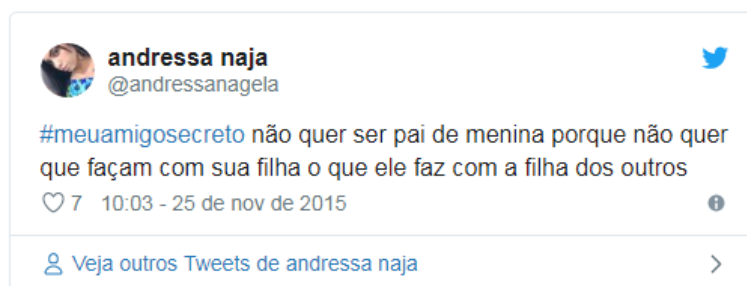


Fonte: Reprodução/Think Olga

Observa-se, nessa construção, o poder da *hashtag* como signo que propaga a voz das mulheres. A lógica é a mesma do fenômeno do “microfone-humano”, estratégia de protesto em que a multidão repete a mesma fala para torna-la audível a longas distâncias. No entanto, se no protesto de rua o microfone-humano tem uma função de organização prática (é assim que são decididos trajetos e emitidos comunicados breves), na sua apropriação pelos movimentos feministas nas redes sociais, são propagadores de singularidades (BOGADO, 2019). “As ruas passam a reverberar claramente a experiência em primeira pessoa em discursos propagados por campanhas nas redes sociais, como aconteceu com a *hashtag* #PrimeiroAssédio” (BOGADO, 2019, p. 35). Nesse sentido, se até 2013 a performance do movimento feminista estava na centralidade do corpo (como visto nas Marchas), em 2015 está na voz e essa é uma performatividade horizontal. Pois, não importa o sujeito da denúncia, a questão é que os assédios poderiam ter sido sofridos por qualquer uma: é a percepção de que o machismo estrutural e suas consequências são um problema comum entre as mulheres (BOGADO, 2019). “As experiências em primeira pessoa, tornadas públicas na rede, passam a afetar o outro”, transformando assim a “força mobilizadora dos relatos pessoais em um dos principais instrumentos políticos do feminismo em rede” (COSTA, 2019, p. 46).

Cristiane Costa (2019) acredita que, a partir do uso de vozes individuais em rede, o feminismo encontrou um modelo de se comunicar que é efetivo e contagioso. Para Clara Browne, uma das criadoras da Revista Capitolina, “parte do segredo do alcance das campanhas online se deve ao fato de que os debates estão comumente relacionados a narrativas pessoais, recuperando com força a ideia de que o pessoal é político” (COSTA, 2019, p. 46). Compreendida a capacidade de alcance que narrativas individuais reunidas por um signo comum – a *hashtag* – têm de propagar movimentos em rede, a dinâmica se repete e se torna uma forma de ação política, formada por uma imbricação de vozes que alcança “uma horizontalidade momentânea em que já não é central *quem* disse, mas o *quê* disse e *como* disse” (COSTA, 2019, p. 48).

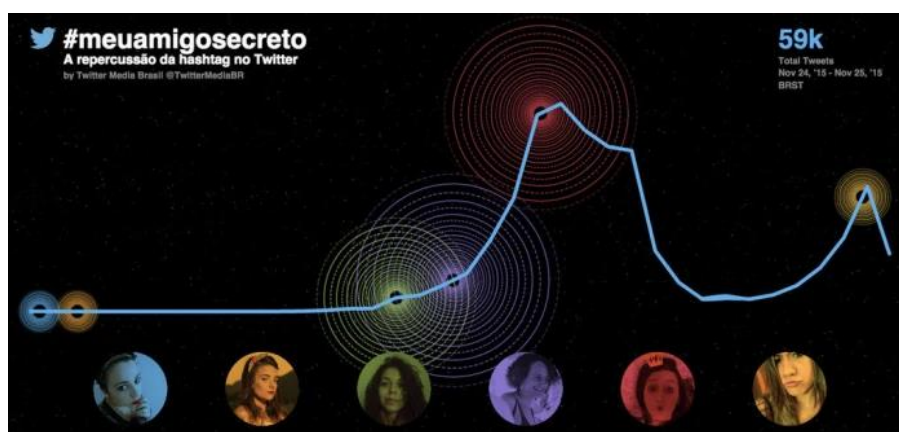
Figura 9: #MeuAmigoSecreto denuncia abusos anonimamente.



Fonte: Reprodução/Twitter

No mesmo ano da #PrimeiroAssédio, no mês de novembro, outra campanha feminista se disseminou pelo Brasil por meio das redes sociais e é fonte de análise desta monografia. A #MeuAmigoSecreto surgiu, diferentemente de sua antecessora, de modo espontâneo, sem a mediação de nenhuma organização ou coletivo. A *hashtag* vinha acompanhada de um relato de denúncia de abuso realizado por homens próximos a vítima em forma de denúncia anônima (ver Figura 9). Ao não identifica-los, “ficou claro que a necessidade de falar não vinha de um desejo de constranger determinada pessoa, e sim de divulgar comportamentos abusivos” (COSTA, 2019, p. 49). A data de início da mobilização foi 25 de novembro, dia da luta para a eliminação da violência contra a mulher, e fazia uma alusão à revelação do amigo secreto das festas de final de ano. O Twitter realizou levantamento que apontou para 59 menções em 24 horas (ver Figura 10). Em um mês, a campanha teve 170 menções no Twitter, conforme dados da *Think Olga*.

Figura 10: Levantamento da repercussão da #MeuAmigoSecreto em 24 horas



Fonte: Reprodução/ Twitter Media Brasil.

Na sequência, surgiu a #MulheresContraCunha, que mobilizava as mulheres contra o PL 5069/2013, projeto defendido por Eduardo Cunha, então Deputado Federal pelo PMDB, que dificultava o acesso ao aborto legal para vítimas de estupro; a #AgoraÉQueSãoElas, que questionava a falta de representatividade feminina nos espaços de opinião da mídia tradicional; a #NãoMereçoSerEstuprada, uma reação ao resultado da pesquisa “Tolerância social à violência contra as mulheres”, divulgada pelo Ipea.

Desse efeito dominó de mobilizações destaque duas, que ocorreram em 2016, por suas singularidades quanto a marcadores com os quais se interseccionam: de classe e de geração, respectivamente. A professora e rapper Preta-Rara criou a campanha #EuEmpregadaDoméstica, com o objetivo de que as mulheres que trabalham como domésticas, e que representam 92% da profissão⁴⁶, pudessem relatar situações de humilhação na relação com patrões. A campanha se difere por ser voltada para um público que é vulnerável tanto por gênero quanto por classe, bem como por raça, visto que 65% das mulheres empregadas domésticas são negras ou pardas. No entanto, não teve a mesma notoriedade das manifestações daquelas em que a classe média branca estava envolvida de forma ativa. Em fevereiro de 2016, estudantes de um colégio particular de Porto Alegre (RS) lançaram uma campanha que questionava a diferença de controle de vestimentas para meninas e meninos. Com a *hashtag* #VaiTerShortinhoSim, a campanha correu o país com um abaixo-assinado acompanhado pelo manifesto, escrito pelas próprias estudantes, o que espantava pela consciência política e de responsabilização de assédios a agressores e não às vítimas:

⁴⁶ Dados de pesquisa divulgada em 2015 pelo Ipea e a ONU Mulheres. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/o-que-faz-o-brasil-ter-a-maior-populacao-de-domesticas-do-mundo.ghml>>.

Nós, alunas do ensino fundamental e médio do Colégio Anchieta de Porto Alegre, fazemos uma exigência urgente à direção. Exigimos que a instituição deixe no passado o machismo, a objetificação e a sexualização dos corpos das alunas; exigimos que deixe no passado a mentalidade de que cabe às mulheres a prevenção de assédios, abusos e estupros; exigimos que, em vez de ditar o que as meninas podem vestir, ditem o respeito. [...] Ao invés de humilhar meninas por usar shorts em climas quentes, ensine estudantes e professores homens a não sexualizar partes normais do corpo feminino. **Nós somos adolescentes de 13-17 anos de idade. Se você está sexualizando o nosso corpo, você é o problema.**⁴⁷ (grifo da autora).

Em todos os casos citados, as *hashtags* apresentam caráter de signo do movimento feminista, pois carregam informações que vão além das publicações específicas em que estão sendo utilizadas (COSTA-MOURA, 2014⁴⁸ *apud* AMARAL; GIRARDI JÚNIOR, 2016). Ao viralizarem, revelam tendências e comportamentos repetitivos, como é o caso da violência contra a mulher. Costa-Moura (2014) explica, a partir da psicanálise, que o sujeito, assim como o discurso por trás do uso da *hashtag*, é mutável e possui uma natureza que não acaba em si. Na proliferação do discurso, sua origem não pode mais ser reconhecida, numa ideia chamada de “desuniverso” (COSTA-MOURA, 2014 *apud* AMARAL; GIRARDI JÚNIOR, 2016). O uso das *hashtags* nas redes sociais digitais integra um desuniverso, criando a possibilidade de propagar um discurso dentro da rede:

[...] encontraremos talvez na multiplicação das #hashtags convocando e suportando tantos movimentos sociais contemporâneos, este habitante de um *desuniverso* do discurso criado pela tecnociência; e a própria prática linguageira dos jovens na web configurando um modo de inserção que não se detém em analisar, discutir, decodificar a vida social. E sim de sobrecodificar, produzir, multiplicar, amontoar linguagens. E deixar-se atravessar por elas. Contra um capitalismo que se globalizou baseado em estruturas verticais e hierarquizadas, eis que surgem movimentos que propõem e praticam formas de redes descentralizadas (CASTELLS, 2012), rizomáticas (DELEUZE & GUATARRI, 1980); sem personificação de lideranças nem comando de partidos (COSTA-MOURA, 2014 *apud* AMARAL; GIRARDI JÚNIOR, 2016, p. 9).

As *hashtags* tornam-se manchetes de jornais nestas ocasiões dando *status* de ciberacontecimento às campanhas. Uma matéria que foi ao ar na edição do dia 30 de novembro de 2015 do programa Bom Dia Brasil da TV Globo⁴⁹ é emblemática nesse sentido. Com a manchete “Campanhas nas redes sociais estão incentivando as mulheres a denunciar casos de abuso sexual e de machismo”, a matéria propõe o diálogo entre movimento social,

⁴⁷ Manifesto completo disponível em <<https://www.change.org/p/col%C3%A9gio-anchieta-vai-ter-shortinho-sim>>.

⁴⁸ COSTA-MOURA, Fernanda. Proliferação das #hashtags: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos. 2014.

⁴⁹ MULHERES usam redes sociais para denunciar situações de machismo. Bom Dia Brasil, [S.l.], 30 nov. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-diabrasil/noticia/2015/11/mulheres-usam-redes-sociais-para-denunciar-situacoes-demachismo.html>>.

redes sociais digitais e mídia televisiva tradicional em torno de um signo. A entrada ao vivo conta com a seguinte fala do apresentador Rodrigo Bocardi: “As *hashtags* encorajam mulheres [...] a falar sobre situações que antes elas mantinham escondidas por medo, por vergonha ou por mais assédio acima do assédio” (OLIVEIRA, 2016, p. 147). Antes de iniciar a reportagem, o apresentador enfatiza ainda a mudança de conceitos que as mulheres promovem por meio das redes sociais: “as *hashtags* [...], com aqueles títulos de efeito, além de ajudarem a denunciar os casos de assédio também mudam conceitos” (OLIVEIRA, 2016, p. 147). A matéria é encerrada pela apresentadora Ana Paula Araújo, com um comentário que evidencia a força das narrativas pessoais: “Essas campanhas têm ajudado tanto as mulheres pelo Brasil a perceberem que não são culpadas, que não tem que se sentir envergonhadas e que não estão sozinhas. Tem que denunciar mesmo” (OLIVEIRA, 2016, p. 148). Dois são os motivos de destaque dessa reportagem: 1) a atribuição simbólica feita pelo jornalismo tradicional à função das *hashtags* como agente transformador de conceitos estruturais da sociedade; 2) a capacidade de agendamento e de propagação de sentidos que o movimento pode alcançar ao afetar o jornalismo através do uso das *hashtags* (OLIVEIRA, 2016).

3.2.3. Ele Não

Início este subcapítulo de forma diferente, pois, tendo participado do ato #EleNão do dia 29 de setembro de 2018, em Porto Alegre/RS, não poderia ignorar minhas impressões pessoais do que foi esta mobilização. A diversidade saltava aos olhos, principalmente a geracional; via-se pessoas de idade, movimentos estudantis e famílias. Além disso, a mobilização era rotativa, tendo começado a reunir pessoas desde o início da tarde e tendo saído em marcha, a partir do parque da Redenção em direção ao centro, por volta das 17h. Destaco abaixo um trecho de registro pessoal, não publicado, escrito à noite após a manifestação:

Nós estávamos sorrindo. O motivo pelo qual nos reuníamos não era nada alegre, porém o fato de sabermos que não estávamos sozinhas fazia a atmosfera ser leve. Lutar era motivo de sobrevivência. E a maré lilás me fazia chorar, mas eram lágrimas de reconhecimento da nossa força. Eu lutava ao lado da minha mãe. Ao lado das minhas amigas mais próximas. Mandava mensagens para aquelas que não puderam estar presentes dizendo que lutava por elas. E lutava ao lado de mulheres que nunca tinha visto antes, mas que sustentavam um olhar de “estamos juntas”. Se ele fez algo de bom, foi nos lembrar a força que temos juntas. Porque força, assim como luta, é substantivo feminino.

Este terceiro e último período selecionado para análise foi a maior manifestação de mulheres na história do Brasil. Para Céli Pinto (2018), o que aconteceu em setembro de 2018 foi uma popularização do feminismo a qual não se consegue mais retroceder: “Ninguém mais pode dizer que é contra os direitos das mulheres”. A mobilização foi uma resposta às manifestações de cunho machista e de ataque aos direitos humanos do então candidato à presidência do Brasil pelo PSL, Jair Bolsonaro. O movimento, que iniciou no dia 13 de setembro com a criação do grupo privado no Facebook “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro” reuniu, segundo a BBC Brasil, 3,88 milhões de mulheres e ganhou força após este ter sido hackeado e ter seu nome alterado para “Mulheres Com Bolsonaro”. Após o ataque, foi dado início a campanha por meio do uso da *hashtag* #EleNão que resultou em uma mobilização de ocupação de espaços públicos em todo o país.

Figura 1: Cartaz de manifestante no Rio de Janeiro faz alusão à declaração do presidente Jair Bolsonaro em que afirma que sua filha mulher foi uma fraquejada sua⁵⁰



Fonte: Tânia Rêgo/Agência Brasil.

Segundo a ferramenta Scup, que monitorou o uso da *hashtag* no Twitter, entre os dias 14 e 20 de setembro, foram mais de 280 mil menções. Notícia da Época Negócios apontou para 1,2 milhão de menções em 15 dias de mobilização. A campanha principal foi muitas vezes acompanhada de outros signos como #EleNunca e #MulheresUnidasContraBolsonaro. Os protestos que aconteceram nas ruas de 18 capitais e outras 65 cidades, conforme noticiado pelo jornal El País, chamaram a atenção para outro fato: pela primeira vez as mulheres brasileiras apresentaram intenção de voto diferente daquela dos homens. Segundo pesquisa do Datafolha da véspera da manifestação nas ruas (no dia 29/9), se dependesse dos homens,

⁵⁰ Disponível em <<https://exame.abril.com.br/brasil/piada-de-bolsonaro-sobre-sua-filha-gera-revolta-nas-redes-sociais/>>.

Bolsonaro sairia do primeiro turno isolado no primeiro lugar. Se para os homens a intenção de voto em Bolsonaro era de 37%, para as mulheres era de 21%, empatado com o candidato do PT, Fernando Haddad. Estes dados mostram o impacto que a mobilização social nas redes sociais digitais teve no imaginário das mulheres brasileiras no cenário das eleições presidenciais de 2018.

Figura 2: Atos da campanha #EleNão reuniram milhares em todo País



Fonte: Reprodução/Brasil de Fato.

Além disso, o movimento teve impacto relevante na cobertura jornalística das eleições de 2018, apesar do resultado não ser o desejado pelas mulheres que aderiram à mobilização, a campanha cumpriu seu papel em mostrar a insatisfação do movimento feminista em relação ao plano de governo do agora presidente, Jair Bolsonaro. Muitas foram as publicações jornalísticas que utilizaram a própria *hashtag* em manchetes como na BBC Brasil, Folha de São Paulo, Huffpost, Exame e Isto É (ver Figuras 13, 14 e 15).

Figura 3: Campanha #EleNão na BBC Brasil⁵¹

#EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos

Amanda Rossi, Julia Dias Carneiro e Juliana Gragnani
BBC News Brasil em São Paulo, Rio de Janeiro e Londres

© 30 setembro 2018

f     Compartilhar

Reprodução/BBC Brasil

⁵¹ Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>>.

Figura 4: Campanha #EleNão na Folha de São Paulo⁵²

18.set.2018 às 20h10

Hashtag #EleNão, contra Bolsonaro, viraliza e movimentada redes sociais de políticos e famosos

Reprodução/Folha de São Paulo

Figura 5: Campanha #EleNão no HuffPost⁵³

MULHERES 17/09/2018 13:13 -03 | Atualizado 28/09/2018 23:39 -03

Mulheres contra Bolsonaro: Movimento #EleNão e #EleNunca cresce após grupo ser atacado nas redes sociais

Grupo de mulheres contra Bolsonaro é alvo de ataques e mobilização ganha adesão entre artistas como Deborah Secco, Camilla Pitanga e Caetano Veloso.

 By Equipe HuffPost

Reprodução/HuffPost

A mobilização chegou a outros países de três formas. A primeira foi por meio de brasileiras residentes no exterior que se mobilizaram em cidades como Londres (ver Figura 16), entre outras. Houve também o apoio via mídias sociais de celebridades estrangeiras que contribuíram para a notoriedade da campanha fora do país, das quais houve grande destaque para a cantora pop Madonna (ver Figura 17).

⁵² Disponível em <<https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2018/09/18/hashtag-elenao-contra-bolsonaro-viraliza-e-movimentada-redes-sociais-de-politicos-e-famosos/>>.

⁵³ Disponível em <https://www.huffpostbrasil.com/2018/09/17/mulheres-contra-bolsonaro-movimento-elenao-e-elenunca-cresce-apos-grupo-ser-atacado-nas-redes-sociais_a_23529921/>.

Figura 6: Ato #EleNÃO em Londres



Fonte: Reprodução/Twitter.

Figura 7: Madonna se manifesta em apoio ao #EleNÃO



Fonte: Reprodução/Instagram.

A *hashtag*, adaptada para #NotHim, chegou também às manchetes estrangeiras como do The New York Times⁵⁴: “Jair Bolsonaro, candidato no Brasil, enfrenta as reivindicações das mulheres: #NotHim”⁵⁵. Na reportagem (ver completa em Anexo 2), lia-se:

“Uma campanha de mídia social chamada #EleNão - ou #NotHim - é o exemplo mais recente de como as mulheres no Brasil estão se mobilizando contra um político que as chamou publicamente de ignorantes, feias demais para estuprar ou indignas do mesmo salário que os homens”.⁵⁶

O #EleNão é mais um índice de que o movimento feminista está se apropriando de forma estratégica dos recursos disponíveis nas redes sociais digitais. As pautas mais recorrentes nas redes sociais não diferem das visitadas pelas feministas antecessoras à quarta onda. O debate ainda é acerca da violência, assédio, sexualidade, trabalho, padrões de beleza e comportamento, entre outros. A grande transformação está “no encaminhamento dessas questões através da capacidade multiplicadora e articuladora da internet” (COSTA, 2019, p. 60), atrelado à potencialização de uma estratégia baseada na força agregadora das narrativas pessoais. “Se algum movimento se beneficiou da lógica descentralizada das redes, sem dúvida esse movimento foi a insurreição feminista” (COSTA, 2019, p. 60).

A compreensão das formas como os movimentos sociais podem utilizar os recursos das redes sociais digitais como forma de mobilização, mas também de agendamento da pauta jornalística, junto à descrição dos eventos brasileiros que exemplificam essa dinâmica tem como função a preparação para a análise apresentada no terceiro e último capítulo, no qual serão relacionadas todas as bases teóricas até aqui apresentadas para comprovar a hipótese de que o movimento feminista nas redes sociais digitais impactou, em diferentes graus, a forma como o jornalismo representa a mulher. No próximo capítulo, apresento o *corpus* da pesquisa, bem como analiso os atravessamentos de gênero presentes nas notícias publicadas pelo G1 nos três períodos descritos acima.

⁵⁴ Disponível em: < <https://www.nytimes.com/2018/09/24/world/americas/brazil-election-jair-bolsonaro.html>>.

⁵⁵ Do original *Jair Bolsonaro, Candidate in Brazil, Faces Women's Calls: #NotHim*. (tradução da autora).

⁵⁶ Do original *A social media campaign called #EleNão — or #NotHim — is the most recent example of how women in Brazil are mobilizing against a politician who has publicly called women ignorant, too ugly to rape, or undeserving of the same salary as men*. (tradução da autora)

4. MASCULINO, O GÊNERO DO JORNALISMO? TENSÕES ANTE AO FEMINISMO E O AMBIENTE DIGITAL

Este quarto capítulo dá conta de apresentar a Análise de Discurso (AD) realizada e seus resultados. A AD é a metodologia recomendada para este estudo, pois trabalha muito bem com identificação de sentidos, visto que o jornalismo é compreendido como um lugar de circulação e produção de sentidos (BENETTI, 2010a). Para aplicar esse método, é necessário compreender que o texto é a parte visível de um todo mais complexo que envolve um processo exterior e anterior que inicia na sociedade, na cultura, na ideologia e no imaginário. Nesse sentido, o texto jornalístico apresenta duas camadas: a discursiva, mas visível; e a ideológica, exposta somente quando aplicado o método (BENETTI, 2010a).

A camada ideológica do discurso está ligada às intersubjetividades que o constituem, por isso está subordinado a enquadramentos sociais e culturais. Nesse sentido, para compreendê-lo é necessário também conhecer contextos. Segundo Benetti (2010a), a produção de sentidos está inserida nesse contexto que formata o sistema de significação em que o indivíduo e, por tanto, seu discurso, está inscrito. “Esse sistema é formado pela língua, pela cultura, pela ideologia e pelo imaginário” (BENETTI, 2010a, p. 109). Ao refletir sobre atravessamentos de gênero de uma narrativa, antes se deve recorrer às construções históricas e sociais do próprio conceito de gênero e de como as relações sociais foram afetadas. Através da AD, é possível percorrer “este movimento de instauração de sentidos, que exige compreender os modos de funcionamento de um discurso” (BENETTI, 2010a, p. 109). Quando aplicada a análise no *corpus* do presente estudo, torna-se visível os modos de operação do Enunciador (E) “Machismo” nos diferentes períodos e por meio de distintas regiões de sentidos.

4.1. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Colocando o método em prática, foram selecionadas, para esta monografia, 13 matérias veiculadas pelo G1, o portal de notícias mais acessado no país, segundo o Instituto Verificador de Comunicação. O período de análise foi delimitado tendo como marco inicial a defesa do trabalho de mestrado da pesquisadora Marcia Veiga, submetido à banca examinadora em maio de 2010, e como marco final o último movimento representativo feminista em rede no Brasil - a campanha #EleNão, desdobramento das eleições presidenciais

de outubro de 2018. Para o desenvolvimento do projeto, foram fragmentados três períodos, compreendidos como representativos para o objeto de estudo: os anos de 2013, 2015 e 2018, nos quais ocorreram os movimentos das Jornadas de Junho, Primavera Feminista e #EleNão, respectivamente. A representatividade desses anos foi definida pelo marco de campanhas de ordem de gênero difundidas de forma espontânea nas redes sociais digitais.

Delimitados os períodos de análise, foram selecionadas notícias veiculadas pelo portal G1 sobre as mobilizações, as quais denominamos notícias-símbolo do período, bem como outras três subsequentes aos movimentos que abordassem outras temáticas na qual a mulher é elemento da narrativa como nas editoriais de comportamento e polícia. A escolha foi feita a partir do resultado das notícias “mais relevantes” após aplicação de filtro de data (uma semana após a data da matéria referente ao movimento em si) e busca (na ferramenta oferecida pelo próprio portal) pelo termo “mulher”. As notícias-símbolo foram recortadas com o intuito de identificar como os meios de comunicação tradicionais compreenderam as dinâmicas dos movimentos sociais no ambiente digital em cada período. Para análise do segundo período (2015), foram escolhidas duas notícias-símbolo, visto que a Primavera Feminista foi constituída de uma sucessão de mobilizações no ambiente digital, sendo assim selecionadas as duas campanhas de maior impacto (#PrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto).

Para aplicação do método de AD proposto por Márcia Benetti (2010a), foram planilhados os elementos essenciais à AD para cada notícia, individualmente, (Formações Discursivas (FD), Sentidos Nucleares, Sequências Discursivas (SD), Locutores (L) e Enunciadores (E)), como próximo procedimento, foi realizado um comparativo entre as matérias de cada período, para demarcar padrões e sentidos compartilhados, e, em seguida, comparados os distintos períodos para mensurar mudanças na representação da mulher de um ano para o outro. Em cada uma das 13 matérias, foram identificadas as Formações Discursivas (FDs) – reunião de “pequenos significados que constroem e consolidam aquele sentido nuclear” (BENETTI, 2010a, p. 112) – e, por conseguinte, mapeados os sentidos nucleares que compõem as FDs. Benetti (2010a) explica que a forma de organização e de nomeação das FDs é uma escolha do pesquisador. Para esta monografia, as formações foram numeradas (FD1, FD2, FD3 etc.) e nomeadas indicando o sentido principal, como sugerido pela autora no texto “Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos” (BENETTI, 2010a).

Por meio da parte visível dos textos, como as expressões que formam as Sequências Discursivas (SDs) e que são evidências dos sentidos das FDs, os discursos foram interpretados a partir do que não foi dito, os valores relacionados a marcadores sociais que perpassam o discurso. Benetti (2010a) conceitua a SD como o trecho recortado para análise que evidencia os sentidos identificados na aplicação do método. As SDs são “as expressões que constroem o caminho em direção ao sentido nuclear da FD” (BENETTI, 2010a, p. 113). Para esse passo da análise, o estudo recorre aos autores das pesquisas de estudos de gênero, tais quais Butler (2019), Louro (1997) e Veiga da Silva (2014). Esse diálogo com as teorias previamente estudadas objetiva “buscar, fora do âmbito do texto analisado, a constituição dos discursos ‘outros’ que atravessam o discurso jornalístico” (BENETTI, 2010a, p. 113).

A Análise de Discurso mapeia também as vozes que falam através dos sentidos do texto, pois o discurso jornalístico é dialógico e idealmente polifônico (BENETTI, 2010a). Há a voz das fontes, do jornalista que assina o texto, da empresa jornalística, de quem o lê e de todos os valores compartilhados pela sociedade em que as demais vozes estão inseridas. Ou seja, o discurso jornalístico é sempre dialógico, pois “inclui tanto o processo de dizer quanto o processo de interpretar” (BENETTI, 2010a, p. 116), contudo, é idealmente polifônico por que, muitas vezes, apesar de diferentes sujeitos serem ouvidos, as posições desses sujeitos são as mesmas. Dessa compreensão, Ducrot⁵⁷ (1987 *apud* BENETTI, 2010a) distingue locutores e enunciadores do discurso, quem fala e a perspectiva da qual se fala, respectivamente. O locutor é a voz a quem se atribui a responsabilidade do enunciado como, por exemplo, o jornalista que assina a notícia. Já o enunciador é “aquele a quem se deve atribuir a responsabilidade da ocorrência do enunciado” (DUCROT, 1987 *apud* BENETTI, 2010a, p. 118), de forma que está associado a posição do sujeito e, por consequência, ao contexto social, cultural e ideológico em que o sujeito se encontra. Neste trabalho de conclusão, os locutores foram identificados por suas funções nas notícias (por exemplo: L1 – jornalista) e nomeados excepcionalmente quando o conhecimento de que a locutora é uma mulher interfira no discurso produzido (por exemplo: L4 – Delegada (Vilma)). Foram apontados também os enunciadores de cada matéria, no entanto, percebe-se um Enunciador comum e prevalecente, o machismo, sobre o qual se discorrerá na Discussão de Resultados (ver página 83)

⁵⁷ DUCROT, Oswald. O dizer e o dito. Campinas: Pontes, 1987.

Na Tabela 1, estão dispostas as siglas abertas dos elementos de análise para apoio da leitura do capítulo. Todas as notícias estão anexadas na íntegra ao final da monografia (ver Anexos), bem como todas as planilhas (ver Apêndices).

Tabela 1: Elementos e siglas utilizadas na Análise de Discurso

| Elemento | Sigla |
|------------------------|--------------|
| Análise de Discurso | AD |
| Formações Discursivas | FD |
| Sequências Discursivas | SD |
| Locutor | L |
| Enunciador | E |

Fonte: Elaborada pela autora a partir de Benetti (2010b).

4.2. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

Sob o título “Protestos pelo país reúnem mais de 250 mil pessoas”⁵⁸, a primeira matéria para análise foi veiculada no dia 18 de junho de 2013 e trata das Jornadas de Junho (G1, 2013d). Por abordar o protesto em todo o país, apresenta a peculiaridade de possuir 22 locutores diferentes, constituindo uma “colcha de retalhos” de perspectivas em relação ao assunto, visto que cada trecho é de autoria distinta. Foram identificadas seis FDs, para as quais foram atribuídos os seguintes eixos de Sentidos Nucleares: Confronto, Geração, Variedade de demandas, Gênero, Redes Sociais e Sexualidade. A primeira FD (**Confronto**) foi mapeada apenas para apontar que, em sua maioria, os locutores deram destaque especial para a existência ou não de confrontos entre policiais e manifestantes ao invés de colocar as demandas dos protestantes em primeiro plano. O uso de um termo chama a atenção na cobertura feita pelo G1 Rio de Janeiro: “**manifestantes deixaram um rastro de destruição**” (SD2) (G1, 2013d). Apenas um locutor (L2 – G1 Espírito Santo) ouviu o posicionamento dos manifestantes (SD3).

Os próximos sentidos têm mais proximidade com o foco deste trabalho: intersecções de gênero e movimentos em redes sociais. A FD de **Geração** (2) é essencial para a percepção de que os protestos utilizaram a estratégia de organização no ambiente digital, pois as sequências discursivas que a compõe evidenciam a presença massiva de jovens e estudantes. Construções

⁵⁸ Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-reunem-mais-de-250-mil-pessoas.html>>

como **“a maioria dos participantes eram estudantes universitários e de ensino médio”** (SD5) e **“participaram do ato estudantes, universitários e outras pessoas”** (SD11) são recorrentes na matéria (G1, 2013d). Esta FD se relaciona diretamente com o Sentido Nuclear de **Redes Sociais** (5), simbolizado pela SD10, em que um dos organizadores do ato em Foz do Iguaçu/PN explicita que o protesto foi marcado pelas redes sociais (SD10): **“Segundo um dos organizadores, Helton Preguiça, a manifestação foi marcada pelas redes sociais em apoio aos protestos em São Paulo e no Rio de Janeiro”** (G1, 2013d).

A FD3 dá atenção à **Variedade de Demandas** dos protestantes apresentada nos textos, como na evidência da SD9 em que o manifestante de 21 anos, em Viçosa/MG, afirma que **“a questão da redução das passagens de ônibus deu início aos protestos, mas abriu um leque muito maior”** (G1, 2013d). Neste “leque”, alguns jornalistas já destacam a existência de pautas feministas, como foi focado nos trechos da FD de **Gênero** (4). **“Entre as bandeiras estavam as de feministas, estudantes, movimento LGBT, grupos de skatistas e pessoas que pediam mais segurança para pedalar nas ruas das cidades”** (SD14) e **“Na pauta, críticas à construção da Usina de Belo Monte, aos gastos em obras para a Copa do Mundo, repúdio à Proposta de Emenda Constitucional 37, gritos contra a homofobia e o Estatuto do Nascituro”** (SD15) (G1, 2013d).

O Estatuto do Nascituro era um projeto de lei que visava à proteção integral ao nascituro (feto), ou seja, proibia o aborto em qualquer circunstância, mesmo em caso de estupro. Outra evidência do Sentido Nuclear de Gênero presente na matéria é a escolha, no trecho produzido pelo G1 de Minas Gerais, por uma sargento mulher como fonte oficial dos fatos. Aqui é interessante enfatizar que os trechos eram de autoria ou coautoria de mulheres. O E10, que fala nos trechos entre aspas da FD4, é também quem dá atenção à interseccionalidade de **Sexualidade**, nas mesmas SDs destacadas para o núcleo de Gênero, aponta o **“movimento LGBT”** e **“os gritos contra a homofobia”** (G1, 2013d).

Duas das matérias analisadas no período de 2013 apontam para a **Violência** como característica masculina. Em **“Mulher de 35 anos é assassinada em Pilar do Sul, SP”**⁵⁹, esse sentido, presente na FD1, está marcado pelo depoimento da polícia de que a mulher possuía hematomas no pescoço como sinais de estrangulamento (G1, 2013b). Já em **“Mulher**

⁵⁹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/itapetininga-regiao/noticia/2013/06/mulher-de-35-anos-e-assassinada-em-pilar-do-sul-sp.html>>

agredida pelo namorado em Teresina está há 14 dias sem visão⁶⁰, a violência é demarcada em diversos fragmentos por meio de três locutores: a jornalista, a vítima e o médico (G1, 2013a). Chama mais atenção a forma como Patrícia e Adriana, jornalista e vítima respectivamente, configuram um mesmo enunciador (E1) ao evidenciar a agressividade dos atos do namorado de Adriana: os golpes no rosto, os olhos inchados e a visão comprometida há 14 dias (G1, 2013a). Uma comparação relevante entre as duas matérias é que a primeira não dá tanto peso ao fato de o crime ter sido cometido pelo marido da vítima (a informação não está dada no título) (G1, 2013b), enquanto a segunda dá conta de informar já no título que a agressão foi cometida pelo namorado de Adriana (G1, 2013a).

Duas observações a serem feitas são que a testemunha da primeira matéria é uma adolescente (a filha de 13 anos do casal) (G1, 2013b) e que a jornalista da segunda é uma mulher (G1, 2013a). O texto sobre a agressão sofrida por Adriana ainda traz duas FDs que merecem atenção – a de **Medo** (FD1) e a de **Justiça** (FD3). O sentido de medo está muito presente nas aspas da própria vítima, como na SD4 – **“Tenho medo de não voltar mais a enxergar”**, mas também é ressaltado pela jornalista que complementa essas falas ao exemplo da SD2 – **“Estou com muito medo de ficar mesmo cega [...]”**, disse Adriana aos prantos e com o olho ainda muito inflamado (G1, 2013a). Na FD de Justiça, a vítima, a jornalista e a delegada formam um mesmo enunciador (E3), sendo vítima e delegada com suas falas em aspas como nas SDs 4 e 13: **“Não quero que isso fique impune”** (Adriana) e **“Estamos trabalhando para colocar ele na cadeia”** (delegada); e a jornalista pela escolha dos trechos das entrevistas como fica claro na SD11 em que dá enfoque ao fato de Adriana não ter como dar assistência aos filhos desde a agressão: **“Mãe de três filhos [...] desde que sofreu as agressões não tem ido ao trabalho”** (G1, 2013a).

O último texto selecionado para o período pós-Jornadas de Junho é intitulado “Mulher é presa com diamantes em absorvente no Aeroporto de Confins” (G1, 2013c)⁶¹ e propõe a análise de um atravessamento de gênero diferente dos demais com a intersecção entre **Gênero** (FD1) e **Etnia** (FD2). Apesar de um casal ser preso pelo crime de contrabando, a matéria começa falando somente da mulher e atribuindo-lhe sua origem, a exemplo da SD1 (**uma mulher israelense foi presa**). A nacionalidade do homem só é identificada na quarta menção,

⁶⁰ Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/06/mulher-agredida-pelo-namorado-em-teresina-esta-ha-14-dias-sem-visao.html>>

⁶¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/mulher-e-presa-com-diamantes-em-absorvente-no-aeroporto-de-confins.html>>

no fragmento da SD3 (**Os nomes da israelense e do homem, de nacionalidade belga [...]**) mesmo que a própria notícia aponte que a suspeita em relação a eles tenha sido levantada, pois Bélgica e Israel estão “**entre os países receptores de diamantes na rota internacional de contrabando**” (SD4) (G1, 2013c).

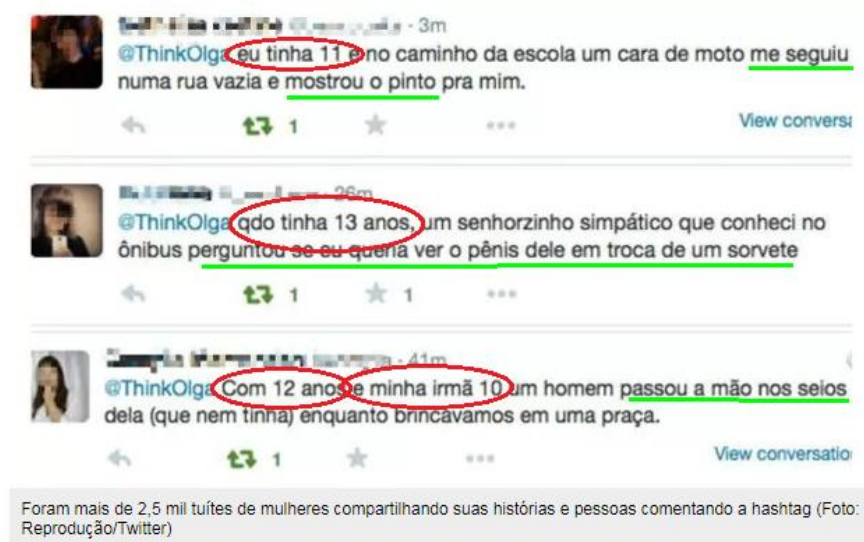
Como o período de 2015 foi definido como tendo dois acontecimentos simbólicos, também foram analisadas duas notícias-símbolo para retratar a Primavera Feminista brasileira – uma com foco na campanha #PrimeiroAssédio (G1, 2015e)⁶² e a outra da #MeuAmigoSecreto (G1, 2015a)⁶³, publicadas em 23 de outubro e 25 de novembro, respectivamente. A primeira matéria por si só é uma evidência das mudanças de paradigmas em relação aos debates de gênero (G1, 2015e). A notícia não narra simplesmente o acontecimento jornalístico, como também, a partir dele, levanta as discussões que levaram até ele. Neste sentido, foram identificadas FDs de Geração, Redes Sociais, Gênero e Coletividade. A FD de **Geração** é definida pela própria causa da campanha que envolve assédio a uma criança de 12 anos, mas é interessante observar a forma como a jornalista mulher trabalha esse sentido no texto.

Já no título com a abertura “**Vítima na infância estimula milhares de denúncias**” destaca-se a relevância que a geração terá no decorrer da notícia (G1, 2015e). As imagens reproduzidas do Twitter foram escolhidas para evidenciar a idade do primeiro assédio (como pode ser visto nas SDs 22, 23, 24 e 25) (ver destaques em vermelho na Figura 18), assim como foram utilizados dados que comprovassem a relevância do debate, no trecho “**Dados oficiais e recentes do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) mostram que, das 500 mil mulheres que são vítimas de estupro por ano no Brasil, 70% são crianças e adolescentes, sendo 51% menores de 13 anos**” (SD11), e é ouvida uma fonte especialista de gênero de uma ONG de direitos infantis (G1, 2015e).

⁶² Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/10/vitima-na-infancia-estimula-milhares-de-denuncias-de-primeiroassedio-apos-polemica-do-masterchef.html>>

⁶³ Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/11/hashtag-meuamigosecreto-denuncia-machismo-no-cotidiano.html>>

Figura 8: Casos de assédio sexual na infância compartilhados na campanha #PrimeiroAssédio



Fonte: Reprodução/G1; Destaques da autora.

As **Redes Sociais** aparecem no texto de várias formas. Da parte da jornalista, toda vez que se refere à campanha isso é feito com o uso da *hashtag* – SDs 1, 3 e 6, além de abordar os compartilhamentos (SDs 2, 3, 4 e 6), o lançamento da campanha no Twitter (SD2) e a difusão a partir de uma polêmica que surgiu nas redes sociais (SD5). Já a criadora da campanha, Juliana, e a especialista em gênero, Viviana, trazem uma outra abordagem (E4), que é a força que a internet tem em mobilizar as pessoas em torno de um tema, neste caso, da luta das mulheres. Um exemplo disso é o fragmento destacado na SD19, no qual há a seguinte afirmação de Viviana: **“As redes sociais conseguem nos juntar. Todas as inconformadas têm capacidade muito maior de reação agora. Todo mundo no país inteiro já sabe o que aconteceu. O poder de mobilização é incrível e fortalece o enfrentamento”** (G1, 2015e).

A perspectiva de **Gênero** (FD3) aparece de diversas formas de modo que, nesta análise, foi atribuída a três enunciadores (Es 2, 3 e 4). E2, constituído da visão compartilhada por Juliana de Faria (integrante do Think Olga e criadora da campanha #PrimeiroAssédio) e demais vítimas de assédio, está evidenciado nos relatos dos casos (ver destaques em verde na Figura 18). A jornalista (E3), além de trazer dados (SD11) e escolher fontes (SDs 4 e 12), dá destaque para a necessidade de incluir cultura de gênero nas escolas, o que é perceptível na SD20: **“As duas, porém, defendem mudanças na educação – incluindo a cultura de gênero nas escolas – para reduzir casos de abusos e estupros com meninas e mulheres”**. O terceiro enunciador (E4) representa o posicionamento de Juliana e Viviana de que há uma

normatização da violência contra a mulher que permite aos homens sentirem-se confortáveis para assediar até mesmo uma menina, como mostram as SDs 15 e 16. **“A mensagem mais forte é que existe uma normatização da violência sexual contra mulher e da pedofilia.”** **“Existe esse desequilíbrio de gênero tão grande, que eles se sentem protegidos e não têm vergonha.”** A última FD atribuída a essa matéria é um desdobramento da FD3. **Coletividade** (FD4) foi designada como FD devido ao impacto que as falas de Juliana de Faria no plural dão a notícia (E5). As evidências começam com a publicação de Juliana feita na página da Think Olga e presente na matéria do G1 (ver Figura 19) e passa pelos fragmentos da entrevista da fonte como em **“a gente está se unindo”** (SD7) e **“não vamos enxergar sozinhas”** (SD9) (G1, 2015e).

Figura 9: ONG Think Olga criou a campanha #PrimeiroAssédio em seu Twitter

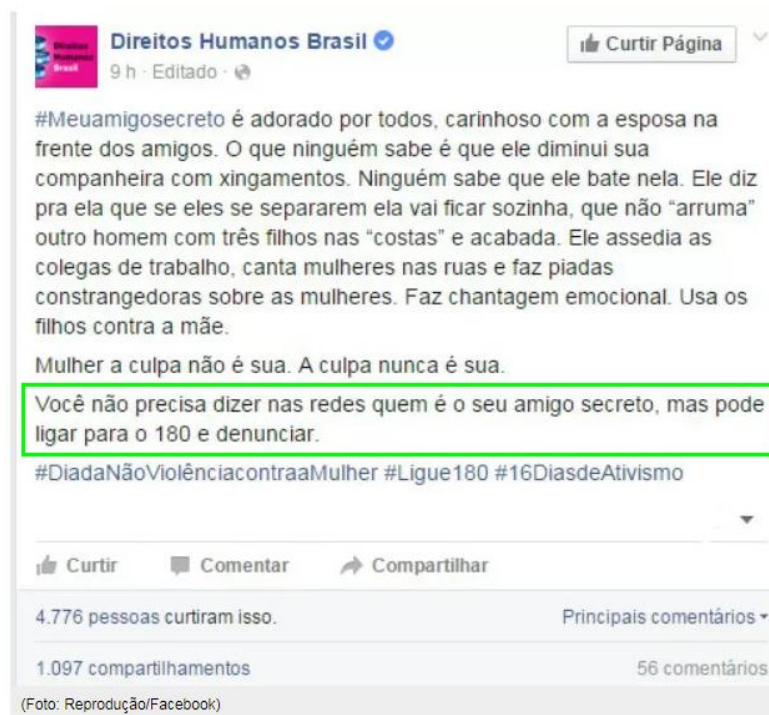


Fonte: Reprodução/G1; Destaques da autora.

A matéria da campanha #MeuAmigoSecreto apresenta um aprofundamento menor, sem que tenham sido ouvidas fontes especialistas que contribuíssem para a compreensão do fenômeno (G1, 2015a). No entanto, também é perpassada por três Sentidos Nucleares relevantes para esta pesquisa, são eles: Redes Sociais, Gênero e Assédio. Sobre a FD de **Redes Sociais** (1), é perceptível desde o título: **“Hashtag MeuAmigoSecreto denuncia machismo no cotidiano”** (G1, 2015a). Para além dessa identificação da *hashtag* como protagonista do processo, outros pontos são observados como a menção à campanha #PrimeiroAssédio (SD7) - **“Mas também há relatos de casos mais graves de abuso e assédio, semelhantes aos compartilhados na campanha #MeuPrimeiroAssédio, que surgiu em outubro”**; a atribuição da campanha ao movimento feminista (SD6) - **“Na nova campanha feminista das redes sociais, o que as mulheres compartilham são casos de**

machismo sofridos no cotidiano, mas sem revelar quem foi o autor”; e a reprodução de uma publicação da página do Facebook “Direitos Humanos Brasil” (SD11) (ver Figura 20), a qual utiliza a campanha para reforçar os meios de denúncia (G1, 2015a).

Figura 20: Direitos Humanos Brasil utiliza *hashtag* para divulgar ferramentas de denúncia



Fonte: Reprodução/G1; Destaque da autora.

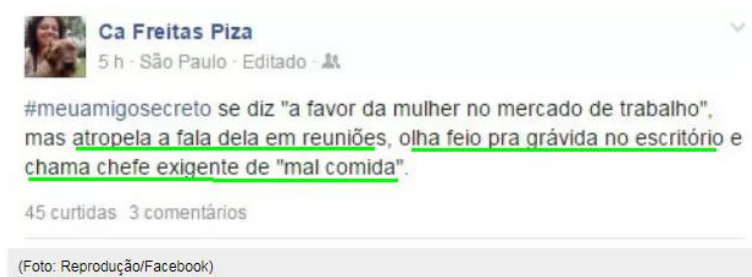
As SDs selecionadas como evidências das FDs de **Gênero** (2) e de **Assédio** (3) são em sua maioria equivalentes. Porém, foram identificadas de forma isolada por uma diferença no que se refere aos enunciadores: a leitura feita é de que, na FD2, jornalista e vítimas representam enunciadores diferentes (E1 e E3, respectivamente), enquanto que, na FD3, consistem em um único enunciador (E4). Isso porque, quando o sentido nuclear é Assédio, o jornalista não se coloca tão claramente como locutor e, no passo que deixa as vítimas falarem por si, age como mesmo enunciador. Já em Gênero, percebe-se a presença do jornalista como locutor, não no sentido contrário às vítimas, mas em outro tom de fala. Há uma diferença de construção, por exemplo, entre a SD7 (ver Figura 21) e a SD9 (ver Figura 22), mesmo que ambas discutam as relações de gênero no ambiente profissional (G1, 2015a).

Figura 10: Sequência Discursiva nº 7

Muitas das indiretas são claramente direcionadas a amigos, ex-namorados, chefes, parentes, etc. Mas também há relatos de casos mais graves de abuso e assédio, semelhantes aos compartilhados **na campanha #MeuPrimeiroAssédio**, que surgiu em outubro.

Fonte: Reprodução/G1; Destaque da autora.

Figura 11: Sequência Discursiva nº 9



Fonte: Reprodução/G1; Destaques da autora.

Duas das matérias selecionadas para o período retratam a violência de gênero; apresentam, portanto, FDs semelhantes, apesar de abordagens distintas. Em ambas pode-se distinguir FDs de **Gênero** e de **Violência**, contudo somente na intitulada **“Mulher é vítima de feminicídio no Ceará uma semana após separação”** (G1, 2015d)⁶⁴ percebe-se a FD de **Dominação**. Nessa, a violência é um traço apresentado pelo jornalista (E3), que utiliza dados do laudo policial para afirmar a brutalidade do crime como na SD8 – **“ela sofreu vários golpes de uma faca ‘de grande porte’”** (G1, 2015d). A violência na outra notícia (**Marido é suspeito de assassinar a mulher em Neves; ele se matou**) (G1, 2015c)⁶⁵ é sentido compartilhado por três Ls, o jornalista, a Polícia Militar e a filha do casal (E2), que, assim como na matéria anterior, exprimem a brutalidade do crime a exemplo da SD3: **“O homem foi à cozinha, pegou uma faca, retornou ao quarto e cortou a garganta da mulher. Depois cortou o próprio pescoço”** (G1, 2015c).

A grande diferença de abordagem das duas matérias está na leitura do sentido de **Gênero**. Enquanto na primeira (G1, 2015d), desde o título o crime é tratado como feminicídio (SD1), o nome que se dá ao assassinato de uma mulher cometido por razões da condição de

⁶⁴ Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/11/mulher-e-vitima-de-femicidio-no-ceara-uma-semana-apos-separacao.html>>

⁶⁵ Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/11/marido-e-suspeito-de-assassinar-mulher-em-neves-ele-se-matou.html>>

sexo feminino, na segunda (G1, 2015c) é tratado como um assassinato igual à qualquer outro, apesar de a suspeita ser de que o marido havia cometido o assassinado devido a um relacionamento extraconjugal (SD4). Explicarei melhor a FD de Gênero da primeira notícia (1), que traz o feminicídio como traço relevante para análise. Duas questões em relação ao tema merecem atenção, a primeira sendo que o jornalismo assume uma posição pedagógica ao explicar o que a lei diz sobre esse tipo de crime (SD9, grifado em vermelho na Figura 23), a pena para feminicídio (SD10, grifado em verde) e dados do estado (SD9, grifado em rosa) (G1, 2015d).

Figura 12: Sequências Discursivas 9 e 10

Feminicídio

No Ceará, de janeiro a setembro de 2015, 183 mulheres foram vítimas de feminicídio, segundo a Polícia Civil. A lei que configura o crime foi sancionada em março deste ano e aumenta a pena para quem matar mulheres por razões de gênero.

Atualmente, as circunstâncias previstas como agravante são meio cruel, motivo fútil, motivo torpe, impossibilidade de defesa da vítima e quando é praticado para acobertar outro crime. A pena de prisão para homicídio simples varia de 6 a 20 anos. No caso do homicídio qualificado, onde se incluirá o feminicídio, a pena vai de 12 a 30 anos.

Fonte: Reprodução/G1; Destaques da autora.

O segundo ponto é a principal evidência de como o gênero pode perpassar discursos. O jornalista neste caso tem o cuidado não só de enfatizar a classificação do crime como feminicídio, tipificado, no Código Penal brasileiro, como o assassinato de uma mulher cometido por razões da condição de sexo feminino desde março de 2015, como também de explicá-lo, todavia o inspetor da Polícia Civil atribui ao crime à condição de crime passional: **“Tudo indica que foi um crime passional. As polícias civil e militar estão em diligência na procura pelo ex-companheiro, Antônio Camilo Alves, que está desaparecido”** (SD5) (G1, 2015d).

A terceira FD (traço forte de relacionamentos abusivos) é a que expõe o sentimento de **Dominação** do ex-marido sobre a mulher. O interessante deste sentido é que ele é atribuído por um enunciador comum, já que o E4 é formado pelas expressões do jornalista, do inspetor, da Polícia Civil, dos familiares e dos vizinhos. Esse sentido está evidenciado tanto em fragmentos que apontam para o fato de o homem sentir posse em relação à mulher após uma separação (SDs 1 e 4), como na SD6, em que o policial destaca o uso de ameaças para evitar o divórcio: **“Ele vivia dizendo que iria revelar as intimidades do casal, e a vítima se sentia ameaçada por isso”** (G1, 2015d). Na última notícia selecionada do período (**Laudo de mulher que morreu após cirurgia estética aponta infecção**) (G1, 2015b)⁶⁶, não foram identificadas FDs que apresentassem marcas discursivas que contribuíssem para as percepções de atravessamento das relações de gênero na produção jornalística, apesar de seu tema central ser uma prática comumente atribuída a mulheres: cirurgias estéticas.

No ano de 2018, a matéria escolhida é a cobertura dos protestos #EleNão e as respostas a eles em todo o país publicada em 29 de setembro (G1, 2018d)⁶⁷. A notícia do G1, em geral, é um apanhado de locais, horários e número de manifestantes. No entanto, é possível identificar FDs de Redes Sociais (1) e de Gênero (2) apesar da falta de aprofundamento. A FD1 aparece na afirmação de que a convocação para as manifestações foi feita pelas redes sociais (SDs 1, 3 e 7), bem como no uso da *hashtag* da campanha (SDs 3 e 4).

Já as Sequências Discursivas de **Gênero** (FD2) apontam para três sentidos, além de um quarto que está justamente na ausência das SDs. O primeiro sentido é o que atribui à mulher uma posição de liderança em relação às manifestações, essa abordagem está expressa na SD3 e na SD5, por meio da flexão nominal e do uso do artigo “a”. **“Batizado de #EleNão, o movimento foi convocado pelas redes sociais durante o mês de setembro por eleitoras críticas ao candidato.” “A estimativa de público, de acordo com as organizadoras, é de 3 mil pessoas.”** (grifos da autora) (G1, 2018d).

A segunda abordagem é a que aponta para a presença feminina nos protestos, a qual está marcada pela expressão **“em sua maioria mulheres”**, recurso utilizado nas SDs 2, 6 e 9. O último sentido visível é um uso singular, na descrição da manifestação na cidade de

⁶⁶ Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2015/11/laudo-de-mulher-que-morreu-apos-cirurgia-estetica-aponta-infeccao.html>>

⁶⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/09/29/manifestantes-fazem-atos-contra-bolsonaro-em-28-cidades-de-manha-11-cidades-tiveram-atos-a-favor.ghtml>>

Caicó/RN, em que foi utilizada uma frase para especificar que o protesto não era feminista, mas sim de homens e mulheres (SD8): **“Às 8h30, cerca de 200 pessoas, segundo estimativa da Polícia Militar, seguiram em caminhada pela Avenida Coronel Martiniano, incluindo mulheres e homens”** (grifo da autora) (G1, 2018d).

O quarto sentido, que tem como marca discursiva a ausência, é justamente a escolha de suprimir o protagonismo feminino na mobilização do dia 29 de setembro. Se somente foram planilhadas seis sequências discursivas de gênero em uma matéria que dá conta de informar sobre a movimentação em todo o país, é porque em todos os outros fragmentos de texto não foram demarcados a relação de gênero com o protesto do dia. Essa constatação faz deste sentido suprimido o principal traço de gênero da matéria.

A próxima notícia analisada, intitulada **“FMI nomeia primeira mulher economista-chefe, a indiana Gita Gopinath”**⁶⁸, tem a peculiaridade de não ter sido produzida pelo G1, mas sim pela Agência EFE (G1, 2018c). Foram mapeadas três FDs, as quais possuem dois locutores, sendo L1 o jornalista e L2 a diretora-chefe responsável pela nomeação, Christine Lagarde – importante destacar o fato de que quem nomeou a nova economista foi uma mulher. A primeira FD é a de **Gênero**, sentido que é também a pauta em si, já que o fato é justamente Gita Gopinath ser a primeira mulher a assumir o cargo. Esse sentido nuclear tem como marcas discursivas as construções das SDs 1, 3 e 4, onde se destacam fragmentos como **“primeira mulher economista-chefe do Fundo Monetário Internacional”** (G1, 2018c).

A FD2 é a de **Etnia**, selecionada pelo fato de a nova economista-chefe ser de nacionalidade indiana, de modo que a ênfase que se dá à sua origem (nas SDs 1 e 3) dialoga com a ascensão do Sul Global, abordada no capítulo 2. Essas duas formações possuem um mesmo enunciador (E2) que equivale ao jornalista. Já a FD3, com sentido de **Competência**, tem como enunciador jornalista e diretora (E1). Esse sentido nuclear foi atribuído, pois a matéria apresenta uma preocupação bastante evidente de mostrar as credenciais da nova economista-chefe para assumir o cargo, como pode ser visto no trecho da declaração da diretora: **“Gita é uma das economistas de maior destaque do mundo, com credenciais acadêmicas impecáveis, um histórico comprovado de liderança intelectual, e vasta experiência internacional”** (SD5); assim como no fragmento final da matéria (SD7): **“Gita,**

⁶⁸ Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/10/01/fmi-nomeia-primeira-mulher-economista-chefe-a-indiana-gita-gopinath.ghtml>>

de 46 anos e doutora em economia pela Universidade de Princeton, é atualmente professora de Estudos Internacionais e Economia da Universidade de Harvard” (G1, 2018c).

Na notícia **“Exposição no Sul de SC aborda violência contra a mulher”** (G1, 2018b)⁶⁹, foram identificadas quatro FDs, tendo cada uma seu enunciador. Os sentidos atribuídos foram de Violência, Dominação, Apoio e Protagonismo. As SDs de **Violência** trazem relatos, além da descrição de uma das obras de arte expostas. O E1, formado por jornalista, vítima e idealizadora do projeto, reforça a ideia apresentada pela jornalista, antecipando o relato da vítima, **“quem sofre violência não esquece”** (SD5), que também é marcada pela narrativa da exposição, na qual há **“uma cama com arame farpado”**, que expõe como começa a violência psicológica por meio de frases (SD7) (G1, 2018b).

Na FD de **Dominação** (2), o E2 tem um acréscimo em relação à E1, que é a perspectiva de uma psicóloga. As SDs deste sentido apontam para o **“aprisionamento da mulher”** (SD8), que perde o controle da sua vida para o homem que a impede de fazer determinadas ações, a exemplo do fragmento da SD12, no qual a psicóloga afirma que a violência começa pela dominação **“através de um desrespeito, de uma tentativa de comandar a vida dessa mulher, que roupas ela vai poder utilizar”**. Já o sentido de **Apoio** está na ênfase à possibilidade de denúncia (SDs 2 e 13) bem como do espaço de diálogo promovido pela exposição (SD9). A FD4 tem grande importância para as discussões desta monografia, pois trata do **Protagonismo** da mulher. A principal evidência está no depoimento de Andreza de Oliveira, realizadora da exposição: **“O principal objetivo é trabalhar o empoderamento das mulheres”** (SD10) (G1, 2018b).

A última matéria de análise retorna à temática do feminicídio, sob o título **“Ex-marido confessa ter matado mulher a facadas em Araxá”**⁷⁰ (G1, 2018a). Assim como em casos anteriores, as FDs presentes são de Violência e de Gênero, ambas com enunciador formado por jornalista e delegado (E1). A **Violência** (FD1) é mais uma vez característica atribuída ao masculino, evidente na brutalidade da narrativa dos fatos: **“Ex-marido confessa ter matado mulher a facadas”** (SD1). O sentido de **Gênero** (FD2) está presente tanto na relação entre

⁶⁹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2018/10/02/exposicao-no-sul-de-sc-aborda-violencia-contra-a-mulher.ghtml>>

⁷⁰ Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2018/10/03/ex-marido-confessa-ter-matado-mulher-a-facadas-em-araxa.ghtml>>

assassino e vítima (ex-marido e ex-mulher), quanto no esforço de classificar o crime como feminicídio, na SD3, e de explicar a tipificação, na SD4 (G1, 2018a).

4.3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da análise do *corpus*, é possível aferir que, em 2013, por mais que não se falasse em gênero, o conceito perpassava a construção das notícias, principalmente em acontecimentos que abrem espaço para o tema da violência. A brutalidade é, ainda nas produções de 2015 e 2018, uma característica atribuída ao masculino. Essa identificação da força e da violência como característica do masculino já havia sido trabalhada por Veiga da Silva (2014), que defendeu sua permanência não somente nos discursos produzidos pelo jornalismo, mas também na hierarquia de produção das notícias. Segundo a autora, o prestígio e o poder dentro da redação decorrem de um processo completo que depende da adequação a determinados perfis, “cujos atributos de gênero mais valorizados” são aqueles que estão “em consonância com aqueles convencionalmente associados ao masculino” (VEIGA DA SILVA, 2014, p. 321), entre eles a força, a qual permeia o sentido de violência.

Em uma das matérias do mesmo ano (2013), há a polarização masculino-feminino quando se atribui a etnia como fator de julgamento de forma mais evidente a mulher do que ao homem, inclusive pode-se questionar uma prática que, além de misógina, é xenofóbica, visto que a mulher israelense ganha mais atributos de “criminosa” do que o homem de origem belga. Ao operar desta forma, o portal alimenta a narrativa da hierarquização de marcadores sociais de gênero e da sua intersecção com etnia, convencendo a “mulher israelense” como desviante (FONSECA; VEIGA DA SILVA, 2011)⁷¹, reforçando a concepção contrastante entre a “mulher do Terceiro Mundo” e a ocidental, como tensionado por Mohanty (1984)⁷².

Evidencia-se também que a matéria assinada por uma jornalista mulher é a que oferece mais recursos para humanizar a pauta e mais espaço para a compreensão da visão da vítima do que a agressão representou e como se desenhou o fato. Neste sentido, o papel do jornalista como, além de produtor de notícia, atuante na construção de realidades é compreendido e utilizado de forma antagônica aos padrões heteronormativos (BUTLER, 2019)⁷³, visto que se

⁷¹ Ver páginas 32 e 33.

⁷² Ver página 37.

⁷³ Ver página 32.

sobressai a voz da vítima em relação à do senso comum das causas da violência doméstica. Além disso, através da compreensão de que gênero não é a operação de um papel feminino ou masculino, mas sim faz parte de quem se é (LOURO, 1997)⁷⁴, admite-se que práticas discursivas do jornalismo são constituintes de gênero e, por isso, é necessário um esforço em direção à quebra do paradigma do jornalismo como masculino, movimento que, quando iniciado por um jornalista com identidade de gênero feminina, torna-se mais efetivo.

Os produtos extraídos de 2015 oferecem um rico material de análise para os fins deste trabalho, visto que as duas matérias-símbolo do período constroem de forma muito clara as dinâmicas das relações do movimento feminista brasileiro com o ambiente digital. Ambas colaboram para a compreensão de que as mulheres enquanto grupo social estão guiando as redes sociais a partir da *hashtag*, recurso próprio desse ambiente, indo ao encontro da ideia defendida por Castells (2013) de que a grande transformação do século XXI é a construção autônoma das redes sociais como recurso para os movimentos sociais. Em 2015, o jornalismo compreende um processo que vinha se desenhando desde 2013 e, que está visível nessas duas narrativas, de que as redes sociais se tornaram um ambiente de germinação de movimentos sociais (OLIVEIRA, 2016)⁷⁵.

A notícia de cobertura da #PrimeiroAssédio traz exemplos, dados e fontes qualificadas que fazem com que ela saia do lugar comum de apenas comunicar o que aconteceu para informar o caminho percorrido até este ciberacontecimento e o que isso significa. Ao seguir por este caminho, a jornalista mulher ativa a instância pedagógica do jornalismo, conceito apresentado no presente trabalho a partir de Marcia Veiga (2014)⁷⁶, ao passo que, de forma lúdica e atrativa questiona a posição de poder do homem sobre a mulher. O jornalismo diariamente ensina que determinados valores são “normais” ao reproduzi-los e pode fazer o mesmo em relação a desconstruir dinâmicas de educar a favor da polarização de gênero. Essa instância pedagógica volta a aparecer na matéria sobre o feminicídio no Ceará, quando o jornalista opta por utilizar uma retranca para conceituar feminicídio e apontar para o aumento da pena para quem matar mulheres por razões de gênero.

⁷⁴ Ver página 33.

⁷⁵ Ver páginas 49 e 50.

⁷⁶ Ver página 23.

A cobertura da campanha #EleNão, de 2018, segue um caminho oposto ao do adotado em 2015. A mobilização feminina no ambiente digital não é dada como protagonista dos acontecimentos, sendo a pauta da notícia os protestos contra e a favor de Jair Bolsonaro que, em algumas cidades, conta com mais mulheres ou é atribuída a organização a mulheres. A escolha dos produtores da notícia deste caso é de, por trás do argumento da isenção ideológica e da objetividade jornalística, não dar espaço do movimento construído nas redes sociais no meio de comunicação tradicional. Nesse momento, o G1 adota como prática discursiva a produção de sentidos que reafirmam normas de conduta social e disciplina os sujeitos de acordo com valores instituídos (COSTA, 2018)⁷⁷ em detrimento de um tensionamento dos discursos normativos, como fora optado em 2015. Posição diferente da adotada por outros veículos, como o El País Brasil, que parte do ciberacontecimento da campanha para narrar os fatos, por exemplo, na matéria intitulada “Mulheres lideram multidão contra Bolsonaro em São Paulo, Rio e Recife”. No primeiro parágrafo, podemos destacar a construção “Além de uma mobilização massiva nas redes sociais, com milhões de seguidoras reproduzindo a *hashtag* #EleNão, atos públicos tomam as ruas de diversas cidades do Brasil”.

Apesar disso, nas três notícias selecionadas do período é percebida a alteração da ótica dada às relações de gênero. Dentre elas, há uma matéria que narra um feminicídio e para qual é dado o nome correto, mas também há uma notícia em que o protagonismo da mulher no próprio debate de gênero é considerado e, por último, destaca-se a narrativa em que a pauta é a relação de gênero, pois a matéria tem o objetivo de marcar que uma mulher assumiu, pela primeira vez, um cargo de prestígio no Fundo Monetário Internacional. Costa (2019, p. 55) conclui que um dos frutos da pressão nas redes sociais digitais é que “as mídias tradicionais têm abarcado com mais frequência temas minoritários, como diversidade e injustiças relacionadas a gênero, sexualidade e padrões de beleza”.

A partir da aplicação do método nas 13 matérias constituintes do *corpus* recortado para os fins desta pesquisa, por mais que sejam diversos os locutores identificados, o machismo aparece como enunciador comum a todas notícias que o compõem. Em alguns momentos, há Sequências Discursivas que evidenciam a existência de enunciadores que se posicionam de forma a apresentar traços de oposição à estrutura masculinista da campo jornalístico, contudo estas iniciativas individuais não possuem força suficiente para romper com o padrão de

⁷⁷ Ver página 24.

enunciação do machismo. Conforme explicado por Benetti (2010a), por identificarmos diferentes vozes (Locutores), criamos a falsa impressão de um discurso polifônico, todavia, no caso dos atravessamentos de gênero, todas essas vozes falam através de um mesmo posicionamento, o machismo (Enunciador), configurando um discurso monofônico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa empírica e da análise de discurso apresentadas nestas páginas, buscou-se responder a hipótese de que o movimento feminista atuando em redes sociais digitais conseguiu incidir, nos últimos anos, na forma como a mulher é retratada pelo jornalismo de meios de comunicação tradicionais. Este tensionamento foi exercitado sim com base em percepções pessoais, mas sempre ancorado em teorias da comunicação e de estudos de gênero que forneceram o material empírico necessário para a identificação de evidências e posterior leitura do que foi dito e não dito pela prática social de gênero presente nas 13 notícias analisadas.

Em resposta a este estudo, foi concluído que o ano de 2013, por meio das Jornadas de Junho, funcionou como uma “janela” para o movimento feminista que vislumbrou sua força de mobilização e de atuação na esfera pública por meio de recursos digitais. A variedade de demandas existentes no período era equivalente às possibilidades de atuação social, as quais foram melhor apropriadas pela luta das mulheres. As Jornadas de Junho representam a tomada de consciência do que se é capaz de fazer quando diversos sujeitos compartilham um interesse comum de transformação social. É o menos impactante dos três períodos para este estudo, contudo sem ele, possivelmente os demais não teriam acontecido ou pelo menos não no prazo de tempo e na magnitude que ocorreram.

A Primavera Feminista de 2015 marca as mudanças mais efetivas em relação à representação da mulher pelo jornalismo de mídias tradicionais. A sucessão de campanhas do movimento feminista nas redes sociais pressiona os meios de comunicação não só a trazer os debates a tona, como também de explica-los, tornando a subjugação da mulher e, principalmente, a violência contra a mulher pauta relevante. Somada ao poder de mobilização (CASTELLS, 2013)⁷⁸ e de criação de ciberacontecimentos (HENN, 2014)⁷⁹, a tipificação de feminicídio, em março de 2015, contribui fortemente para as novas abordagens das perspectivas de gênero, como pode ser observado na matéria “Mulher é vítima de feminicídio no Ceará uma semana após separação”⁸⁰, que constitui o *corpus* da pesquisa.

⁷⁸ Ver página 79.

⁷⁹ Ver página 25.

⁸⁰ Ver página 74.

De 2015 para 2018, quando da campanha #EleNão, não é vislumbrada uma grande mudança. Há sim uma identificação mais forte das mulheres como movimento, no entanto, para o jornalismo o salto é menor do que o observado entre as Jornadas de Junho e a Primavera Feminista. É interessante destacar, contudo, que, se em 2015 havia um movimento de denúncia e de uso das redes sociais para narrativas individuais, na #EleNão há a criação de um grupo específico para essas mulheres que se unem em todo o país para discutir suas demandas e compartilhar informações. Como se os grupos tais qual o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris⁸¹ fossem transferidos para o ambiente digital.

Quando analisados os discursos jornalísticos das matérias selecionadas, percebe-se que os principais avanços no que diz respeito à desconstrução de estereótipos depende de uma mulher no lugar de fala. O que representa que a transformação das representações está mais ligada à iniciativa individual, estreitamente demarcada pelas experiências subjetivas do jornalista, do que a uma evolução da linha editorial do meio de comunicação. Essa construção fica clara na notícia intitulada “Vítima na infância estimula milheres de denúncias de #PrimeiroAssédio após polêmica do MasterChef”⁸², de outubro de 2015, com autoria de Renata, jornalista do G1. Nesse caso, a jornalista como, mais do que produtora do conteúdo expresso, é atuante de uma construção antagônica aos padrões heteronormativos (BUTLER, 2019).

Conclui-se, portanto, que há um avanço em relação aos estigmas de representação da mulher pelos meios de comunicação tradicionais, contudo o mesmo é atribuído às pressões externas realizadas pelo movimento feminista mais do que a tomada de consciência das instituições e dos profissionais dos atravessamentos heteronormativos de gênero presentes na prática jornalística. Como é de conhecimento geral, a crise das instituições de poder simbólico chegou ao jornalismo e, para uma mudança profunda do discurso produzido seria necessária uma transformação anterior do campo como um todo. Na sua busca incessante pela objetividade e pela inalcançável imparcialidade, o jornalismo peca pela incapacidade de encarar as subjetividades de sua tribo (TRAQUINA, 2005) como parte integrante de sua produção.

⁸¹ Ver página 43.

⁸² Ver páginas 70 e 71.

Sendo assim, as mudanças operadas desde a afirmação de Marcia Veiga de que o gênero do jornalismo é masculino⁸³, em 2010, possivelmente não seriam possíveis sem que houvesse uma mobilização fora do campo jornalístico. Mas, como ator externo, o movimento feminista nas redes sociais incide até certo ponto nas representações feitas pelo jornalismo tradicional. A construção social binária, ancorada nas características biológicas de macho e fêmea, é milenar e foi alcunhada na repetição de práticas perpassadas pelas relações de gênero que submetem a mulher ao homem. O óbvio é, portanto, que não seria possível fazer o processo inverso, na direção de relações de gênero horizontais, em um prazo infinitamente menor, pois construções culturais dependem da normatização de práticas e valores que operam pela repetição (BUTLER, 2019)⁸⁴.

Como já apontado nesta monografia, o jornalismo é conhecimento construído culturalmente que intervém, de forma didática, na produção e perpetuação de outros saberes, diariamente, de forma sistemática e com alto grau de circulação. Enquanto arranjos religiosos, políticos, familiares e de comunicação colocarem os homens em posição de autoridade para com as mulheres, continuaremos a alimentar uma estrutura patriarcal de gênero. É responsabilidade do jornalismo, enquanto instituição, e do jornalista, sujeito atuante dessa (re)produção cultural, produzir discursos conscientes de seu atravessamento de gênero e de base social heteronormativa.

O jornalismo, assim como outras instituições detentoras de poder simbólico, constitui e é constituído (LOURO, 1997) das identidades de gênero socialmente compartilhadas. E é nesse sentido que é indispensável compreender o jornalismo como uma prática generificada. Afinal, em sua posição central de mediação, o jornalismo tem contribuído para a engrenagem que movimenta esse ciclo heteronormativo. Portanto, à pergunta “qual o gênero do jornalismo?”, a resposta segue sendo “masculino”.

⁸³ Ver página 32.

⁸⁴ Ver página 32.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALMEIDA, Ana Luisa de Castro; BARRETO, Raquel de Oliveira; CUNHA, Cristiano Diniz. **As “jornadas de junho” e a resignificação da campanha “vem pra rua”**. *In: Comunicação, Cultura e Movimentos Sociais na América Latina*. São Paulo: Revista Extraprensa, 2017, v. 11 n. 1.

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

AMARAL, Isabela Castellani do; GIRARDI JÚNIOR, Liráucio. **Ciberativismo e o Feminismo em rede: a propagação das #PrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto**. *In: Anais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*. Salto: Intercom, 2016.

ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio. **@internet e #rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

ARAGÃO, Helena. **Heloisa Buarque de Hollanda mergulha na quarta onda feminista em livro recém-lançado**. *In: O Globo, Questão de Gênero*. Online. Dezembro de 2018. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/heloisa-buarque-de-hollanda-mergulha-na-quarta-onda-feminista-em-livro-recem-lancado/>>. Acesso em 10 de junho de 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENETTI, Marcia. **Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos**. *In: BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia. Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2010a.

BENETTI, Marcia. **O jornalismo como acontecimento**. *In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. (Org.). Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010b, v. 1

BENTES, Ivana. **Hackear, narrar: As novas linguagens do ativismo**. *In: Mídia-multidão: estéticas da comunicação e biopolíticas*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2015.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. **Ciberacontecimento e jornalismo digital: o impacto do compartilhamento e da produção de sentidos nas práticas jornalísticas**. *In: Estudos de Jornalismo e Mídia*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015, v. 12.

BOGADO, Maria. **Rua**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão Feminista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, 2ª ed.

BOIX Montserrat; MIGUEL, Ana de. **Os gêneros da rede**: os ciberfeminismos. In: NATANSOHN, Graciela (Org). *Internet em código feminino. Teorias e práticas*. Buenos Aires: Icrj'futuribles, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019, 17ª ed.

CARDOSO, Elizabeth. **Imprensa feminista brasileira pós-1974**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes, USP, 2004.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAMARGO, Ayla. **Nas origens do movimento feminista “revisitado” no Brasil**: o Círculo de Mulheres de Paris. In: *Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010.

CAZARRÉ, Marieta. **A “quarta onda do feminismo” nasce em 2015**. In: *Revista Brasileiros*. São Paulo: Brasileiros, 2016.

CHARLEAUX, João Paulo. **O que foram, afinal, as Jornadas de Junho de 2013. E no que elas deram**. In: *Nexo Jornal*. Online. Junho de 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram>> Acesso em 12 de junho de 2019.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: uma perspectiva global. Tradução de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

COSTA, Cristiane. **Rede**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão Feminista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, 2ª ed.

COSTA, Jessica Gustafson. **Jornalismo Feminista**: estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo. Dissertação de mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

CYPRIANO, Breno. **Construções do pensamento feminista latino-americano**. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 2013.

EL PAÍS. **Mulheres lideram multidão contra Bolsonaro em São Paulo, Rio e Recife.** *In:* El País Brasil. Online. Outubro de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/29/politica/1538226863_062834.html> Acesso em 16 de junho de 2019.

ESQUIVEL, Laura. **Como água para chocolate:** romance, receitas e sabores do México. Tradução de Monica Maia. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

ESMITIZ, Francielle. **Jornalismo Feminista:** Uma análise dos processos de comunicação em rede do Portal Catarinas. São Leopoldo: Unisinos, 2019. Submetido à publicação.

FARIAS, Patrícia Silveira de; MORAES, Andrea. **Na Academia.** *In:* HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Explosão Feminista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, 2ª ed.

FERREIRA, Paula C. V.; NOGUEIRA, Roberto H. P. **Teoria Política Feminista Sul-Global:** Perspectivas do feminismo transnacional para uma transposição epistemológica rumo à alteridade e à igualdade substancial. Maranhão: Revista de Gênero, Sexualidade e Direito, 2017, v. 3, n. 2.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira; VEIGA DA SILVA, Marcia. **A contribuição do jornalismo para a reprodução de desigualdades:** um estudo etnográfico sobre a produção de notícias. *In:* Verso e Reverso, XXV. São Leopoldo: Unisinos, 2011.

FREITAS, Viviane Gonçalves. **De qual feminismo estamos falando?** Desconstruções e reconstruções das mulheres via imprensa feminista brasileira, nas décadas de 1970 a 2010. Brasília: UnB, 2017.

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina.** Tradução de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1971.

G1. **Ex-marido confessa ter matado mulher a facadas em Araxá.** *In:* G1 Globo. Online. 2018a. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2018/10/03/ex-marido-confessa-ter-matado-mulher-a-facadas-em-araxa.ghtml>>. Acesso em 8 de maio de 2019.

_____. **Exposição no Sul de SC aborda violência contra a mulher.** *In:* G1 Globo. Online. 2018b. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2018/10/02/exposicao-no-sul-de-sc-aborda-violencia-contr-a-mulher.ghtml>>. Acesso em 8 de maio de 2019.

_____. **FMI nomeia primeira mulher economista-chefe, a indiana Gita Gopinath.** *In:* G1 Globo. Online. 2018c. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/10/01/fmi-nomeia-primeira-mulher-economista-chefe-a-indiana-gita-gopinath.ghtml>>. Acesso em 8 de maio de 2019.

_____. **Hashtag #meuamigosecreto denuncia machismo no cotidiano.** *In:* G1 Globo. Online. 2015a. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/11/hashtag-meuamigosecreto-denuncia-machismo-no-cotidiano.html>>. Acesso em 8 de maio de 2019.

_____. **Laudo de mulher que morreu após cirurgia estética aponta infecção.** *In:* G1 Globo. Online. 2015b. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2015/11/laudo-de-mulher-que-morreu-apos-cirurgia-estetica-aponta-infeccao.html>>. Acesso em 8 de maio de 2019.

_____. **Manifestantes fazem atos contra Bolsonaro em 40 cidades de manhã; 14 cidades tiveram atos a favor.** *In:* G1 Globo. Online. 2018d. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/09/29/manifestantes-fazem-atos-contra-bolsonaro-em-28-cidades-de-manha-11-cidades-tiveram-atos-a-favor.ghtml>>. Acesso em 8 de maio de 2019.

_____. **Marido é suspeito de assassinar a mulher em Neves; ele se matou.** *In:* G1 Globo. Online. 2015c. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/11/marido-e-suspeito-de-assassinar-mulher-em-neves-ele-se-matou.html>>. Acesso em 8 de maio de 2019.

_____. **Mulher agredida pelo namorado em Teresina está há 14 dias sem visão.** *In:* G1 Globo. Online. 2013a. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/06/mulher-agredida-pelo-namorado-em-teresina-esta-ha-14-dias-sem-visao.html>>. Acesso em 8 de maio de 2019.

_____. **Mulher de 35 anos é assassinada em Pilar do Sul, SP.** *In:* G1 Globo. Online. 2013b. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/itapetininga-regiao/noticia/2013/06/mulher-de-35-anos-e-assassinada-em-pilar-do-sul-sp.html>>. Acesso em 8 de maio de 2019.

_____. **Mulher é presa com diamantes em absorvente no Aeroporto de Confins.** *In:* G1 Globo. Online. 2013c. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/mulher-e-presa-com-diamantes-em-absorvente-no-aeroporto-de-confins.html>>. Acesso em 8 de maio de 2019.

_____. **Mulher é vítima de feminicídio no Ceará uma semana após separação.** *In:* G1 Globo. Online. 2015d. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/11/mulher-e-vitima-de-feminicidio-no-ceara-uma-semana-apos-separacao.html>>. Acesso em 8 de maio de 2019.

_____. **Protestos pelo país reúnem mais de 250 mil pessoas.** *In:* G1 Globo. Online. 2013d. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-reunem-mais-de-250-mil-pessoas.html>>. Acesso em 8 de maio de 2019.

_____. **Vítima na infância estimula milhares de denúncias de #PrimeiroAssédio após polêmica do MasterChef.** *In:* G1 Globo. Online. 2015e. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/10/vitima-na-infancia-estimula-milhares-de-denuncias-de-primeiroassedio-apos-polemica-do-masterchef.html>>. Acesso em 8 de maio de 2019.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. 3 ed – São Paulo: Claridade, 2015.

HALL, Stuart *et al.* **A produção social das notícias: o mugging nos media**. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1993.

HENN, Ronaldo César. **O acontecimento jornalístico a partir da semiótica de Peirce**. Entrevistadores: Andriolli Costa e Ricardo Machado. São Leopoldo: Revista IHU On-Line, 2014, ed. 457. Disponível em:
<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5750&secao=457> Acesso em 6 de maio de 2019.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **O grifo é meu**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão Feminista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, 2ª ed.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

LE MOS, André. **Ciberurbe: A cidade na sociedade da informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MATOS, Marlise. **Movimento e Teoria Feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul Global?**. Curitiba: Revista de Sociologia e Política, 2010, v. 18, n. 36.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MOHANTY, Chandra Talpade. **Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses**. In: *On Humanism and the University I: The Discourse of Humanism*, boundary 2, v. 12, n. 3. Durham: Duke University Press, 1984).

_____. **Feminism Without Borders: Decolonizing Theory, Practicing Solidarity**. Durham: Duke University, 2003.

NARLOCH, Leandro. **Estudo derruba o mito de que as mulheres brasileiras ganham 30% menos que os homens**. In: Revista Veja. Online. Fevereiro de 2017. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/estudo-derruba-o-mito-de-que-as-mulheres-brasileiras-ganham-30-menos-que-os-homens/>>. Acesso em 11 de Junho de 2019.

OLIVEIRA, Felipe Moura de. **A semiose da notícia em ambiente de crise: Movimentos em rede e mediação na semiosfera contemporânea**. São Leopoldo: Unisinos, 2016.

OTTO, Clarícia. **O feminismo no Brasil: suas múltiplas faces**. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 2004, v. 12.

PALMEIRO, Cecília. **Quarta onda do feminismo é tipicamente latino-americana, diz fundadora do Ni Uma Menos**. Entrevistadora: Mariana Gonzalez. São Paulo: Revista Cult, 2017. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/quarta-onda-feminismo-latino-americana/>> Acesso em 6 de maio de 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder**. Curitiba: Revista de Sociologia e Política, 2010, v. 18, n. 36.

_____. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. In: História, v. 24, n.1, São Paulo: UNESP, 2005.

QUEIROZ, Nana (Org.). **Você já é feminista!** Abra este livro e descubra o porquê. São Paulo: Pólen Livros, 2016.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O acontecimento**. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. **Rearticulando gênero e classe social**. In: COSTA, A. O; BRUSCHINI, C. (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SANTOS, Magda Guadalupe. **O feminismo e suas ondas**. In: Revista Cult. Online. Setembro de 2017. Disponível em: < <https://revistacult.uol.com.br/home/entenda-o-feminismo-e-suasondas/> > Acesso em: 10 de junho de 2019.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Vol. 20, 1995.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do Jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

_____. **Teorias do Jornalismo.** A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005, v. 2

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Masculino o gênero do jornalismo:** modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014, v. 8.

2. Aplicação AD – Mulher de 35 anos é assassinada em Pilar do Sul, SP

| Mulher de 35 anos é assassinada em Pilar do Sul, SP | | | |
|---|---|--|----------------------|
| FDs | SDs | Locutores | Enunciadores |
| FD1 - Violência; L1 e L2; E1 | SD3 - Segundo a polícia, a mulher apresentava hematomas no pescoço , o que indica estangulamento . | L1 - Jornalista | E1 - PM + Jornalista |
| FD2 - Geração; L1, L2 e L3; E1 | SD4 - De acordo com a polícia, o casal teria discutido durante a madrugada . Quando a filha foi ao quarto da mãe, a encontrou já sem vida. | L2 - Polícia Militar L3 - Filha da vítima | |

3. Aplicação AD – Mulher é presa com diamantes em absorvente no Aeroporto de Confins

| Mulher é presa com diamantes em absorvente no Aeroporto de Confins | | | |
|--|---|----------------------|----------------------|
| FDs | SDs | Locutores | Enunciadores |
| FD1 - Gênero; L1 e L2; E1 | SD1 - Uma mulher israelense foi presa suspeita de contrabando [...] | L1 - Jornalista | E1 - Jornalista |
| | SD2 - De acordo com a PF, o casal de estrangeiros esperava para entrar no avião com destino à Europa [...] | L2 - Polícia Federal | E2 - PF + Jornalista |
| | SD3 - Os nomes da israelense e do homem, de nacionalidade belga , constam no Sistema de Tráfego Internacional da PF. | | |
| FD2 - Etnia; L1 e L2; E2 | SD1 - Uma mulher israelense foi presa suspeita de contrabando [...] | | |
| | SD2 - De acordo com a PF, o casal de estrangeiros esperava para entrar no avião com destino à Europa [...] | | |
| | SD3 - Os nomes da israelense e do homem, de nacionalidade belga , constam no Sistema de Tráfego Internacional da PF. | | |
| | SD4 - A nacionalidade dos suspeitos também incentivou a busca pessoal , afirmou a PF. O motivo é o fato da Bélgica e de Israel estarem entre os países receptores de diamantes na rota internacional de contrabando. | | |

4. Aplicação AD – Mulher agredida pelo namorado em Teresina está há 14 dias sem visão

| Mulher agredida pelo namorado em Teresina está há 14 dias sem visão | | | |
|---|--|----------------------------|-------------------------------------|
| FDs | SDs | Locutores | Enunciadores |
| FD1 - Medo; L1 e L2; E1 | SD1 - A vendedora Adriana Maria teme perder definitivamente a visão. | L1 - Jornalista (Patrícia) | E1 - Jornalista + Vítima |
| | SD2 - " Estou com muito medo de ficar mesmo cega [...]", disse Adriana aos prantos e com o olho ainda muito inflamado . | L2 - Vítima (Adriana) | E2 - Médico |
| | SD3 - "[...] Ele sempre me ameaçava dizendo que se eu procurasse a polícia ia me matar ", revelou Adriana. | L3 - Médico | E3 - Jornalista + Delegada + Vítima |
| | SD4 - "A mãe dele chegou a me procurar e pedir que eu retirasse a queixa na delegacia, mas eu disse que não faria isso e que queria justiça. Tenho medo de não voltar mais a enxergar e quero que ele pague por isso. Não quero que isso fique impune", desabafou a vendedora. | L4 - Delegada (Vilma) | |
| FD2 - Violência; L1, L2 e L3; E1 e E2 | SD5 - A vendedora Adriana Maria da Conceição Sousa, 32 anos, que foi agredida pelo namorado , está há 14 dias sem enxergar desde que a visão do olho direito foi comprometida. | | |
| | SD6 - Segundo a vítima, o médico pediu nesta sexta-feira (28) uma tomografia para verificar se houve rompimento de algum vaso ou quebra de um osso da face. | | |
| | SD7 - Os socos atingiram toda a face de Adriana Maria, que ficou com os dois olhos bastante inchados . Duas semanas após as agressões, alguns hematomas ainda podem ser vistos e o olho direito é o mais prejudicado. | | |
| | SD8 - Em entrevista ao G1, a vendedora revelou que em dois anos e seis meses de relacionamento já tinha sido agredida outras vezes . | | |
| | SD9 - "Quando ele me batia era sempre no rosto, nos olhos , mas desta vez ficou pior e resolvi fazer a denúncia quando vi que fiquei sem enxergar ." | | |
| | SD10 - Ainda motivado pelo ciúme o suspeito pelas agressões teria quebrado o celular da namorada para que ela não ligasse para ninguém contando o que havia acontecido. | | |
| FD3 - Justiça; L1, L2 e L4; E3 | SD4 - "A mãe dele chegou a me procurar e pedir que eu retirasse a queixa na delegacia, mas eu disse que não faria isso e que queria justiça . Tenho medo de não voltar mais a enxergar e quero que ele pague por isso. Não quero que isso fique impune", desabafou a vendedora. | | |
| | SD11 - Mãe de três filhos [...] desde que sofreu as agressões não tem ido ao trabalho . | | |
| | SD12 - De acordo com a delegada Vilma Alves, [...] o agressor não ficará impune . | | |
| | SD13 - " O homem precisa saber que não tem todo esse poder que ele pensa que tem. É um absurdo olhar para qualquer mulher com o olho nessa situação. Estamos trabalhando para colocar ele na cadeia ", disse. | | |

5. Aplicação AD – Vítima na infância estimula milhares de denúncias de #PrimeiroAssédio após polêmica do MasterChef

| FDs | Vítima na infância estimula milhares de denúncias de #PrimeiroAssédio após polêmica do MasterChef | SDs | Locutores | Enunciadores |
|---|---|--|---|---|
| FD1 - Geração: L1, L2, L3 e L4; E1 e E2; | | <p>SD1 - Vítima na infância estimula milhares de denúncias de #PrimeiroAssédio após polêmica do MasterChef</p> <p>SD2 - Em resposta a comentários de teor sexual a participante de versão júnior do programa, Juliana De Faria lançou campanha no Twitter para mulheres compartilharem casos de assédio na infância.</p> <p>SD3 - Criada por uma mulher que foi vítima de assédio na infância, a campanha #PrimeiroAssédio contabilizou, em um dia, mais de 50 mil tuítes de mulheres compartilhando experiências de assédio sexual que sofreram quando crianças ou adolescentes.</p> <p>SD10 - De cabeça, Juliana conta pelo menos três casos durante a infância e a adolescência em que sofreu assédio sexual.</p> <p>SD11 - Dados oficiais e recentes do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) mostram que, das 500 mil mulheres que são vítimas de estupro por ano no Brasil, 70% são crianças e adolescentes – sendo 51% menores de 13 anos.</p> <p>SD12 - Para Viviana Santiago, especialista de gênero da ONG de direitos infantis Plan International Brasil, o episódio com Valentina expõe o problema da "erotização" da criança, que acontece cada vez mais cedo.</p> <p>SD13 - "A gente erotiza esse corpo infantil, vemos isso na forma como a sociedade projeta a menina como objeto sexual pra ser desejado e consumido", disse à BBC Brasil.</p> <p>SD17 - "As meninas estão contando com a hashtag que o tio-avô ou o marido da tia passou a mão. Mas quem vai acreditar numa menina de 12 anos?"</p> <p>SD20 - As duas, porém, defendem mudanças na educação – incluindo a cultura de gênero nas escolas – para reduzir casos de abusos e estupro com meninas e mulheres.</p> <p>SD21 - "Não começamos a ser violentadas na vida adulta. Por isso precisamos ensinar cultura de gênero desde cedo. A sociedade precisa repensar a maneira como educa meninos e meninas porque a, partir daí, construímos esses 'novos homens'."</p> <p>SD22 - @ThinkOlga eu tinha 11 anos e no meio do caminho da escola um cara de moto me seguiu numa rua vazia e mostrou o pênis pra mim.</p> <p>SD23 - @ThinkOlga quando eu tinha 13 anos, um senhorzinho simpático que conheci no ônibus perguntou se eu queria ver o pênis dele em troca de um sonete</p> <p>SD24 - @ThinkOlga Com 12 anos e minha irmã 10 um homem passou a mão nos seios dela (que nem rinha) enquanto brincávamos em uma praça</p> <p>SD25 - Eu tinha 7 anos, um cara no bairro se masturbou atrás de um poste vendo eu e minhas vizinhas brincando, nós corremos. #PrimeiroAssedio</p> | <p>L1 - Jornalista (Renata)</p> <p>L2 - Criadora da # (Juliana)</p> <p>L3 - Especialista de gênero (Viviana)</p> <p>L4 - Vítimas (via #)</p> <p>L5 - Think Olga</p> | <p>E1 - Jornalista + especialista</p> <p>E2 - Juliana + vítimas</p> <p>E3 - Jornalista</p> <p>E4 - Juliana + especialista</p> <p>E5 - Juliana</p> |
| FD2 - Redes Sociais; L1, L2 e L3; E3 e E4; | | <p>SD1 - Vítima na infância estimula milhares de denúncias de #PrimeiroAssédio após polêmica do MasterChef</p> <p>SD2 - Em resposta a comentários de teor sexual a participante de versão júnior do programa, Juliana De Faria lançou campanha no Twitter para mulheres compartilharem casos de assédio na infância.</p> <p>SD3 - Criada por uma mulher que foi vítima de assédio na infância, a campanha #PrimeiroAssédio contabilizou, em um dia, mais de 50 mil tuítes de mulheres compartilhando experiências de assédio sexual que sofreram quando crianças ou adolescentes.</p> <p>SD10 - De cabeça, Juliana conta pelo menos três casos durante a infância e a adolescência em que sofreu assédio sexual.</p> <p>SD11 - Dados oficiais e recentes do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) mostram que, das 500 mil mulheres que são vítimas de estupro por ano no Brasil, 70% são crianças e adolescentes – sendo 51% menores de 13 anos.</p> <p>SD12 - Para Viviana Santiago, especialista de gênero da ONG de direitos infantis Plan International Brasil, o episódio com Valentina expõe o problema da "erotização" da criança, que acontece cada vez mais cedo.</p> <p>SD13 - "A gente erotiza esse corpo infantil, vemos isso na forma como a sociedade projeta a menina como objeto sexual pra ser desejado e consumido", disse à BBC Brasil.</p> <p>SD17 - "As meninas estão contando com a hashtag que o tio-avô ou o marido da tia passou a mão. Mas quem vai acreditar numa menina de 12 anos?"</p> <p>SD20 - As duas, porém, defendem mudanças na educação – incluindo a cultura de gênero nas escolas – para reduzir casos de abusos e estupro com meninas e mulheres.</p> <p>SD21 - "Não começamos a ser violentadas na vida adulta. Por isso precisamos ensinar cultura de gênero desde cedo. A sociedade precisa repensar a maneira como educa meninos e meninas porque a, partir daí, construímos esses 'novos homens'."</p> <p>SD22 - @ThinkOlga eu tinha 11 anos e no meio do caminho da escola um cara de moto me seguiu numa rua vazia e mostrou o pênis pra mim.</p> <p>SD23 - @ThinkOlga quando eu tinha 13 anos, um senhorzinho simpático que conheci no ônibus perguntou se eu queria ver o pênis dele em troca de um sonete</p> <p>SD24 - @ThinkOlga Com 12 anos e minha irmã 10 um homem passou a mão nos seios dela (que nem rinha) enquanto brincávamos em uma praça</p> <p>SD25 - Eu tinha 7 anos, um cara no bairro se masturbou atrás de um poste vendo eu e minhas vizinhas brincando, nós corremos. #PrimeiroAssedio</p> <p>SD1 - Vítima na infância estimula milhares de denúncias de #PrimeiroAssédio após polêmica do MasterChef</p> <p>SD2 - Em resposta a comentários de teor sexual a participante de versão júnior do programa, Juliana De Faria lançou campanha no Twitter para mulheres compartilharem casos de assédio na infância.</p> <p>SD3 - Criada por uma mulher que foi vítima de assédio na infância, a campanha #PrimeiroAssédio contabilizou, em um dia, mais de 50 mil tuítes de mulheres compartilhando experiências de assédio sexual que sofreram quando crianças ou adolescentes.</p> <p>SD4 - Juliana De Faria, fundadora do coletivo feminista Think Olga e criadora da campanha Chega de Fiu Fiu, foi quem lançou a hashtag no Twitter com o objetivo de estimular mulheres a contarem os casos de assédio que viveram na infância. Milhares de compartilhamentos surgiram daí, e as histórias foram além da hashtag.</p> <p>SD6 - O caso gerou polêmica nas redes sociais na última quarta-feira e, enquanto a discussão pairava sobre o suposto "desenvolvimento precoce" da garota, uma mulher se inspirou na história de Valentina – e na sua própria – para criar uma campanha e estimular outras mulheres a contarem suas primeiras experiências de assédio sexual.</p> <p>SD6 - Juliana De Faria lançou a hashtag #PrimeiroAssedio no Twitter e, em pouco tempo, ela passou a figurar entre os termos mais comentados do Twitter brasileiro.</p> <p>SD7 - "A gente enterrava esses casos como se fosse culpa nossa. Agora, graças à internet, a gente está se unindo", disse Juliana à BBC Brasil.</p> <p>SD8 - "Sempre existiu o debate sobre o assédio. Mas a internet juntou as vítimas. Antes, você não falava sobre isso e aí o assunto morria. É importante que a gente enxergue que somos vítimas e, muitas vezes, não vamos emergir sozinhas", completou.</p> <p>SD19 - Viviana Santiago também destacou a importância da internet para manter vivas essas discussões. "As redes sociais conseguem nos juntar. Todas as informações têm capacidade muito maior de ressoar agora. Todo mundo no país inteiro já sabe o que aconteceu. O poder de mobilização é incrível e fortalece o enfrentamento."</p> | <p>L1 - Jornalista (Renata)</p> <p>L2 - Criadora da # (Juliana)</p> <p>L3 - Especialista de gênero (Viviana)</p> <p>L4 - Vítimas (via #)</p> <p>L5 - Think Olga</p> | <p>E1 - Jornalista + especialista</p> <p>E2 - Juliana + vítimas</p> <p>E3 - Jornalista</p> <p>E4 - Juliana + especialista</p> <p>E5 - Juliana</p> |

6. Aplicação AD – Hashtag #meuamigosecreto denuncia machismo no cotidiano

| Hashtag #meuamigosecreto denuncia machismo no cotidiano | | Locutores | Enunciadores |
|---|---|-------------------------------------|------------------------------|
| FDs | SDs | L1 - Jornalista | E1 - Jornalista |
| | SD1 - Hashtag #meuamigosecreto denuncia machismo no cotidiano | | E2 - Direitos Humanos Brasil |
| | SD2 - Campanha nas redes sociais propagou indiretas e casos de abuso. | L2 - Vítimas (via #) | E3 - Vítimas + DH Br |
| | SD5 - A hashtag #meuamigosecreto tomou conta do Twitter e Facebook nesta quarta-feira (25). | L3 - Página Direitos Humanos Brasil | E4 - Jornalista + Vítimas |
| FD1 - Redes Sociais; L1 e L3; E1 e E2 | SD6 - Na nova campanha feminista das redes sociais, o que as mulheres compartilham são casos de machismo sofridos no cotidiano, mas sem revelar quem foi o autor (veja mais exemplos no final da matéria). | | |
| | SD7 - Muitas das indiretas são claramente direcionadas a amigos, ex-namorados, chefes, parentes, etc. Mas também há relatos de casos mais graves de abuso e assédio, semelhantes aos compartilhados na campanha #MeuPrimeiroAssédio, que surgiu em outubro. | | |
| | SD11 - <i>[...] Mulher a culpa não é sua. A culpa nunca é sua. Você não precisa dizer nas redes sociais quem é o seu amigo secreto, mas pode ligar para o 180 e denunciar.</i> | | |
| | SD1 - Hashtag #meuamigosecreto denuncia machismo no cotidiano | | |
| | SD3 - #meuamigosecreto agrediu física e psicologicamente a ex, mas hoje é a ex louca que ele conta pra família e pra atual | | |
| | SD4 - #meuamigosecreto acha que uma mulher tá separada pq não soube "fazer direito". Ah e a expressão usada é "largada" | | |
| | SD6 - Na nova campanha feminista das redes sociais, o que as mulheres compartilham são casos de machismo sofridos no cotidiano, mas sem revelar quem foi o autor (veja mais exemplos no final da matéria). | | |
| | SD7 - Muitas das indiretas são claramente direcionadas a amigos, ex-namorados, chefes, parentes, etc. Mas também há relatos de casos mais graves de abuso e assédio, semelhantes aos compartilhados na campanha #MeuPrimeiroAssédio, que surgiu em outubro. | | |
| FD2 - Gênero; L1, L2 e L3; E1 e E3 | SD8 - #meuamigosecreto não frequenta festa gay pois tem medo de ser tratado como ele trata as mulheres em festas hétero | | |
| | SD9 - #meuamigosecreto se diz "a favor da mulher no mercado de trabalho", mas atropela a fala dela em reuniões, olha feio pra grávida no escritório e chama chefe exigente de "mal comida" | | |
| | SD10 - O movimento ganhou visibilidade neste 25 de novembro, dia mundial de combate à violência contra a mulher. | | |
| | SD11 - <i>[...] Mulher a culpa não é sua. A culpa nunca é sua. Você não precisa dizer nas redes sociais quem é o seu amigo secreto, mas pode ligar para o 180 e denunciar.</i> | | |
| | SD3 - #meuamigosecreto agrediu física e psicologicamente a ex, mas hoje é a ex louca que ele conta pra família e pra atual | | |
| | SD4 - #meuamigosecreto acha que uma mulher tá separada pq não soube "fazer direito". Ah e a expressão usada é "largada" | | |
| FD3 - Assédio; L1 e L2; E4 | SD7 - Muitas das indiretas são claramente direcionadas a amigos, ex-namorados, chefes, parentes, etc. Mas também há relatos de casos mais graves de abuso e assédio, semelhantes aos compartilhados na campanha #MeuPrimeiroAssédio, que surgiu em outubro. | | |
| | SD8 - #meuamigosecreto não frequenta festa gay pois tem medo de ser tratado como ele trata as mulheres em festas hétero | | |
| | SD9 - #meuamigosecreto se diz "a favor da mulher no mercado de trabalho", mas atropela a fala dela em reuniões, olha feio pra grávida no escritório e chama chefe exigente de "mal comida" | | |

7. Aplicação AD – Mulher é vítima de feminicídio no Ceará uma semana após separação

| Mulher é vítima de feminicídio no Ceará uma semana após separação | | | | |
|---|---|--|-----------------------------|---|
| FDs | SDs | | Locutores | Enunciadores |
| FD1 - Gênero; L1, L2 e L4; E1 e E2 | SD1 - Mulher é vítima de feminicídio no Ceará uma semana após separação. | | L1 - Jornalista | E1 - Jornalista + PC |
| | SD5 - "Tudo indica que foi um crime passional. As polícias civil e militar estão em diligência na procura pelo ex-companheiro, Antônio Camilo Alves, que está desaparecido", relata o inspetor da Polícia Civil Emmanuel Melo. | | L2 - Polícia Civil | E2 - Inspetor PC |
| | SD9 - No Ceará, de janeiro a setembro de 2015, 183 mulheres foram vítimas de feminicídio , segundo a Polícia Civil. A lei que configura o crime foi sancionada em março deste ano e aumenta a pena para quem matar mulheres por razões de gênero. | | L3 - Familiares da vítima | E3 - Jornalista |
| | SD10 - A pena de prisão para homicídio simples varia de 6 a 20 anos. No caso do homicídio qualificado, onde se incluirá o feminicídio , a pena vai de 12 a 30 anos. | | L4 - Inspetor PC (Emmanuel) | E4 - Jornalista + PC + Familiares + Inspetor + Vizinhos |
| FD2 - Violência; L1 e L6; E3 | SD2 - Inês foi morta com golpes de faca na casa onde morava após separação. | | L5 - Vizinhos da vítima | |
| | SD3 - Uma mulher foi assassinada a golpes de facas em Lavras da Mangabeira, no interior do Ceará, na manhã desta quinta-feira (26); | | L6 - Laudo | |
| | SD8 - Segundo laudo preliminar, ela sofreu vários golpes de uma faca "de grande porte" . | | | |
| FD3 - Dominação; L1, L2, L3, L4 e L5; E4 | SD1 - Mulher é vítima de feminicídio no Ceará uma semana após separação. | | | |
| | SD4 - Segundo a Polícia Civil, familiares relataram que o casal havia se separado há uma semana. | | | |
| | SD6 - "Ele vivia dizendo que iria revelar as intimidades do casal, e a vítima se sentia ameaçada por isso" , diz o policial. | | | |
| | SD7 - A polícia afirma que vizinhos relataram que Maria Inês já havia sido agredida anteriormente e não tinha coragem de fazer denúncias. | | | |

8. Aplicação AD – Laudo de mulher que morreu após cirurgia estética aponta infecção

| Laudo de mulher que morreu após cirurgia estética aponta infecção | | | | |
|---|-----|--|-----------|--------------|
| FDs | SDs | | Locutores | Enunciadores |
| X | X | | | |

9. Aplicação AD – Marido é suspeito de assassinar a mulher em Neves; ele se matou

| Marido é suspeito de assassinar a mulher em Neves; ele se matou | | | | |
|---|--|--|------------------|------------------------------------|
| FDs | SDs | | Locutores | Enunciadores |
| FD1 - Gênero; L1, L2 e L4; E1 | SD1 - Marido é suspeito de assassinar a mulher em Neves; | | L1 - Jornalista | E1 - Jornalista + PM + Testemunhas |
| | SD4 - Testemunhas contaram à PM que o crime pode ter ocorrido porque a mulher estaria tendo um relacionamento extraconjugal. | | L2 - PM | E2 - Jornalista + PM + Filha |
| FD2 - Violência; L1, L2 e L3; E2 | SD2 - Uma mulher de 35 anos foi assassinada a golpes de canivete e faca na madrugada deste sábado (28) no bairro Vereda, em Ribeirão das Neves, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, informou a Polícia Militar (PM). | | L3 - Filha | |
| | SD3 - O homem foi à cozinha, pegou uma faca retornou ao quarto e cortou a garganta da mulher. Depois cortou o próprio pescoço. | | L4 - Testemunhas | |

10. Aplicação AD – Manifestantes fazem atos contra Bolsonaro em 40 cidades de manhã, 14 cidades tiveram atos a favor

| Manifestantes fazem atos contra Bolsonaro em 40 cidades de manhã, 14 cidades tiveram atos a favor | | | |
|---|--|-----------------|----------------------|
| FDs | SDs | Locutores | Enunciadores |
| FD1 - Redes Sociais; L1; E1 | SD1 - Manifestações foram convocadas pelos redes sociais . | L1 - G1* | E1 - G1 |
| | SD3 - Batizado de #EleNÃO , o movimento foi convocado pelos redes sociais durante o mês de setembro por eleitoras críticas ao candidato. | L2 - PM Caicó | E2 - G1 + PM Mossoró |
| | SD4 - O protesto #EleNÃO em Campina Grande teve início por volta das 10h30 da Praça da Bandeira e percorreu diversas ruas do Centro da cidade até as 13h30. | L3 - PM Mossoró | E3 - PM Caicó |
| | SD7 - A manifestação foi convocada pelos redes sociais . | | |
| FD2 - Gênero; L1, L2 e L3; E2 e E3 | SD2 - Manifestantes, em sua maioria mulheres , realizaram atos contrários a Jair Bolsonaro (PSL) pelo Brasil neste sábado (29). | | |
| | SD3 - Batizado de #EleNÃO , o movimento foi convocado pelas redes sociais durante o mês de setembro por eleitoras críticas ao candidato. | | |
| | SD5 - A estimativa de público, de acordo com as organizadoras , é de 3 mil pessoas. | | |
| | SD6 - Em Foz do Iguaçu, no oeste do Paraná, cerca de 300 pessoas, sendo a maioria mulheres , foram às ruas para protestar contra Bolsonaro na manhã deste sábado. | | |
| | SD8 - Às 8h30, cerca de 200 pessoas, segundo estimativa da Polícia Militar, seguiram em caminhada pela avenida Coronel Martiniano, incluindo mulheres e homens . | | |
| | SD9 - Segundo a PM, às 10h cerca de 300 pessoas, na grande maioria mulheres , seguiram em caminhada pelas ruas da região central. | | |

* Com informações do G1 Campinas, G1 Caruaru, G1 GO, G1 MG, G1 Grande Minas, G1 Sul de Minas, G1 PA, G1 PB, G1 Petrolina, G1 PI, G1 Rio Preto e Araçatuba, G1 São Carlos, G1 SC, G1 SP, G1 RS, G1 TO e G1 Vale do Paraíba

11. Aplicação AD – FMI nomeia primeira mulher economista-chefe, a indiana Gita Gopinath

| FMI nomeia primeira mulher economista-chefe, a indiana Gita Gopinath | | | |
|--|---|-----------------------------------|----------------------------|
| FDs | SDs | Locutores | Enunciadores |
| FD1 - Gênero; L1 e L2; E2 | SD1 - FMI nomeia a primeira mulher economista-chefe , a indiana Gita Gopinath. | L1 - Jornalista (Agência EFE) | E1 - Jornalista + Diretora |
| | SD3 - A indiana Gita Gopinath será a nova economista-chefe do Fundo Monetário Internacional (FMI) a partir de 2019, anunciou nesta segunda-feira (1) a diretora-gerente da organização , Christine Lagarde. | L2 - Diretora-gerente (Christine) | E2 - Jornalista |
| | SD4 - [...] e será a primeira mulher a dirigir o prestigiado Departamento de Pesquisa do Fundo. | | |
| FD2 - Etnia; L1 e L2; E2 | SD1 - FMI nomeia a primeira mulher economista-chefe, a indiana Gita Gopinath . | | |
| | SD3 - A indiana Gita Gopinath será a nova economista-chefe do Fundo Monetário Internacional (FMI) a partir de 2019, anunciou nesta segunda-feira (1) a diretora-gerente da organização , Christine Lagarde. | | |
| FD3 - Competência; L1 e L2; E1 | SD2 - O cargo é um dos mais importantes no organograma do FMI. | | |
| | SD5 - "Gita é uma das economistas de maior destaque do mundo , com credenciais acadêmicas impecáveis , um histórico comprovado de liderança intelectual , e vasta experiência internacional ", afirmou Lagarde em comunicado. | | |
| | SD6 - O cargo é um dos mais importantes no organograma do FMI, já que tem a função de coordenar os relatórios de previsões globais publicados semestralmente, considerados referência para mercados e governos. | | |
| | SD7 - Gita, de 46 anos e doutora em economia pela Universidade de Princeton , é atualmente professora de Estudos Internacionais e Economia da Universidade de Harvard . | | |

12. Aplicação AD – Exposição no Sul de SC aborda violência contra a mulher

| Exposição no Sul de SC aborda violência contra a mulher | | | | |
|---|---|--|------------------------------------|--|
| FDs | SDs | | Locutores | Enunciadores |
| FD1 - Violência; L1, L4, L2 e L3; E1 | SD4 - Via 190, a Polícia Militar recebe relatos como "meu marido estava me espancado" e "meu marido entrou embriagado agora e quase me matou dentro da minha casa". | | L1 - Jornalista | E1 - Jornalista + Vítima + Realizadora do Proj |
| | SD5 - E quem sofre violência não esquece. A vendedora Eronilda Pires passou 13 anos ao lado de uma pessoa que a agredia psicologicamente. Ciúme exagerado e traição por parte do marido foram só algumas das coisas que ela teve que enfrentar no casamento. | | L2 - Vítima (Eronilda) | E2 - Jornalista + Vítima + Realizadora do Proj + Psicóloga |
| | SD7 - Na exposição, uma cama com arame farpado mostra frases que dão início à violência psicológica. | | L3 - Realizadora do proj (Andreza) | E3 - jornalista + + Realizadora do Proj + Psicóloga |
| | SD11 - "[...] A gente quer também trazer à sociedade uma reflexão sobre o papel de cada um dentro do ciclo da violência", afirmou a realizadora do projeto, Andreza de Oliveira. | | L4 - PM | E4 - Jornalista + Realizadora do Proj |
| FD2 - Dominação; L2, L1 e L5; E2 | SD6 - "Eu não podia ir no mercado sozinha, não podia sair no parquinho, levar os filhos. Ele não me deixava trabalhar, não me deixava fazer nada", relatou. | | L5 - Psicóloga da PC (Samira) | |
| | SD8 - Uma jaula simboliza o aprisionamento da mulher, que, sem ajuda, não consegue reagir. | | | |
| FD3 - Apoio; L1 e L5; E3 | SD12 - "Através de um desrespeito, de uma tentativa de comandar a vida dessa mulher, que roupas ela vai poder utilizar. Essas já são formas de violência que a gente considera, porém são formas mais sutis e muitas vezes ainda não são consideradas um crime", disse a psicóloga. | | | |
| | SD2 - Psicóloga da Polícia Civil incentiva que vítimas denunciem. | | | |
| FD4 - Protagonismo; L1 e L3; E4 | SD9 - As vítimas que escreveram os livros participam de um grupo para ajudar outras mulheres. | | | |
| | SD13 - Porém, Samira afirmou que, a partir do momento que a mulher começa a ser ofendida verbalmente ou ser ameaçada, já pode denunciar. | | | |
| | SD1 - Mostra abre espaço para visitantes darem sugestões de como acabar com esse tipo de crime. | | | |
| | SD3 - A mostra traz instalações artísticas, espaço para visitantes darem sugestões de como acabar com esse tipo de crime e livros escritos por vítimas. | | | |
| | SD10 - "O principal objetivo é trabalhar o empoderamento das mulheres. [...]", afirmou a realizadora do projeto, Andreza de Oliveira. | | | |

13. Aplicação AD – Ex-marido confessa ter matado mulher a facadas em Araxá

| Ex-marido confessa ter matado mulher a facadas em Araxá | | | | |
|---|---|--|-----------------------|----------------------------|
| FDs | SDs | | Locutores | Enunciadores |
| FD1 - Violência; L1, L2 e L3; E1 | SD1 - Ex-marido confessa ter matado mulher a facadas | | L1 - Jornalista | E1 - Jornalista + Delegado |
| | SD2 - O ex-marido de uma mulher de 38 anos, morta a facadas em Araxá, Alto Paranaíba, na manhã desta quarta-feira (3), confessou a autoria do crime, segundo o delegado regional, Vítor Hugo Heisler. | | L2 - Delegado (Vítor) | |
| FD2 - Gênero; L1, L2 e L3; E1 | SD1 - Ex-marido confessa ter matado mulher a facadas | | L3 - Ex-marido | |
| | SD2 - O ex-marido de uma mulher de 38 anos, morta a facadas em Araxá, Alto Paranaíba, na manhã desta quarta-feira (3), confessou a autoria do crime, segundo o delegado regional, Vítor Hugo Heisler. | | | |
| | SD3 - De acordo com o delegado, a motivação para o crime, que é tratado como feminicídio seria uma disputa de bens. | | | |
| | SD4 - O feminicídio é uma tipificação do crime de homicídio quando envolve violência doméstica ou familiar e "menozprezo ou discriminação à condição de mulher". | | | |

Um novo estudo da Fundação de Economia e Estatística, do governo do Rio Grande do Sul, confirmou essa suspeita. Os economistas Guilherme Stein e Vanessa Sulzbach analisaram 100 mil salários e concluíram que as mulheres brasileiras ganham 20% menos que os homens – mas só 7% não podem ser explicados pela diferença de produtividade.

A pesquisa enfiou feministas gaúchas, que escreveram artigos e textos no Facebook acusando os autores de machismo e pediram a demissão dos diretores da Fundação. Em resposta, dezenas de economistas assinaram um manifesto defendendo os pesquisadores. “Ficamos surpresos com uma reação tão forte a um estudo que já foi replicado tantas vezes”, me disse o economista Guilherme Stein.

A conclusão do estudo converge com os dados da economista Claudia Goldin, de Harvard, a grande especialista em diferença salarial. Para os Estados Unidos, Goldin encontrou uma porcentagem um pouco menor (5%) que não é explicada pela produtividade.

De acordo com os pesquisadores, principalmente dois fatores puxam o salário das mulheres para cima, mas outros três o empurram para baixo (veja a tabela abaixo). As mulheres têm em média mais anos de estudo e começam a trabalhar mais tarde. No entanto, interrompem a carreira com mais frequência, têm uma jornada um pouco menor que a dos homens e tendem a se concentrar em ocupações que remuneram menos.

Dos 20% de diferença salarial, 13% são explicados por essas razões. Ou seja: se homens e mulheres trabalhassem as mesmas horas e tivessem o mesmo perfil, ainda assim as mulheres ganhariam 7% menos. Como explicar essa diferença? Pode ser preconceito e discriminação por parte dos patrões, ou algum outro fator ainda não revelado. O que se pode dizer é que o machismo dos empregadores diminui o salário das mulheres em no máximo 7%.

A pesquisa não contraria bandeiras feministas, pelo contrário. “Os dados sugerem que a diferença salarial diminuiria se os homens dividissem os afazeres domésticos com as mulheres”, diz Stein.



Estudo derruba o mito de que as mulheres brasileiras ganham 30% menos que os homens

Por Leandro Marloch
 11 fev. 2017, 12h11 - Publicado em 12 maio 2015, 19h21



Por um motivo simples, sempre desconfiar da estatística da diferença salarial. Se as mulheres de fato ganhassem menos que os homens para realizar as mesmas tarefas, empresas que buscam o lucro só contratariam mulheres. Diante de dois candidatos com o mesmo potencial, o patrão, é claro, contrataria o mais barato. Mas o que ocorre é o contrário: os homens ainda são maioria dos empregados do Brasil.

Portanto ou os donos de empresas são tolos, e colocam o machismo acima do lucro, ou a estatística é furada.

2. Campanha #EleNÃO no The New York Times

16/06/2019

Jair Bolsonaro, Candidate in Brazil, Faces Women's Calls: #NotHim - The New York Times

The New York Times

Jair Bolsonaro, Candidate in Brazil, Faces Women's Calls: #NotHim

By Shasta Darlington

Sept. 24, 2018

SÃO PAULO — Brazilian women may not have galvanized behind any one candidate in the coming presidential election, but a growing number have taken to social media to make clear whom they will not vote for: the far-right front-runner Jair Bolsonaro.

A social media campaign called #EleNÃO — or #NotHim — is the most recent example of how women in Brazil are mobilizing against a politician who has publicly called women ignorant, too ugly to rape, or undeserving of the same salary as men. In one speech, Bolsonaro, who is the father of four sons and one daughter, called having a female child a “moment of weakness.”

“Not him because he’s machista, not him because he’s homophobic, not him because he’s racist, not him because he’s a throwback for our democracy,” a popular Brazilian singer, Daniela Mercury, said in a video posted to Instagram over the weekend. She urged Brazilians to attend nationwide protests repudiating Mr. Bolsonaro on Saturday.

Hundreds of thousands of people have signed up on Facebook for planned “Women Against Bolsonaro” marches, and 2.9 million have joined the “Women United Against Bolsonaro” Facebook group, which turned private after it was repeatedly hacked.

Ms. Mercury called out a fellow performer, Anitta, Brazil’s biggest international pop star, who has come under fire for refusing to publicly denounce Mr. Bolsonaro. “I would like to challenge my friend Anitta to support the #EleNÃO movement,” she said. “Let’s go Anitta?”

After days of insisting on the right to a secret vote and declining to talk about specific candidates, Anitta finally took to social media with her own repudiation on Sunday. It was seen by some 3.5 million people in the first 24 hours.

16/06/2019

Jair Bolsonaro, Candidate in Brazil, Faces Women's Calls: #NotHim - The New York Times



“I want to make it clear once and for all that I do not support the candidate Bolsonaro,” she said in an uncharacteristically serious video, insisting that her fight against homophobia and racism speak for themselves.

“Yes, I support the use of the hashtag EleNãO,” she added, inviting three more female singers to join the movement.

The public pressure on Anitta highlighted the polarization of these elections, the most splintered and divisive since Brazil’s return to democracy in the 1980s, and the role women may play in them.

Mr. Bolsonaro, a former army captain who has been a representative since 1991, was long a marginal figure in Congress, best known for his incendiary comments. Beyond denigrating women, he has also offended blacks and suggested he would rather a son die than turn out gay.

But a vast corruption investigation that engulfed all of the country’s major political parties and many traditional leaders has nevertheless propelled Mr. Bolsonaro to the forefront in this year’s race.

He is seen by his many supporters as a straight-talker who isn’t afraid to do — and say — what is needed. He has made fighting political corruption and rampant crime the cornerstones of his campaign, vowing to drain the swamp, give the police more freedom to kill criminals, and make it easier for civilians to own arms.

Mr. Bolsonaro was already leading the polls when his candidacy got an unexpected bump this month: He was stabbed in the abdomen at a campaign rally and rushed to the hospital with serious injuries.

16/06/2019

Jair Bolsonaro, Candidate in Brazil, Faces Women's Calls: #NotHim - The New York Times

According to the latest Datafolha survey, Mr. Bolsonaro has the support of 28 percent of those polled — in Brazil, voting is obligatory. His rivals are all below 20 percent.

Still, Mr. Bolsonaro does not appear to have the 50 percent needed to win outright on Oct. 7 and avoid a runoff vote. And if there is a runoff, standing among female voters could prove pivotal. According to a poll by Ibope, a full half said they would not cast their ballot for Mr. Bolsonaro under any circumstances, compared with 33 percent of men.

The candidate has been trying to connect with women, with mixed results. In an emotional video recorded before he was attacked, he teared up when he described reversing his vasectomy. He did it, he said in the video, to make his wife happy because “women largely find fulfillment in having children.”

Many viewers took offense.

The male-female split in Brazil now is being compared to the divisions in the United States in 2016 when Donald J. Trump was running and after he was elected president. Many women, appalled by Mr. Trump's vulgar comments, rallied behind Hillary Clinton, and then took to the streets in protest wearing pink “pussy hats.”

Even as Mr. Bolsonaro recovers in a hospital, his political rallies have continued to infuriate many women in Brazil. At an event in the northeastern city of Recife over the weekend, his supporters sang about feeding dog food to feminists. At another event, his running mate, Hamilton Mourão, said families headed by mothers and grandmothers were “factories of misfits” that fed local drug gangs.

A conservative television commentator, Rachel Sheherazade, angered some of her followers when she responded by throwing her support behind the anti-Bolsonaro movement on Twitter.

“I am a woman. I am raising two children alone. I was raised by my mother and my grandmother,” she posted on Twitter. “No. No, we are not criminals. We are HEROINES! #elenao.”

A version of this article appears in print on Sept. 25, 2018, on Page A10 of the New York edition with the headline: Candidate in Brazil Faces Women's Calls: #NotHim

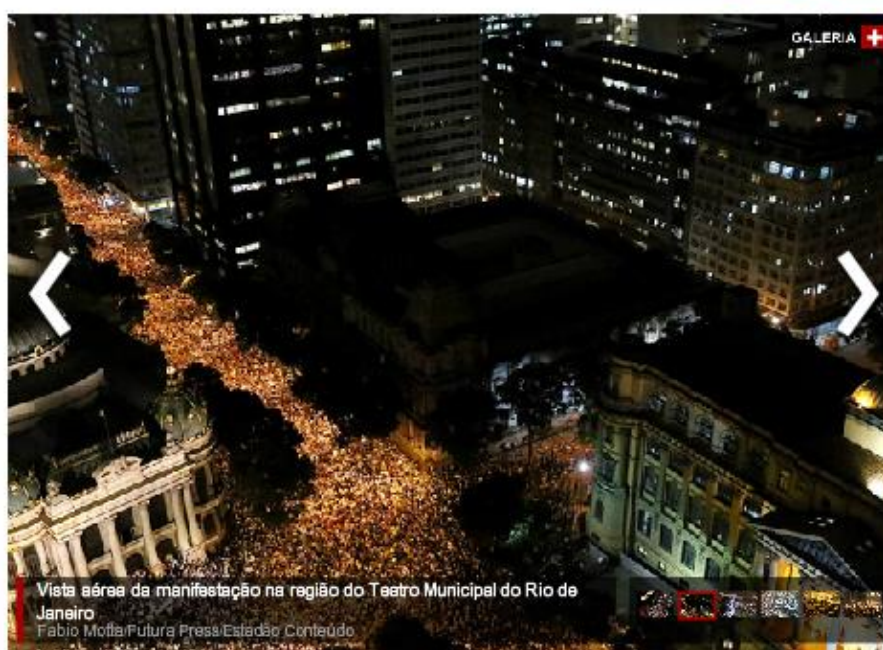
3. Notícia-símbolo das Jornadas de Junho de 2013

18/06/2013 08h40 - Atualizado em 18/06/2013 15h04

Protestos pelo país reúnem mais de 250 mil pessoas

Reivindicações vão de preço do transporte público a custos da Copa. Poucas cidades registraram confrontos com a polícia e vandalismo.

Do G1, em São Paulo



Vista aérea da manifestação na região do Teatro Municipal do Rio de Janeiro
 Fábio Motta/Futura Press/Estação Conteúdo

Mais de 250 mil pessoas saíram às ruas nesta segunda-feira (17) pelo país para protestar contra o aumento das tarifas de transporte, a violência urbana, os custos da Copa do Mundo, a precariedade do serviço público, entre outras reivindicações. Manifestações aconteceram em 12 capitais e ao menos 16 cidades do interior.

Saiba mais

-  Fotos
-  Vídeos
-  Mapa dos protestos
-  O peso da passagem de ônibus
-  Repercussão internacional
-  Vinagré, por Antônio Carlos Miguel
-  Protestos minuto a minuto

A maioria foi pacífica. Mas, em algumas cidades, uma minoria radical causou vandalismo e protestos acabaram em confronto com a polícia. No **Rio de Janeiro**, manifestantes deixaram um rastro de destruição na Assembleia Legislativa (Alerj). Um vídeo registrou policiais encurralados e agredidos a pedras e chutes por um grupo. PMs também foram flagrados dando tiros de fuzil para o alto. Ao todo, 100 mil manifestantes foram às ruas no Rio.

Em **São Paulo**, o quinto e maior protesto em duas semanas causou a interdição de

 Vinagré, por Antônio Carlos Miguel

 Protestos minuto a minuto

 G1.com.br

Em **São Paulo**, o quinto e maior protesto em duas semanas causou a interdição de importantes vias, como a Marginal Pinheiros, a Avenida Paulista e a Ponte Estaiada. A manifestação reuniu cerca de 65 mil pessoas e foi considerada pacífica até um grupo tentar

invadir o Palácio dos Bandeirantes, sede do governo. A polícia reagiu com bombas de efeito moral e gás de pimenta e impediu o ato.

Em Brasília, os participantes invadiram a marquise do Congresso Nacional. Em **Porto Alegre**, manifestantes foram presos após depredarem mais de 50 contêineres e incendiarem ônibus. Em Belo Horizonte, houve confronto na Praça Sete. Em Fortaleza, o hotel da Seleção Brasileira foi alvo dos manifestantes.

Maceió, **Vitória**, Salvador, Belém, Curitiba e Recife também registraram protestos. Outras cidades do Brasil foram palco de manifestações. Veja como foi:

Alagoas

Maceió teve uma manifestação com ao menos 2 mil participantes, segundo a Polícia Militar. Eles protestavam contra o aumento da tarifa de ônibus de R\$ 2,30 para R\$ 2,85.

Os ativistas bloquearam a Avenida Fernandes Lima, causando trânsito.

Um carro furou o bloqueio dos manifestantes e um **tiro foi disparado contra a multidão**, atingindo um estudante no rosto. Os ativistas acusam o motorista de atirar. Durante o protesto, o automóvel foi cercado pelos manifestantes, que batiam contra seu capô. A Polícia Militar identificou que **o veículo pertence a uma Prefeitura (Leia mais)**.

Bahia

Em Salvador, a estimativa da Polícia Militar é que mais de 4 mil pessoas tenham ido às ruas em apoio aos protestos pelo país que exigem a redução das tarifas.

A manifestação começou por volta das 16h, e permaneceu pacífica, tendo ficado concentrada na Avenida ACM e na Avenida Paralela. O trânsito ficou bem complicado por volta das 19h **(Leia mais)**.

Ceará

Uma manifestação com cerca de 5 mil pessoas saiu pelas ruas de **Fortaleza** a favor da redução da tarifa e contra a Copa do Mundo, na segunda-feira (17).

Os ativistas seguiram até o hotel onde a seleção brasileira estava hospedada, no bairro Moura Brasil.

A manifestação foi pacífica e não teve confrontos **(Leia mais)**.

Distrito Federal

Um protesto que durou quase seis horas durante a segunda-feira (17) reuniu 10 mil pessoas no Distrito Federal, segundo o comando da PM.

O protesto teve casos isolados de vandalismo, mas foi pacífico na maior parte do tempo.

Ativistas tentaram invadir o Congresso Nacional e algumas dezenas deles conseguiram furar o bloqueio policial. O grupo invadiu a cobertura do prédio do Legislativo e se aglomerou na marquise do edifício para entoar gritos de ordem e estender faixas. Dois manifestantes foram presos, segundo a polícia (**Leia mais**).

Espírito Santo

Bombas de gás lacrimogêneo foram disparadas contra manifestantes que tentavam chegar à casa do governador Renato Casagrande, em Vitória, no Espírito Santo, por volta das 22h da segunda (17).

A Polícia Militar estima que mais de 20 mil pessoas participaram do protesto, que saiu da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e seguiu pela cidade. Confrontos foram registrados.

A reação da PM, segundo os manifestantes, foi desencadeada após uma latinha ser jogada por um ativista (**Leia mais**).

Minas Gerais

Em **Belo Horizonte**, o protesto teve confronto entre PMs e manifestantes. Mais de 20 mil pessoas foram às ruas numa manifestação que começou na Praça Sete, no Centro da cidade, e seguiu a pé até as imediações do Mineirão, em um trajeto de cerca de 10 quilômetros.

Os confrontos começaram próximo ao campus da Universidade Federal de **Minas Gerais** (UFMG). Duas pessoas ficaram feridas, mas sem gravidade. Uma delas caiu de um viaduto. Próximo à universidade, a polícia fez uma barreira para impedir o protesto de seguir até o Mineirão, onde o jogo entre Taiti e Nigéria ocorria pela Copa das Confederações.

A Polícia Militar afirmou que os manifestantes jogaram pedras contra a força policial. A Tropa de Choque reagiu com bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha (**Leia mais**).

Em **Juiz de Fora**, a estimativa dos manifestantes é que 5 mil pessoas foram às ruas; já a Polícia Militar fala em 2 mil. O protesto foi pacífico e não teve confrontos.

A maioria dos participantes eram estudantes universitários e de ensino médio, mas também houve militantes de movimentos sociais entre os que integraram o protesto.

Com cartazes e gritos de ordem, os manifestantes protestavam por muitos motivos, entre eles pela distribuição de terra, melhoria do transporte público e pela redução da tarifa (**Leia mais**).

Em **Poços de Caldas**, pelo menos 500 pessoas protestaram contra o aumento das tarifas de transporte público pelo país, por volta de 17h45 de segunda-feira (17). Não houve confronto, mas duas pessoas subiram na janela de um ônibus.

Segurando faixas e cartazes com dizeres como "Que país é este?" e "Desculpe o incômodo, estamos mudando o país", os manifestantes fecharam os cruzamentos das principais ruas da região central (**Leia mais**).



Jovens saíram às ruas de Viçosa nesta segunda (Foto: Virgílio Neto Júnior/ VC no G1)

Mais de 3 mil pessoas participaram de uma manifestação em **Viçosa**, na Zona da Mata mineira, de acordo com a Polícia Militar. A mobilização durou cerca de duas horas e meia e ocorreu de forma pacífica.

"Entre 3 e 4 mil pessoas participaram. Acompanhamos o deslocamento e não houve nenhum ato de vandalismo, de destruição", afirmou a sargento Ivone Barbosa, da Comunicação Social da PM em Viçosa.

Para o universitário Virgílio Neto Júnior, de 21 anos, que acompanhou a manifestação, os jovens foram às ruas por causas diversas. "A questão da redução das passagens de ônibus deu início aos protestos, mas abriu um leque muito maior. Cada um se mobilizou do jeito que podia, uns com nariz de palhaço, outros com caras pintadas, apito panelas, cada um levou o que achou que era válido", relatou (**Leia mais**).

Paraná

Em **Curitiba**, cerca de 10 mil pessoas participaram de um protesto que saiu da Boca Maldita, nesta segunda-feira (17). O número foi informado pela Polícia Militar.

O grupo reivindica, entre outras coisas, a redução da tarifa de ônibus na cidade. Eles pedem que o valor seja reduzido dos atuais R\$ 2,85 para R\$ 2,60 de segunda a sábado e de R\$ 1,50 para R\$ 1 aos domingos.

A manifestação partiu da Boca Maldita em direção à Praça Santos Andrade, onde ficam o prédio histórico da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e o Teatro Guaíra. O ato foi pacífico no início, mas terminou com um pequeno grupo em confronto com a polícia (**Leia mais**).

Ao menos 2 mil manifestantes se concentraram em frente ao Terminal de Transporte Urbano de **Foz do Iguaçu**, por volta de 17h30 de segunda (17).

Segundo um dos organizadores, Helton Preguiça, a manifestação foi marcada pelas redes sociais em apoio aos protestos em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Participaram do ato estudantes, universitários e outras pessoas. Segundo Preguiça, apesar de a tarifa do ônibus ter reduzido, o objetivo da manifestação é reunir propostas de melhorias para o transporte público da cidade e, posteriormente, leva-las à Prefeitura (**Leia mais**).

Em **Londrina**, no norte do estado do **Paraná**, as manifestações contaram com cerca de 8 mil pessoas.

Além das melhorias no transporte coletivo, houve quem protestasse em Londrina contra a corrupção, por mais investimentos em saúde e educação, e até contra a Proposta de Emenda Constitucional 37, que pode reduzir o poder de investigação do Ministério Público (**Leia mais**). A manifestação apoia proposta dos ativistas em São Paulo e no Rio de Janeiro, de que a tarifa do transporte público seja reduzida nessas cidades.



Em Ponta Grossa, protesto pede mais empresas de ônibus (Foto: Flávio Almeida/RPC TV)

Mais de 4 mil pessoas foram às ruas em **Ponta Grossa**, em uma manifestação na segunda-feira (17).

Os ativistas questionam não o preço da passagem, que ficou R\$ 0,10 mais barata, mas o fato de apenas uma empresa de ônibus ser responsável pelo transporte público.

Os manifestantes também apoiam a causa dos protestos e atos em São Paulo e no Rio de Janeiro, que pedem a redução das passagens de ônibus (**Leia mais**).

Pará

Uma manifestação por melhores condições de vida em Belém, capital do estado, reuniu mais de 13 mil pessoas, segundo a Polícia Militar. A multidão entoava a uma só voz os gritos de protesto: "Vem pra rua!"; "A rua é nossa"; "Sem vandalismo".

A passeata avançou pela avenida Almirante Barroso até o Entroncamento pacificamente e terminou no trevo que dá acesso aos balneários do distrito de **Belém** e também à rodovia BR-316, única via de entrada e saída da capital.

Entre as bandeiras erguidas estavam as de feministas, estudantes, movimento LGBT, grupos de skatistas e pessoas que pediam mais segurança para pedalar nas ruas da cidade. Na pauta, críticas à construção da Usina de Belo Monte, aos gastos em obras para a Copa do Mundo, repúdio à Proposta de Emenda Constitucional 37, gritos contra a homofobia e o Estatuto do Nascituro (**Leia mais**).

Pernambuco

Centenas de pessoas se reuniram na área central do Recife para protestar contra o aumento do preço da tarifa pelo país e a corrupção. Manifestantes ocuparam o cruzamento das avenidas Conde da Boa Vista e Agamenon Magalhães, próximo à Praça do Derby.

O trânsito na região apresentou retenções e ficou congestionado. O grupo também cobrou passe livre, meia passagem intermunicipal e melhorias no transporte público.

Formado em sua maioria por estudantes, o grupo de manifestantes afirmou que o movimento é apartidário (**Leia mais**).

Rio de Janeiro

O protesto no Rio contou com mais de 100 mil pessoas e teve um início pacífico na segunda-feira (17). Os manifestantes começaram seguindo pelo Centro da cidade. No fim, houve atos de vandalismo e confrontos.

Manifestantes picharam prédios públicos e empresas, quebraram vidros, depredaram agências bancárias e chegaram a agredir alguns policiais militares, que revidaram com bombas de gás lacrimogêneo e até tiros para o alto, inclusive de fuzil.

Na Assembleia Legislativa, um rastro de destruição marcava a passagem dos manifestantes. Com vidraças quebradas e extintores de incêndio espalhados no chão, o local estava irreconhecível. Cerca de 70 policiais militares se protegeram de um ataque dentro do prédio. O hall foi quebrado, com extintores de incêndio espalhados pelo chão, além de cocos e pedras que destruíram vidraças (**Leia mais**).

Em Campos dos Goytacazes, Cerca de 150 pessoas se concentram na praça do Santíssimo Salvador para uma manifestação em apoio às várias outras que acontecem no país pedindo a redução das tarifas de ônibus e o fim da corrupção, entre outras bandeiras..

Os manifestantes reclamavam pedindo melhorias em áreas como saúde, transporte e educação.

O protesto pacífico foi idealizado por estudantes da UFF (Universidade Federal Fluminense) e em pouco tempo ganhou a adesão de estudantes de outras universidades (**Leia mais**).

Em Três Rios, no sul do estado fluminense, cerca de 500 pessoas participaram de uma marcha pela cidade.

Apitos, cartazes e bandeiras foram usados para manifestar apoio aos protestos contra o aumento da tarifa em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

Além disso, manifestantes disseram lutar "por um Brasil melhor". O protesto foi pacífico e não teve incidentes (**Leia mais**)

Rio Grande do Sul

Cerca de 10 mil pessoas se reuniram no centro de Porto Alegre no início da noite de segunda-feira (17), segundo a Brigada Militar.

Manifestantes se deslocaram pela rua João Pessoa, seguiram a marcha até o bairro Cidade Baixa e pararam na Avenida Ipiranga, onde acabaram entrando em confronto com a polícia.

As pessoas que participam ressaltam que a ida às ruas é contra custo de vida, a realização da Copa do Mundo no Brasil e o aumento da passagem do transporte. Houve depredação, janelas de lojas destruídas e conflitos com os policiais (**Leia mais**).

Em Novo Hamburgo, um protesto contra o aumento das passagens e contra a corrupção bloqueou a BR-116, na entrada da cidade. O bloqueio ocorreu no km 238, nos dois sentidos da rodovia.

A estrada é a principal ligação da capital do estado, Porto Alegre, com as cidades da região.

Após concentração na Praça do Imigrante, na Zona Central, os manifestantes percorreram as principais avenidas do município e foram para a Câmara de Vereadores. De acordo com a Brigada Militar, entre 2 mil e 3 mil pessoas participam do protesto (**Leia mais**).

São Paulo

O quinto dia de protestos na cidade de São Paulo começou com a reunião de milhares de manifestantes no Largo da Batata, em Pinheiros, nesta segunda.

Cerca de 65 mil pessoas participaram da manifestação. Após o início, os ativistas se dividiram pela capital, seguindo para a Avenida Paulista, a Marginal Pinheiros e a Avenida Brigadeiro Faria Lima.

Pelo menos 3 mil pessoas chegaram ao Palácio dos Bandeirantes, na Zona Sul, de acordo com balanço da polícia. O protesto, que estava pacífico até então, teve um princípio de tumulto no local quando manifestantes tentaram invadir o Palácio.

A PM usou bombas de gás e dispersou a concentração no local por volta das 23h30 de segunda-feira. Mas, no início da manhã de terça-feira (19), um grupo de 30 pessoas ainda resistia em frente ao Palácio após passar a noite no local (**Leia mais**).



Manifestantes passaram no meio do trânsito em Araraquara, SP (Foto: Felipe Turioni/G1)

Em Araraquara, no interior paulista, ao menos 150 pessoas participaram de um protesto apoiando as manifestações contra o aumento das tarifas de transporte pelo país, nesta segunda-feira (17).

Participantes da passeata na cidade carregavam faixas pedindo liberdade expressão.

Os manifestantes percorreram ruas da região central, próximo aos prédios da Prefeitura e da Câmara Municipal. O trânsito continuou liberado e os participantes passaram em meio

aos carros e ônibus (**Leia mais**).

Em Bauru, cerca de 600 manifestantes se aglomeraram em frente à Câmara dos Vereadores e fecharam oito quarteirões nos dois sentidos da Avenida Rodrigues Alves, de acordo com levantamento da Polícia Militar. O protesto começou por volta das 18h de segunda-feira.

A manifestação, que começou na Praça Rui Barbosa, foi acompanhada por cerca de 30 policiais para garantir a segurança dos manifestantes que seguiram com o protesto de maneira pacífica. Segundo ativistas, a manifestação é contra o reajuste do transporte público e a renovação do contrato da prefeitura com as empresas que prestam o serviço (**Leia mais**).

Em Guarujá, os manifestantes se concentraram, por volta das 17h, na praia de Pitangueiras, e percorreram vias em protesto contra o reajuste da tarifa de ônibus e contra a corrupção. O destino do grupo era a Prefeitura da cidade, e até lá eles passaram pelas principais avenidas do município.

Por volta das 19h, os manifestantes paralisaram os dois lados da avenida Puglisi, perto do túnel. O último aumento de passagem na cidade foi em março, de R\$ 2,60 para R\$ 2,90. Os moradores também sofreram com o reajuste dos ônibus intermunicipais, que tem linhas nas cidades da Baixada Santista. Por causa do ato, o trânsito ficou complicado em algumas vias (**Leia mais**).

Em Itapetininga, cerca de 300 pessoas saíram às ruas na cidade, segundo os manifestantes. A PM não divulgou balanço oficial.

O grupo protestava contra um decreto do Executivo que reajustou a taxa de iluminação pública em até 50% para residências.

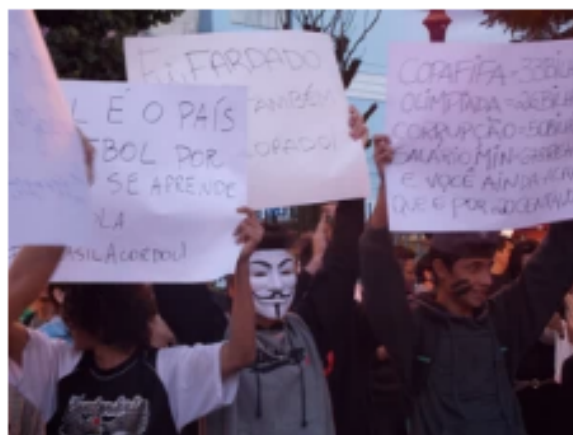
O protesto começou na sessão da Câmara de Vereadores, e a sessão do dia foi suspensa. Saindo do local, os manifestantes se dirigiram ao shopping da cidade (**Leia mais**).

Em Santos, cerca de mil pessoas ocuparam a avenida da praia no quarto dia de protestos contra o aumento nas tarifas de ônibus na Baixada Santista.

Os manifestantes pediam mais qualidade no transporte e passe livre para estudantes, desempregados e trabalhadores.

Os manifestantes saíram da Avenida Conselheiro Nébias, no bairro Boqueirão, com cartazes, faixas e apitos para chamar a atenção das autoridades e também da população, para que eles tenham o apoio dos moradores da cidade.

O protesto seguiu até o terminal de balsas, na Ponta da Praia (**Leia mais**).



Protesto reúne estudantes em Pindamonhangaba
(Foto: Suellen Fernandes/G1)

Pelo menos 200 manifestantes, a maioria adolescentes, reuniram-se em Pindamonhangaba, no interior de São Paulo, para apoiar os protestos contra a tarifa do transporte público.

Eles criticaram a a ação policial na capital, no confronto que terminou com feridos na última quinta-feira (20).

Os manifestantes percorreram ruas da região central, o que prejudicou o trânsito.

O protesto teve início por volta das 17h30 na Praça Monsenhor Marcondes e seguiu até o

Paço, onde contou com um carro de som (**Leia mais**).

Em Votuporanga, no interior paulista, um protesto reuniu cerca de 200 manifestantes na praça central da cidade. Com cartazes e pinturas no rosto, eles protestaram pela liberdade de expressão.

O grupo seguiu a pé pelas ruas do município até chegar à Câmara Municipal, onde os vereadores realizavam a Sessão Ordinária. A Polícia Militar acompanhou de perto todo o trajeto. A manifestação foi pacífica não houve tumulto (**Leia mais**).

tópicos: Alagoas, Belo Horizonte, Belém, Curitiba, Distrito Federal, Fortaleza, Foz do Iguaçu, Juiz de Fora, Londrina, Minas Gerais, Paraná, Pará, Ponta Grossa, Porto Alegre, Poços de Caldas, Rio de Janeiro, São Paulo, Vitória, Viçosa

4. Notícia utilizada para AD do período de 2013

22/06/2013 13h07 - Atualizado em 24/06/2013 13h45

Mulher de 35 anos é assassinada em Pilar do Sul, SP

Segundo a polícia, marido que está desaparecido é o principal suspeito. Filha de 13 anos encontrou o corpo da mulher.

Do G1 Itapetininga e Região



Uma mulher de 35 anos foi encontrada morta dentro de casa no Jardim Ipê, em **Pilar do Sul** (SP). Segundo a Polícia Militar, ela foi assassinada nesta sexta-feira (21). O corpo foi encontrado pela filha dela, uma adolescente de 13 anos.

Segundo a polícia, a mulher apresentava hematomas no pescoço, o que indica estrangulamento. O principal suspeito pela morte, segundo a PM, é o marido da mulher. Ele fugiu levando a filha do casal. A criança tem oito anos de idade. Até a tarde deste sábado (22) não havia informações sobre a localização do suspeito.

De acordo com a polícia, o casal teria discutido durante a madrugada. Quando a filha foi ao quarto da mãe, a encontrou já sem vida.

saiba mais

Mulher morre na rodovia Francisco da Silva Pontes, em Itapetininga, SP

5. Notícia utilizada para AD do período de 2013

25/06/2013 - 12h38 - Atualizado em 25/06/2013 - 12h48

Mulher é presa com diamantes em absorvente em Aeroporto de Confins

Casal de estrangeiros foi revistado quando embarcava para a Europa. Segundo polícia, outras pedras foram identificadas em radiografia.

Do G1 MG



Uma mulher israelense foi presa suspeita de contrabando ao serem encontrados 102 gramas de diamantes no absorvente dela, durante revista no Aeroporto Internacional Tancredo Neves, em Confins, Região Metropolitana de Belo Horizonte. De acordo com a Polícia Federal, o casal de estrangeiros esperava para entrar no avião com destino à Europa nesta segunda-feira (24), mas o nervosismo da mulher, fez com que os policiais desconfiassem da atitude da dupla. Após busca pessoal, as pedras em estado bruto foram apreendidas.



Sacola de diamantes encontrada em absorvente. (Foto: Divulgação/Polícia Federal)

O caso foi divulgado nesta terça-feira (25) pela Polícia Federal. Segundo a corporação, nas malas do casal, foram encontrados potes de lubrificante e muitos preservativos. Por isso, a mulher foi encaminhada ao Hospital Pronto-Socorro João XXIII, em Belo Horizonte, onde passou por radiografia.

Outras duas sacolas com pedras estavam no ânus dela e foram retirados, informou a PF. A quantidade não foi informada.

Ainda de acordo com a polícia, esta não é a primeira visita do casal ao Brasil. Os nomes da israelense e do homem, de nacionalidade belga, constam no Sistema de Tráfego Internacional (STI) da PF. Em abril de 2013, eles estiveram juntos no país.



Outras sacolas foram identificadas em radiografia. (Foto: Divulgação/Polícia Federal)

A nacionalidade dos suspeitos também incentivou a busca pessoal, afirmou a PF. O motivo é o fato da Bélgica e de Israel estarem entre os países receptores de diamantes na rota internacional de contrabando.

O homem e a mulher, de 70 e 64 anos, podem ficar presos entre dois a oito anos caso condenados por contrabando. A pena ainda pode ser aumentada pelo transporte aéreo das pedras. Eles também foram detidos pelo crime contra o patrimônio da União e ainda lavagem de dinheiro.

Os presos foram encaminhados à Superintendência Regional da Polícia Federal em Minas Gerais, localizada na capital mineira, onde vão ficar à disposição da Justiça.

tópicos: Belo Horizonte, Confins

6. Notícia utilizada para AD do período de 2013

28/06/2013 14h43 - Atualizado em 28/06/2013 14h44

Mulher agredida pelo namorado em Teresina está há 14 dias sem visão

A vendedora Adriana Maria teme perder definitivamente a visão. Segundo a vítima, após denúncia o suspeito não foi mais visto.

Patrícia Andrade
Do G1 PI



A vendedora Adriana Maria da Conceição Sousa, 32 anos, que foi agredida pelo namorado, está há 14 dias sem enxergar desde que a visão do olho direito foi comprometida. A mulher procurou um oftalmologista assim que fez a denúncia na Delegacia Especializada dos Direitos da Mulher em Teresina. Segundo a vítima, o médico pediu nesta sexta-feira (28) uma tomografia para verificar se houve rompimento de algum vaso ou quebra de um osso da face.



Vítima fez a denúncia na Delegacia da Mulher de Teresina após sofrer agressões (Foto: Patrícia Andrade/G1)

"Estou com muito medo de ficar mesmo cega. O médico disse que ainda tem chance da visão voltar, mas pediu esse exame porque ele acredita que um vaso tenha rompido", disse Adriana aos prantos e com o olho ainda muito inflamado.

Os socos atingiram toda a face de Adriana Maria, que ficou com os dois olhos bastante inchados. Duas semanas após as agressões, alguns hematomas ainda podem ser vistos e o olho direito é o mais prejudicado.



Duas semanas após a agressão o olho de Adriana ainda apresenta hematomas (Foto: Patrícia Andrade/G1)

Em entrevista ao G1, a vendedora revelou que em dois anos e seis meses de relacionamento já tinha sido agredida outras vezes. As agressões sempre aconteciam pelo mesmo motivo: ciúme. A última vez que o namorado bateu em Adriana foi dia 15, quando ela havia saído de uma festa.

"Quando ele me batia era sempre no rosto, nos olhos, mas desta vez ficou pior e resolvi fazer a denúncia quando vi que fiquei sem enxergar. Ele sempre me ameaçava dizendo que se eu procurasse a polícia ia me matar", revelou Adriana.

Ainda motivado pelo ciúme o suspeito pelas agressões teria quebrado o celular da namorada para que ela não ligasse para ninguém contando o que havia acontecido.

saiba mais

Morando sozinha no bairro Portal da Alegria IV, Zona Sul de Teresina, Adriana tem contado com a ajuda de alguns vizinhos, já que desde que fez a denúncia na delegacia o namorado não foi mais visto.

Mulher é agredida pelo namorado e corre risco de perder a visão no PI

"A mãe dele chegou a me procurar e pedir que eu retirasse a queixa na delegacia, mas eu disse que não faria isso e que queria justiça. Tenho medo de não voltar mais a enxergar e quero que ele pague por isso. Não quero que isso fique impune", desabafou a vendedora.

Mãe de três filhos que teve em um relacionamento anterior, Adriana trabalha com a mãe vendendo comida próximo ao Mercado Central, mas desde que sofreu as agressões não tem ido ao trabalho.

De acordo com a delegada Vilmá Alves, que acompanha o caso, as investigações estão sendo feitas e o agressor não ficará impune. "O homem precisa saber que não tem todo esse poder que ele pensa que tem. É um absurdo olhar para qualquer mulher com o olho nessa situação. Estamos trabalhando para colocar ele na cadeia", disse.

7. Notícia-símbolo da Primavera Feminista

Internet

"A gente enterrava esses casos como se fosse culpa nossa. Agora, graças à internet, a gente está se unindo", disse Juliana à BBC Brasil. "Eu contei pela primeira vez sobre o assédio que sofri aos 11 anos quando eu tinha 27. Muitas mulheres estão contando seus casos com a hashtag e dizendo que é a primeira vez que estão falando sobre o assunto. A força disso não tem mais volta."



Think Olga @ThinkOlga · 3h
Não vamos mais esconder nossas histórias. Quem tem que ter vergonha do #PrimeiroAssedio são os criminosos que nos violentaram.
View translation
RETWEETS 41 FAVORITES 56
12:41 PM - 22 Oct 2015 Details

Coletivo Think Olga lançou a campanha #PrimeiroAssedio no Twitter; hashtag figurou nos trending topics do Brasil (Foto: Reprodução/Twitter)

"Sempre existiu o debate sobre o assédio. Mas a internet juntou as vítimas. Antes, você não falava sobre isso e aí o assunto morria. É importante que a gente enxergue que somos vítimas e, muitas vezes, não vamos enxergar sozinhas", completou.

De cabeça, Juliana conta pelo menos três casos durante a infância e a adolescência em que sofreu assédio sexual. Aos 11, quando ouviu comentários sexuais na rua, aos 13, quando um homem a prensou em uma estação do metrô de São Paulo e disse que iria "comê-la", aos 14 quando foi perseguida em uma festa por não querer beijar um homem mais velho. E ela ressalta que está longe de ser a única a ter histórias como essa para contar.

"O que a gente vem discutindo com a #PrimeiroAssedio é que quando a gente fala de pedofilia, as pessoas entendem como uma coisa distante, pesada. Não! As sementes dessa barbárie também estão em ações que parecem pequenas e insignificantes, como um tuíte", disse, citando o caso de Valentina.



@ThinkOlga eu tinha 11 e no caminho da escola um cara de moto me seguiu numa rua vazia e mostrou o pinto pra mim.
View convers

23/10/2015 13h31 - Atualizado em 23/10/2015 13h36



Vítima na infância estimula milhares de denúncias de #PrimeiroAssédio após polêmica do MasterChef

Em resposta a comentários de teor sexual a participante de versão júnior do programa, Juliana De Faria lançou campanha no Twitter para mulheres compartilharem casos de assédio na infância.

Renata Mendonça
Da BBC Brasil em São Paulo



Criada por uma mulher que foi vítima de assédio na infância, a campanha #PrimeiroAssedio contabilizou, em um dia, mais de 50 mil tuítes de mulheres compartilhando experiências de assédio sexual que sofreram quando crianças ou adolescentes.

Juliana De Faria, fundadora do coletivo feminista Think Olga e criadora da campanha Chega de Fiu Fiu, foi quem lançou o hashtag no Twitter com o objetivo de estimular mulheres a contarem os casos de assédio que viveram na infância. Milhares de compartilhamentos surgiram daí, e as histórias foram além da hashtag.

Na própria página da BBC Brasil no Facebook, algumas leitoras compartilharam casos - uma delas relatou que o assédio veio do pai da amiga, que esfregou o pênis na garota quando ela tinha 8 anos por várias vezes enquanto as meninas brincavam na piscina.

Alguns leitores chegaram a mencionar que casos de homens - e até mulheres - abusando de meninos são comuns, embora em números menores.

A campanha surgiu após a polêmica com a candidata Valentina do programa MasterChef Júnior na TV Bandeirantes.

Valentina entrou no programa sonhando em se tornar a melhor cozinheira mirim do Brasil. E, logo na sua primeira aparição, ela se viu alvo de inúmeros comentários na internet. A maioria deles, porém, não era sobre suas habilidades culinárias - e tinha cunho sexual.

"Sobre essa Valentina: se tiver consenso, é pedofilia?", era o que dizia um dos tuítes a respeito da garota de 12 anos.

O caso gerou polêmica nas redes sociais na última quarta-feira e, enquanto a discussão pairava sobre o suposto "desenvolvimento precoce" da garota, uma mulher se inspirou na história de Valentina - e na sua própria - para criar uma campanha e estimular outras mulheres a contarem suas primeiras experiências de assédio sexual.

Juliana De Faria lançou a hashtag #PrimeiroAssedio no Twitter e, em pouco tempo, ela passou a figurar entre os termos mais comentados do Twitter brasileiro.



Erotização infantil

Com a hashtag #PrimeiroAssédio, mulheres contaram casos chocantes que viveram aos sete, seios ou mesmo cinco anos de idade.

Uma delas disse que, aos sete anos, enquanto brincava com as amigas, percebeu um homem atrás de um poste se masturbando. Outra conta que, aos nove, sofreu uma tentativa de estupro de um dos funcionários que trabalhavam para o pai.

Dados oficiais e recentes do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) mostram que, das 500 mil mulheres que são vítimas de estupro por ano no Brasil, 70% são crianças e adolescentes — sendo 51% menores de 13 anos.

Para Viviana Santiago, especialista de gênero da ONG de direitos infantis Plan International Brasil, o episódio com Valentina expõe o problema da "erotização" da criança, que acontece cada vez mais cedo.

Brazil Trends · Change

- #DadsArmy
- Promoted by UniversalPicturesUK
- O FANDOM ACORDOU
- Adele
- #CastanhariResponde
- Dior
- #VideoShowAoVivo
- Coutinho
- #LaurenAppreciationDay
- Madison Square Garden
- #primeiroassedio
- Lazio

#PrimeiroAssedio esteve entre os termos mais comentados do Twitter brasileiro durante toda a tarde (Foto: Reprodução/Twitter)

"A gente erotiza esse corpo infantil, vemos isso na forma como a sociedade projeta a menina como objeto sexual pra ser desejado e consumido", disse à BBC Brasil.

"Fui a uma loja de departamentos outro dia e vi que ali eles estavam vendendo sutiãs com bojo para meninas de seis a oito anos. Para que uma menina dessa idade vai usar um sutiã com bojo? Para parecer que tem seios, que é adulta. Isso faz parte dessa erotização e da desconstrução da infância, que fazem as pessoas esquecerem que uma criança é uma criança."

Juliana De Faria aponta que o principal problema disso é que o homem se sente "protegido" pela "cultura do estupro" que erotiza o corpo da menina desde cedo e, assim, se sente "à vontade" para cometer o assédio — por isso, os casos são muito mais comuns com crianças e adolescentes.

"A mensagem mais forte é que existe uma normalização da violência sexual contra mulher e da pedofilia", diz.

"Se a gente normaliza isso, é inevitável que os homens apareçam sem a menor vergonha ou preocupação para falar sobre seus desejos. Existe esse desequilíbrio de gênero tão grande, que eles se sentem protegidos e não têm vergonha."

"As meninas estão contando com a hashtag que o tio-avô ou o marido da tia passou a mão. Mas quem vai acreditar numa menina de 12 anos?"



Consequências

Apesar de terem surgido alguns comentários contrários e críticos à hashtag #PrimeiroAssédio – um deles, por exemplo, era de um homem dizendo que "criaria a hashtag #meuprimeirofora para os homens que foram rejeitados/oprimidos" –, Juliana se diz "emocionada de ver tantas mulheres falando sobre suas histórias".

"É uma situação que me faz ter a certeza de que não vamos mais voltar para escuridão."

Viviana Santiago também destaca a importância da internet para manter vivas essas discussões.

"As redes sociais conseguem nos juntar. Todas as inconformadas têm capacidade muito maior de reação agora. Todo mundo no país inteiro já sabe o que aconteceu. O poder de mobilização é incrível e fortalece o enfrentamento."

As duas, porém, defendem mudanças na educação – incluindo a cultura de gênero nas escolas – para reduzir casos de abusos e estupros com meninas e mulheres.

"Não começamos a ser violentadas na vida adulta. Por isso precisamos ensinar cultura de gênero desde cedo. A sociedade precisa repensar a maneira como educa meninos e meninas porque a, partir daí, construiremos esses 'novos homens'."

8. Notícia-símbolo da Primavera Feminista

25/11/2015 22h02 - Atualizado em 26/11/2015 09h19

Hashtag #meuamigosecreto denuncia machismo no cotidiano

Campanha nas redes sociais propagou indiretas e casos de abuso. 'Resposta' #minhaamigasecreta também ficou nos Trending Topics.

Do G1, em São Paulo



Mulheres usam #meuamigosecreto para falar de machismo nas redes sociais (Foto: Reprodução/Twitter)

saiba mais

VIDEO: Mulheres ganham a web e as ruas
Mulheres criam tecnologia para combater assédio sexual

Vítima na infância estimula milhares de denúncias de #PrimeiroAssédio após polémica do MasterChef

Na nova campanha feminista das redes sociais, o que as mulheres compartilham são casos de machismo sofridos no cotidiano, mas sem revelar quem foi o autor (veja mais exemplos no final da matéria).

Muitas das indiretas são claramente direcionadas a amigos, ex-namorados, chefes, parentes, etc. Mas também há relatos de casos mais graves de abuso e assédio, semelhantes aos compartilhados na campanha **#MeuPrimeiroAssédio**, que surgiu em outubro.

Mariana M M
 @manyminica

#meuamigo secreto não frequenta festa gay pois tem medo de ser tratado como ele trata as mulheres em festas hétero.

RETWEETS 118 CURTIIDAS 79

10:39 - 25 de nov de 2015

(Foto: Reprodução/Twitter)

Ca Freitas Piza
 5 h · São Paulo · Editado · 🌐

#meuamigo secreto se diz "a favor da mulher no mercado de trabalho", mas atropela a fala dela em reuniões, olha feio pra grávida no escritório e chama chefe exigente de "mal comida".

45 curtidas 3 comentários

(Foto: Reprodução/Facebook)

O movimento ganhou visibilidade neste 25 de novembro, dia mundial de combate à violência contra a mulher.

Direitos Humanos Brasil ✓

9 h · Editado · 🌐

#Meuamigo secreto é adorado por todos, carinhoso com a esposa na frente dos amigos. O que ninguém sabe é que ele diminui sua companhia com xingamentos. Ninguém sabe que ele bate nela. Ele diz pra ela que se eles se separarem ela vai ficar sozinha, que não "arruma" outro homem com três filhos nas "costas" e acabou. Ele assedia as colegas de trabalho, canta mulheres nas ruas e faz piadas constrangedoras sobre as mulheres. Faz chantagem emocional. Usa os filhos contra a mãe.

Mulher a culpa não é sua. A culpa nunca é sua.

Você não precisa dizer nas redes quem é o seu amigo secreto, mas pode ligar para o 180 e denunciar.

#DiadaNãoViolênciacontraaMulher #Ligue180 #16DiasdeAtivismo

Curtir Comentar Compartilhar

4.776 pessoas curtiram isso. Principais comentários •

1.097 compartilhamentos 56 comentários

(Foto: Reprodução/Facebook)

Mas há também quem tenha aproveitado o momento para compartilhar outras incômodas que não tem relação alguma com o tema, apenas expressando descontentamento com comportamentos diversos.

O Guarda
 @Leo_oguarda

#meuamigo secreto posta frases em inglês no facebook mas pessoalmente fala "imbigo"

RETWEETS 225 CURTIIDAS 246

09:35 - 25 de nov de 2015

(Foto: Reprodução/Twitter)

E a amiga?

Em resposta ao fenômeno, a hashtag #minhaamigasecreta também ficou entre os assuntos mais comentados do Twitter no fim da tarde de hoje.

Em alguns casos, ela foi usada para denunciar o comportamento machista também entre as mulheres.

Galvão
@galvaogabrieli

#minhaamigasecreta se diz feminista e apoiar o direito das mulheres,mas é a primeira a criticar uma mulher de roupa "indiscreta" na rua.

RETWEETS 8 CURTIDAS 5

18:44 - 25 de nov de 2015

(Foto: Reprodução Twitter)

+ the machine
@_m1lord

#minhaamigasecreta é feminista, mas acha engraçado e bem feito quando vaza nude de uma menina que ela não gosta

RETWEETS 71 CURTIDAS 59

16:16 - 25 de nov de 2015

(Foto: Reprodução Twitter)

Mas também serviu para mensagens contra o feminismo.

Vinycius Limeres
@vinycaulimeres

#minhaamigasecreta luta pelos direitos iguais, mas na hora de ir pra balada n paga a entrada muito menos a bebida

RETWEETS 45 CURTIDAS 52

16:13 - 25 de nov de 2015

(Foto: Reprodução Twitter)

Alex Eduardo
@alex_edt

#MinhaAmigaSecreta diz querer um salário igual ao dos homens, mas não estuda e nem ao menos procura um trabalho.

RETWEETS 45 CURTIDAS 54

(Foto: Reprodução Twitter)

Veja mais exemplos de usuários que aderiram ao #meuamigosecreto:

Livia Lima
@liliv

#meuamigosecreto diz que respeita as mina mas a namorada dele não pode sair pra festa sozinha senão ele termina

RETWEETS 242 CURTIDAS 209

10:04 - 25 de nov de 2015

(Foto: Reprodução Twitter)

Veja mais exemplos de usuários que aderiram ao #meuamigosecreto:

 **Livia Lima** @liviliv Seguir

#meuamigosecreto diz que respeita as mina mas a namorada dele não pode sair pra festa sozinha senão ele termina

RETWEETS 242 CURTIDAS 209

10:04 - 25 de nov de 2015

(Foto: Reprodução/Twitter)

 **Rhea** @RheaWillmer Seguir

#meuamigosecreto olha pra todas as garotinhas na rua e não deixa a filha usar shortinho por causa dos pedófilos.

RETWEETS 414 CURTIDAS 371

08:12 - 25 de nov de 2015

(Foto: Reprodução/Twitter)

Meuamigosecreto 6 h

#meuamigosecreto diz que é contra o aborto, que mulher que faz isso deveria morrer, que é puta e sem vergonha, mas se ouve falar que fulano teve um filho e abandonou, justifica "é mas ele era muito novo, não estava preparado, tadinho!"

66 pessoas curtiram isso.

 **Antonio Luiz MCCosta** @ALuizCosta - 2 h

#meuamigosecreto não entendeu a hashtag **#meuamigosecreto**

^_^
(, . 0 . ,)
(o | o)
UU

Eli Vieira @EIVVieira

Quem tem acusação séria pra fazer não perde tempo com hashtag. Vai logo pra policia.

(Foto: Reprodução/Twitter)

 **Nani Rodrigues** 3 hrs - São Paulo - Edited

#meuamigosecreto sabe que sou sócia de um rapaz na minha mini produtora de vídeo. Ele sabe também que dividimos o trabalho igualmente. Mesmo assim, ele só liga pro menino, só fecha trabalho com o menino, manda email sem cópia para mim, quando estou copiada responde só pro rapaz e nas reuniões só olha e ouve as opiniões dele.

(Foto: Reprodução/Facebook)

 **Juliane Peixoto** 10 hrs - Edited

#meuamigosecreto usa saia, pinta as unhas, passa maquiagem, lê Beatriz Preciado, mas tenta abusar das amigas no fim da festa.

#meuamigosecreto adora relacionamento livre contanto que seja com outra mulher, pois ele tem seus limites.

#meuamigosecreto já abusou de uma mulher e disse que a tristeza dela era algum trauma de infância - esse não é mais meu amigo.

(Foto: Reprodução/Facebook)

9. Notícia utilizada para AD do período de 2015

26/11/2015 17h12 - Atualizado em 26/11/2015 17h12

Mulher é vítima de feminicídio no Ceará uma semana após separação

Inês foi morta com golpes de faca na casa onde morava após separação. Ex-companheiro é o suspeito do crime e é procurado por policiais.

Do G1 CE



Mulher foi encontrada morta na casa onde passou a morar sepração (Foto: Polícia Civil/Divulgação)

Uma mulher foi assassinada a golpes de facas em Lavras da Mangabeira, no interior do Ceará, na manhã desta quinta-feira (26); o ex-marido de Maria Inês é o principal suspeito do homicídio e está foragido. Segundo a Polícia Civil, familiares relataram que o casal havia se separado há uma semana.

"Tudo indica que foi um crime passional. As polícias civil e militar estão em diligência na procura pelo ex-companheiro, Antônio Camilo Alves, que está desaparecido", relata o inspetor da Polícia Civil Emmanuel Melo.

Segundo o inspetor, em 2014, a Maria Inês havia registrado um boletim de ocorrência contra o então companheiro por difamação. "Ele vivia dizendo que iria revelar as intimidades do casal, e a vítima se sentia ameaçada por isso", diz o policial.

saiba mais

Mãe e filha são mortas a tiros em casa de veraneio em Paracuru, no Ceará

sangue.

A polícia afirma que vizinhos relataram que Maria Inês já havia sido agredida anteriormente e não tinha coragem de fazer denúncias. Nesta quinta, o corpo dela foi encontrado pelo filho na casa onde passou a morar após a separação, com o chão da residência com bastante



Polícia divulga foto do suspeito de feminicídio no CE (Foto: Polícia Civil/Divulgação)

O corpo de vítima foi levado ao IML de Juazeiro do Norte para ser periciado. Segundo laudo preliminar, ela sofreu vários golpes de uma faca "de grande porte".

Feminicídio

No Ceará, de janeiro a setembro de 2015, 183 mulheres foram vítimas de feminicídio, segundo a Polícia Civil. A lei que configura o crime foi sancionada em março deste ano e aumenta a pena para quem matar mulheres por razões de gênero.

Atualmente, as circunstâncias previstas como agravante são meio cruel, motivo fútil, motivo torpe, impossibilidade de defesa da vítima e quando é praticado para acobertar outro crime. A pena de prisão para homicídio simples varia de 6 a 20 anos. No caso do homicídio qualificado, onde se incluirá o feminicídio, a pena vai de 12 a 30 anos.

10. Notícia utilizada para AD do período de 2015

O corpo da gerente foi exumado no dia 7 de agosto deste ano. Daniela passou por pelo menos três procedimentos cirúrgicos em uma clínica do litoral, no dia 23 de junho. Entre eles, lipoaspiração, peeling para remover estrías dos glúteos e aumento dos seios com próteses de silicone. Após reclamar de dores, ela voltou a ser internada em um hospital de Santos, com quadro de infecção generalizada, e morreu no dia 2 de julho.



Írmão da vítima pediu exumação do corpo (Foto: Roberto Strauss/G1)

Segundo o irmão da vítima, Cláudio Sá Avighi, que tem acompanhado as investigações sobre a morte da irmã, o resultado parcial não

afasta a culpa do médico. "Ela foi infectada por uma bactéria que certamente contraiu durante a cirurgia estética, comprovando a culpa do médico e do hospital. Pelo que pesquisei, é uma infecção típica de ambiente hospitalar", enfatiza.

Já o advogado Arnaldo Tebecherane Haddad Filho, que responde pelo médico cirurgião, rebate a acusação e afirma que a infecção não possui nenhuma relação com o trabalho do profissional. "O laudo é bem claro e afasta a ligação do procedimento cirúrgico e dos locais onde a cirurgia foi feita, com a morte dela. Os indícios apontam que possa ser uma superbactéria resistente até aos antibióticos que ela tomou após a cirurgia", disse.

Omissão

Para o irmão de Daniela, mesmo que a bactéria tenha sido contraída em um "evento normal", ele questiona a falta de socorro à irmã durante o pós-operatório. "Imagina se tivesse sido contraído em um evento normal, mas e depois da cirurgia? Ele foi omissivo, porque ela pediu socorro. Se tivesse feito corretamente, talvez ela ainda estivesse aqui", acrescenta.

Haddad Filho não concorda com a afirmação de Cláudio e destaca que as conversas

trocadas entre a paciente, o médico e enfermeira da clínica dão conta justamente de uma melhora de Daniela antes da morte. "Eram conversas normais, porque se ela estivesse passando mal teria procurado um pronto socorro. Essa situação foi fantasiada. Reafirmo que essa infecção não tem a ver com a atuação do médico e ele inclusive a visitou em Santos", acrescenta o advogado.

Delegado pede cautela

Embora com o resultado em mãos, o delegado Juvenal Marques, do 1º DP de Praia Grande, afirma que não deve se basear apenas no laudo recente. "O inquérito ainda não voltou do fórum, mas ainda vou pedir um parecer diferente do Inesc. [Instituto de Medicina Social e de Criminologia de São Paulo]. Não dá para se basear apenas nesse laudo, até porque não fui nem eu quem pedi", disse o delegado.

27/11/2015 10h52 - Atualizado em 27/11/2015 15h28

Laudo de mulher que morreu após cirurgia estética aponta infecção

Laudo da perícia indicou 'broncopneumonia' em Daniela Desa, de 36 anos. Moradora de Praia Grande passou por cirurgia estética em junho.

Orion Pires
Do G4 Santos



Daniela morreu nove dias após cirurgia em Praia Grande (Foto: Reprodução/Facebook)

O laudo de exame necroscópico sobre a morte da gerente administrativa Daniela Desa Avighi, de 36 anos, **que faleceu em junho deste ano, dias após passar por procedimentos estéticos** em Praia Grande, no litoral de São Paulo, aponta que ela morreu por "choque séptico por broncopneumonia", causado pela bactéria *Klebsiella pneumoniae*.

A conclusão, no entanto, só deve ficar pronta dentro de três ou quatro meses. "Ainda temos que acrescentar a oitiva do médico, ele será ouvido em breve, então isso leva mais algum tempo", finaliza.



Daniela morreu nove dias após cirurgia em Praia Grande, SP (Foto: Arquivo Pessoal)

11. Notícia utilizada para AD do período de 2015

28/11/2015 09h30 - Atualizado em 28/11/2015 09h36

Marido é suspeito de assassinar a mulher em Neves; ele se matou

Crime aconteceu na madrugada deste sábado (28) no bairro Vereda. A PM disse que as filhas de 8 e 15 anos presenciaram o assassinato.

Do G1 MG



Uma mulher de 35 anos foi assassinada a golpes de canivete e faca na madrugada deste sábado (28) no bairro Vereda, em Ribeirão das Neves, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, informou a Polícia Militar (PM). Depois, ele se matou. De acordo com a PM, as filhas do casal, de 8 e 15 anos presenciaram o crime, que ocorreu na Rua Firmino Pinto, dentro da residência.

A adolescente de 15 anos contou à polícia que o pai e a mãe foram para o quarto dormir à meia-noite. Logo após, ela escutou gritos de socorro, pedidos pela mãe. A jovem tentou entrar no quarto, percebeu que a porta estava trancada e a arrombou. Ao ver o pai com um canivete agredindo a mãe, a menina o empurrou.

O homem foi à cozinha, pegou uma faca retornou ao quarto e cortou a garganta da mulher. Depois cortou o próprio pescoço. Neste momento, as duas meninas saíram correndo para a rua, pediram socorro e ligaram para a PM.

O Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) foi chamado e confirmou a morte da mulher. O homem chegou a ser socorrido para o Hospital de Pronto-Socorro João XXIII, em Belo Horizonte, onde morreu.

As duas meninas ficaram sob a guarda de uma tia paterna. Testemunhas contaram à PM que o crime pode ter ocorrido porque a mulher estaria tendo um relacionamento extraconjugal. Ainda segundo os depoimentos, há algum tempo o homem fazia planos de matá-la.

A perícia da Polícia Civil foi chamada e as mortes devem ser investigadas. A ocorrência foi registrada na Delegacia de Plantão de Ribeirão das Neves.

12. Notícia-símbolo da campanha #EleNão

Manifestantes fazem atos contra Bolsonaro em 40 cidades de manhã; 14 cidades tiveram atos a favor

Manifestações foram convocadas pelas redes sociais. Até as 13h, atos contrários ao candidato do PSL haviam sido registrados em 10 estados, e os protestos a favor haviam acontecido em 6 estados.

Por G1*

29/09/2018 13h30 · Atualizado há 8 meses



Manifestantes, em sua maioria mulheres, realizaram atos contrários a Jair Bolsonaro (PSL) pelo Brasil neste sábado (29). Batizado de #EleNão, o movimento foi convocado pelas redes sociais durante o mês de setembro por eleitoras críticas ao candidato. Apoiadores de Bolsonaro também realizaram atos em diversas cidades.



Até as 13h, 40 cidades em 10 estados tinham registrado manifestações contrárias a Bolsonaro: Goiás, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Já os atos a favor do candidato tinham acontecido em 14 cidades de 6 estados: Goiás, Minas Gerais, Piauí, Rio Grande do Sul, São Paulo e Tocantins.

Veja abaixo como foram os atos pelos estados:

GOIÁS

• GOIÂNIA

Contra Bolsonaro: O ato começou às 11h e passou por ruas entre a Praça Cívica e a Praça Universitária, no Centro e no Setor Leste Universitário. Segundo a organização, a participação foi de 2 mil pessoas. A Polícia Militar estima que o público foi de 700 pessoas.



GÓ - Goiânia: Manifestantes protestam contra Bolsonaro neste sábado (29) — Foto: Reprodução/TV Anhanguera

- **RIO VERDE**

A favor de Bolsonaro: Por volta das 11h, cerca de 3 mil veículos, entre carros e motos se concentravam na cidade. A estimativa da organização é que 4,7 mil veículos tenham participado do ato, que percorreu as ruas da cidade durante uma hora.



GÓ - Rio Verde: Carreata a favor de Bolsonaro aconteceu entre as 11h e 12h deste sábado (29) — Foto: Reprodução/TV Anhanguera

MINAS GERAIS

- **ALFENAS**

Contra Bolsonaro: O ato começou às 11h na Praça Central, mas, até as 12h, nem a Polícia Militar nem os organizadores haviam divulgado estimativa de participantes.

- **CATAGUASES**

Contra Bolsonaro: Manifestantes saíram da Praça Chácara Dona Catarina, às 9h. Os organizadores estimam que mil pessoas participaram do protesto. A Polícia Militar não divulgou estimativa.

- **GOVERNADOR VALADARES**

Contra Bolsonaro: Por volta das 9h30, o protesto se concentrou na Praça dos Pioneiros, no Centro da cidade. A PM estima que cerca de 300 pessoas participam da manifestação, e os organizadores do evento não divulgaram a estimativa de participantes até as 12h. O ato foi finalizado antes das 12h30.



MG - Governador Valadares: Protesto contra Bolsonaro neste sábado — Foto: Caio Mourão/G1

- **IPATINGA**

Contra Bolsonaro: O ato teve início por volta das 9h30, mas até as 11h não havia estimativa de participantes.

- **ITAÚNA**

Contra Bolsonaro: De acordo com a organização do ato, mais de 50 pessoas participam do protesto, que incluiu um buzinaço às 10h passando pelas principais ruas da cidade. Os organizadores dizem que não houve interrupção do trânsito nem fechamento de ruas, e a Polícia Militar disse que não registrou nenhuma ocorrência e que não tem estimativas de participantes.

- **JUIZ DE FORA**

Contra Bolsonaro: O ato começou às 11h e os manifestantes seguiram por diversas ruas do Centro da cidade. Segundo os manifestantes, 30 mil pessoas participam do ato. A Polícia Militar não havia divulgado estimativa de público até as 15h30 deste sábado.



MG - Montes Claros: Manifestantes fazem ato contra Bolsonaro neste sábado (29) — Foto: Ana Carolina Ferreira/G1

- **MONTES CLAROS**

Contra Bolsonaro: Os manifestantes se concentraram na Praça Doutor João Alves, no Centro, a partir das 8h. O ato se encerrou pouco depois das 12h e nem os organizadores nem a Polícia Militar haviam contabilizado o número de participantes.

A favor de Bolsonaro: Uma manifestação a favor do candidato começou por volta das 9h30 e se concentrou na Praça Doutor Carlos Versiani, também no Centro. O ato terminou entre 12h e 12h30. Até as 13h30, PM e organizadores ainda não haviam divulgado o número de manifestantes.



MG - Montes Claros: Manifestantes fazem ato a favor de Bolsonaro neste sábado (29) — Foto: Ana Carolina Ferreira/G1

- **VARGINHA**

Contra Bolsonaro: O ato começou às 11h e terminou às 14h. Os cerca de 300 participantes, segundo os organizadores, se reuniram na Praça da Fonte, na Concha Acústica. A PM não divulgou uma estimativa de público.

- **VIÇOSA**

Contra Bolsonaro: Os manifestantes se concentraram na Prefeitura por volta das 9h e o ato percorreu as ruas do Centro até terminar, por volta das 12h, no Calçadão. Os organizadores estimam que 2 mil pessoas tenham participado. Até as 13h, a PM não havia divulgado estimativa de participantes.



MG - Viçosa: Manifestantes protestam contra Bolsonaro neste sábado (29) — Foto: Juliana Boechat/Arquivo Pessoal

PARÁ

- **CASTANHAL**

Contra Bolsonaro: De acordo com estimativas da PM, 300 pessoas participaram do protesto que teve início por volta das 8h30 e começou a dispersar antes das 11h. O **G1** não conseguiu contato com a organização do protesto para saber sua estimativa de público.

PARAÍBA

- **CAMPINA GRANDE**

Contra Bolsonaro: O protesto #EleNão em Campina Grande teve início por volta das 10h30 da Praça da Bandeira e percorreu diversas ruas do Centro da cidade até as 13h30. A estimativa de público, de acordo com as organizadoras, é de 3 mil pessoas. A Polícia Militar não divulgou estimativa.



PB - Campina Grande: Ato contra Bolsonaro reúne manifestantes neste sábado (29) — Foto: Pedro Netho/G1

- **PATOS**

Contra Bolsonaro: Por volta das 10h, manifestantes se reuniram em passeata pela cidade. A organização do ato não divulgou a estimativa do número de participantes.



PB - Patos: Manifestantes seguram faixa em protesto contra Bolsonaro neste sábado (29) — Foto: G1

PARANÁ

- **CASCADEL**

Contra Bolsonaro: Em Cascavel, no Oeste do Paraná, o protesto começou por volta das 9h, na Avenida Brasil, no Centro da cidade. Os manifestantes estão com faixas, cartazes e um carro de som. Segundo a PM, são cerca de 250 pessoas no local. Os organizadores estimam 400 participantes.

- **FOZ DO IGUAÇU**

Contra Bolsonaro: Em Foz do Iguaçu, no oeste do Paraná, cerca de 300 pessoas, sendo a maioria mulheres, foram às ruas para protestar contra Bolsonaro na manhã deste sábado. O protesto saiu por volta das 10h do Bosque Guarani e percorreu a Avenida Brasil, no Centro. A manifestação foi convocada pelas redes sociais. A Polícia Militar fez a escolta dos manifestantes, mas não divulgou um balanço oficial.

- **LONDRINA**

Contra Bolsonaro: Em Londrina, no Norte do estado, a manifestação começou por volta das 10h no calçadão, no Centro. O grupo levou faixas, cartazes e manifestantes fizeram pinturas no rosto. Até as 12h não havia dados da organização ou da PM sobre o número de participantes.



PERNAMBUCO

- **ARARIPINA**

Contra Bolsonaro: A concentração começou por volta das 9h30, na Avenida Antonio de Barros Muniz, no centro da cidade. De acordo com a organização, o ato contou com a presença de 120 pessoas e foi encerrado às 11h45 na Feira Livre da cidade. Até as 12h a Polícia Militar não havia confirmado o número de participantes.

- **GARANHUNS**

Contra Bolsonaro: O ato teve início por volta das 10h30 na Praça da Fonte Luminosa, e terminou às 14h. A Polícia Militar informou que cerca de 250 pessoas participaram da manifestação.

- **PETROLINA**

Contra Bolsonaro: A concentração do ato em Petrolina começou por volta das 9h, na Praça do Bambuzinho, no Centro. A organização estimou que o protesto começou com mais de 500 pessoas participantes e que, às 12h, cerca de 1.500 manifestantes estavam na Orla da cidade quando o ato se encerrou. Segundo a Polícia Militar, o público foi de cerca de 1.200 pessoas.

- **SURUBIM**

Contra Bolsonaro: O protesto aconteceu entre as 9h e as 11h. A Polícia Militar informou ao **G1** que o ato reuniu poucas pessoas, mas não divulgou uma estimativa de público.



PE - Petrolina: Ato de mulheres contra Bolsonaro neste sábado (29) — Foto: G1

PIAUÍ

- **TERESINA**

A favor de Bolsonaro: Um ato de planfletagem em apoio ao candidato à Presidência reuniu cerca de 30 pessoas, segundo estimativa dos organizadores, na Praça Rio Branco, Centro de Teresina. A Polícia Militar não acompanhou a movimentação, que se restringiu à entrega de panfletos no entorno da praça. O ato teve início às 9h.

RIO GRANDE DO NORTE

- **CAICÓ**

Contra Bolsonaro: A concentração do movimento começou às 7h30 na praça de alimentação no Centro da cidade. Às 8h30, cerca de 200 pessoas, segundo estimativa da Polícia Militar, seguiram em caminhada pela avenida Coronel Martiniano, incluindo mulheres e homens.

- **MOSSORÓ**

Contra Bolsonaro: O ato começou às 9h na Praça Rodolfo Fernandes, no Centro. Segundo a PM, às 10h cerca de 300 pessoas, na grande maioria mulheres, seguiram em caminhada pelas ruas da região central.

RIO GRANDE DO SUL

- **BAGÉ**

Contra Bolsonaro: Manifestantes se concentraram a partir das 10h, na Praça de Esportes. Cerca de 200 pessoas participam do ato, segundo estimativa da Brigada Militar. Até as 12h não havia estimativa de público da organização.

- **CANGUÇU**

Contra Bolsonaro: Segundo a Brigada Militar, cerca de 100 pessoas se reuniram por volta das 10h para protestar contra o candidato do PSL. Às 14h, a manifestação já havia sido encerrada.

- **OSÓRIO**

Contra Bolsonaro: A manifestação começou na Praça da Matriz às 10h, com cerca de 200 manifestantes, segundo a Brigada Militar.

A favor de Bolsonaro: Segundo o comandante da Brigada Militar, Paulo Ricardo, uma carreata pró-Bolsonaro começou na manhã deste sábado com cerca de 50 veículos. Um dos organizadores do evento afirmou que participaram cerca de 300 veículos e uma média de 900 pessoas.

SANTA CATARINA

- **CRICIÚMA**

Contra Bolsonaro: O ato começou por volta das 9h na Praça Nereu Ramos e reuniu moradores de Criciúma, Araranguá, Içara e Cocal do Sul. Segundo os organizadores, cerca de 450 participantes estão no local. A Polícia Militar estima que o público seja de 250 pessoas. O protesto terminou por volta das 12h.

- **FLORIANÓPOLIS**

Contra Bolsonaro: De manhã, um grupo de manifestantes se reuniu no Centro da capital catarinense para protestar contra o candidato. Até as 14h, organizadores e a PM não haviam divulgado uma estimativa de público.



SC - Florianópolis: Manifestantes protestam contra Bolsonaro neste sábado (29) — Foto: Kiria Meurer/NSC TV

SÃO PAULO

- **AMPARO**

A favor de Bolsonaro: Por volta das 12h, cerca de 50 veículos se concentravam em frente à Prefeitura da cidade para uma carreata, segundo a Guarda Municipal. A Guarda e os organizadores não divulgaram estimativa de participantes.

- **ARARAS**

Contra Bolsonaro: Por volta de 60 pessoas, segundo a Guarda Civil Municipal, se reuniam às 9h na concentração do ato, na Praça Barão de Araras. Ato terminou às 11h30.

- **BOITUVA**

A favor de Bolsonaro: Cerca de 1,5 mil pessoas se reuniram, segundo os organizadores, em uma carreata a favor de Bolsonaro na Avenida Mário Pedro Vercellino, no Jardim América. O ato teve início por volta das 10h30 e terminou pouco antes das 13h na Praça Pedro Pinesi. A Guarda Civil Municipal e a Polícia Militar não divulgaram estimativa de participantes.

- **BOTUCATU**

Contra Bolsonaro: Concentração de manifestantes começou às 11h na Praça do Bosque e seguiram em passeata pela rua Amando de Barros, terminando na Praça da Catedral às 13h. Segundo os manifestantes, 2,5 mil pessoas participaram. A Polícia Militar não deu uma estimativa oficial.

- **CAMPINAS**

Contra Bolsonaro: O protesto começou às 10h e os organizadores estimaram que o público presente chegou a cerca de 12 mil no Largo do Rosário. A Emdec, empresa responsável por fiscalizar o trânsito, estimou que 800 pessoas participaram do início do protesto. A Guarda Municipal e a PM não divulgaram estimativas de público. Segundo a Guarda, o ato terminou às 13h40.



SP - Campinas: Protesto contra Bolsonaro neste sábado (29) — Foto: Roberia Campos/EPTV

- **ITAPIRA**

A favor de Bolsonaro: Segundo a Polícia Militar, uma carreta pró-Bolsonaro começou às 9h no Parque Santa Bárbara e terminou por volta das 12h na Praça Juca Mulato. A PM diz que o ato reuniu aproximadamente 200 carros.

- **MARÍLIA**

Contra Bolsonaro: O ato começou por volta das 11h30 em frente à Câmara Municipal e os manifestantes saíram em passeata pela Avenida Sampaio Vidal. O trânsito ficou interditado em uma das faixas e o ato terminou às 13h30 no Centro Cultural. Os organizadores estimam que 500 pessoas tenham participado do trajeto, e a Guarda Municipal, que acompanhou o protesto, não divulgou estimativa de público até as 13h30.

- **LIMEIRA**

Contra Bolsonaro: O ato começou por volta das 10h e a organização estima que entre 300 e 400 pessoas participam da manifestação. Protesto terminou às 13h30. A Guarda Municipal, que acompanha o protesto, não havia divulgado estimativa de público até as 16h.

- **OURINHOS**

A favor de Bolsonaro: A concentração começou por volta das 12h no Aeroporto de Ourinhos, mas organizadores e PM ainda não haviam divulgado uma estimativa de público.



SP - Ourinhos: Carreta a favor de Bolsonaro se concentra no aeroporto da cidade neste sábado (29) — Foto: Robson Sanchez/G1

- **PRESIDENTE PRUDENTE**

Contra Bolsonaro: Os manifestantes se concentraram na Praça Nove de Julho a partir das 10h. Depois, fizeram uma caminhada até a Avenida Brasil. O ato, segundo a organização, contou com o envolvimento de mil pessoas e terminou às 14h. A Polícia Militar não divulgou estimativa de público.

A favor de Bolsonaro: Os manifestantes se concentraram em um posto de combustíveis desativado, na Vila Industrial, a partir das 9h30. Depois, fizeram uma carreata que percorreu o Parque do Povo e as avenidas Manoel Goulart, Washington Luiz e Brasil. O ato terminou por volta das 12h e, segundo a organização, cerca de 2.500 carros participaram, mas a Polícia Militar não estimou o público participante.

- **PINDAMONHANGABA**

Contra Bolsonaro: O ato reuniu cerca de 200 pessoas, segundo os organizadores. A concentração começou por volta das 10h30 na Praça Monsenhor Silva Barros, no Centro, e os manifestantes percorreram ruas da região central. A PM não divulgou uma estimativa de público.

- **PIRACICABA**

Contra Bolsonaro: Segundo a Guarda Municipal, a concentração foi na praça em frente ao Terminal Central de Integração (TCI), às 9h, e o grupo saiu em passeata a partir das 11h até a Praça José Bonifácio. O protesto terminou 12h30. A organização estima que 2 mil pessoas participaram. A Guarda e a PM não divulgaram estimativas de público.

- **RIBEIRÃO PRETO**

Contra Bolsonaro: O ato teve início por volta das 11h30 em frente a Esplanada do Theatro Pedro II, no Centro. Até as 14h, a PM não havia divulgado estimativa de público.



SP - Ribeirão Preto: Manifestantes se reúnem em frente ao Teatro Municipal em ato contra Bolsonaro neste sábado (29) — Foto: Thaisa Figueiredo/G1

- **RIO CLARO**

Contra Bolsonaro: Por volta das 10h, o protesto, que se concentrou no Jardim Público, reunia cerca de 200 pessoas. A Polícia Militar não havia informado o número de participantes até as 11h.

- **SANTA BÁRBARA D'OESTE**

A favor de Bolsonaro: De acordo com informações da Guarda Municipal, manifestantes pró-Bolsonaro realizaram um "adesivaço" na Avenida Santa Bárbara, perto do Tivoli Shopping, mas não estimou um número de participantes.

- **SÃO CARLOS**

Contra Bolsonaro: O ato teve início por volta das 9h30 na Praça São Benedito. Segundo a organização, 1.500 pessoas participaram do protesto, que percorreu a Avenida São Carlos. A PM não divulgou uma estimativa de público.



SP - São Carlos: Protesto de eleitoras contra Bolsonaro neste sábado (29) — Foto: G1

- **SÃO JOSÉ DOS CAMPOS**

Contra Bolsonaro: O protesto, marcado para as 9h, se concentrou em uma praça no Centro da cidade e reuniu por volta de 2 mil pessoas, segundo os organizadores, e mil pessoas, de acordo com a estimativa da PM.



SP - São José dos Campos: Mulheres fazem protesto contra Bolsonaro neste sábado (29) — Foto: G1

- **SÃO JOSÉ DO RIO PRETO**

A favor de Bolsonaro: A concentração para uma carreata pró Bolsonaro começou às 12h deste sábado, no Centro Regional de Eventos. A Guarda Municipal afirma que cerca de 300 carros ficaram concentrados no local e estão a caminho da região Norte da cidade. O trajeto e o número de pessoas que participam da carreata não foi informado pela Guarda nem pela organização do evento.

- **SÃO PAULO**

A favor de Bolsonaro: Por volta das 10h, manifestantes se reuniram em frente ao Estádio do Pacaembu, na Zona Oeste de São Paulo, e saíram em carreata pela Zona Norte e até o Parque do Ibirapuera, na Zona Sul. Não havia estimativa de participantes até as 13h.

- **SÃO ROQUE**

Contra Bolsonaro: Cerca de 60 pessoas, segundo a reportagem da TV TEM, participam do ato em frente à Igreja Matriz, no Centro da cidade. A Guarda Civil Municipal (GCM) afirma que o protesto reúne 50 manifestantes, e os organizadores estimam que o público tenha chegado a 100 pessoas. A concentração começou por volta das 11h deste sábado e terminou pouco antes das 13h.

- **TUPÃ**

A favor de Bolsonaro: Uma carreata começou na rua Estados Unidos às 10h30 e terminou no Parque do Atleta, às 13h. Segundo a organização, a manifestação reuniu 2 mil carros, mas a Polícia Militar não soube estimar o número de veículos.

TOCANTINS

- **GURUPI**

A favor de Bolsonaro: O ato começou por volta das 9h30. Segundo a Polícia Militar, a estimativa é que aproximadamente dois mil veículos, incluindo carros, motos, caminhões e bicicletas, tenham participado da manifestação, que percorreu as principais avenidas da cidade, da Alameda Madri à praça do Setor Pedroso. Às 11h, a organização não havia divulgado uma estimativa de participantes. O ato terminou às 11h30.

**Com informações do G1 Campinas, G1 Caruaru, G1 GO, G1 MG, G1 Grande Minas, G1 Sul de Minas, G1 PA, G1 PB, G1 Petrolina, G1 PI, G1 Rio Preto e Araçatuba, G1 São Carlos, G1 SC, G1 SP, G1 RS, G1 TO e G1 Vale do Paraíba*

13. Notícia utilizada para AD do período de 2018

FMI nomeia primeira mulher economista-chefe, a indiana Gita Gopinath

O cargo é um dos mais importantes no organograma do FMI.

Por Agência EFE
01/10/2018 17h47 - Atualizado há 8 meses



A indiana Gita Gopinath será a nova economista-chefe do Fundo Monetário Internacional (FMI) a partir de 2019, anunciou nesta segunda-feira (1) a diretora-gerente da organização, Christine Lagarde.

Gita substituirá Maurice Obstfeld, que ocupava o cargo desde 2015, e será a primeira mulher a dirigir o prestigiado Departamento de Pesquisa do Fundo.

"Gita é uma das economistas de maior destaque do mundo, com credenciais acadêmicas impecáveis, um histórico comprovado de liderança intelectual, e vasta experiência internacional", afirmou Lagarde em comunicado.

"Estou feliz em nomear uma pessoa com tanto talento como nossa economista-chefe", ressaltou a diretora-gerente.



O cargo é um dos mais importantes no organograma do FMI, já que tem a função de coordenar os relatórios de previsões globais publicados semestralmente, considerados referência para mercados e governos.

A próxima edição das "Perspectivas Econômicas Globais" será divulgada na próxima semana na assembleia anual do FMI, que acontecerá na Indonésia.

Gita, de 46 anos e doutora em economia pela Universidade de Princeton, é atualmente professora de Estudos Internacionais e Economia da Universidade de Harvard.

14. Notícia utilizada para AD do período de 2018

Exposição no Sul de SC aborda violência contra a mulher

Mostra abre espaço para visitantes darem sugestões de como acabar com esse tipo de crime. Psicóloga da Polícia Civil incentiva que vítimas denunciem.

Por G1 SC

02/10/2018 23h15 - Atualizado há 8 meses



Uma exposição em **Forquilha**, no Sul do estado, aborda a violência contra a mulher. A mostra traz instalações artísticas, espaço para visitantes darem sugestões de como acabar com esse tipo de crime e livros escritos por vítimas. A Polícia Civil incentiva que as mulheres denunciem.



Via 190, a Polícia Militar recebe relatos como "meu marido estava me espancado" e "meu marido entrou embriagado agora e quase me matou dentro da minha casa".

E quem sofre violência não esquece. A vendedora Eronilda Pires passou 13 anos ao lado de uma pessoa que a agredia psicologicamente. Ciúme exagerado e traição por parte do marido foram só algumas das coisas que ela teve que enfrentar no casamento.

"Eu não podia ir no mercado sozinha, não podia sair no parquinho, levar os filhos. Ele não me deixava trabalhar, não me deixava fazer nada", relatou.

Exposição

Na exposição, uma cama com arame farpado mostra frases que dão início à violência psicológica. A parede de uma casa, que do lado de fora parece um ambiente harmonioso, esconde, no interior, vários tipos de violência.

Uma jaula simboliza o aprisionamento da mulher, que, sem ajuda, não consegue reagir. As vítimas que escreveram os livros participam de um grupo para ajudar outras mulheres.

"O principal objetivo é trabalhar o empoderamento das mulheres. A gente quer também trazer à sociedade uma reflexão sobre o papel de cada um dentro do ciclo da violência", afirmou a realizadora do projeto, Andreza de Oliveira.

A psicóloga da Polícia Civil Samira Macarini disse que as mulheres precisam ficar atentas porque a violência começa aos poucos e normalmente de forma sutil.

"Através de um desrespeito, de uma tentativa de comandar a vida dessa mulher, que roupas ela vai poder utilizar. Essas já são formas de violência que a gente considera, porém são formas mais sutis e muitas vezes ainda não são consideradas um crime", disse a psicóloga.

Porém, Samira afirmou que, a partir do momento que a mulher começar a ser ofendida verbalmente ou ser ameaçada, já pode denunciar.

"É importante que ela faça a denúncia logo no início para já estar colibindo que violências mais graves venham a acontecer com ela", finalizou a psicóloga.

*Veja mais notícias do estado no **G1 SC***

15. Notícia utilizada para AD do período de 2018

Ex-marido confessa ter matado mulher a facadas em Araxá

Segundo delegado regional, motivo seria uma disputa por bens.

Por **MGTV**

03/10/2018 19h59 · Atualizado há 8 meses



O ex-marido de uma mulher de 38 anos, **morta a facadas em Araxá, Alto Paranaíba, na manhã desta quarta-feira (3)**, confessou a autoria do crime, segundo o delegado regional, Vitor Hugo Heisler. Ele era apontado como principal suspeito do crime, apresentou-se à polícia e foi ouvido no final da tarde.



De acordo com o delegado, a motivação para o crime, que é tratado como feminicídio seria uma disputa por bens.

O feminicídio é uma tipificação do crime de homicídio quando envolve violência doméstica ou familiar e "menosprezo ou discriminação à condição de mulher".

"Ele se apresentou na delegacia após ser orientado por um advogado e confessou o crime. Em seu depoimento, ele afirmou que cometeu o crime pois eles [o suspeito e a vítima] teriam se separado recentemente e eles estariam discordando sobre os bens, no caso, uma casa que possuíam", afirmou.

Ainda de acordo com o delegado, se condenado, o suspeito pode pegar de 12 a 30 anos de prisão.



Mulher foi morta por ex-marido em casa em Araxá — Foto: Reprodução/TV Integração

Crime

O crime foi registrado no Bairro Salomão Drummond. Segundo a polícia, o suspeito, que não teve a idade revelada, se apresentou com um advogado na delegacia por volta de meio-dia.

De acordo com a Polícia Militar (PM), o crime ocorreu por volta das 10h. Os militares foram chamados pelo Corpo de Bombeiros que encaminhou a vítima até a Unidade de Pronto Atendimento (UPA). Porém, ela não resistiu e morreu. A mulher, identificada como Joana Darc, foi atingida com facadas na barriga.

ARAXÁ
